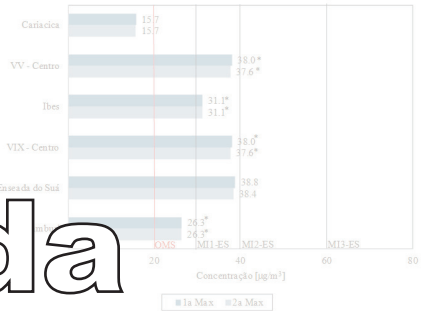


SO₂ - Concentração diária máxima



Relatório da Qualidade do Ar Grande Vitória

2011





Governo do Estado do Espírito Santo

Governador José Renato Casagrande

Secretaria Estadual de Meio Ambiente (SEAMA)

Secretária Diane Mara Ferreira Varanda Rangel

Instituto Estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos (IEMA)

Diretor Presidente Tarcísio José Föeger

Ficha técnica

Diretoria técnica: Elias Alberto Morgan

Gerência de Qualidade Ambiental: Mário Stella Cassa Louzada

Qualidade do ar: Alexsander Barros Silveira

Elaboração:

Jane Meri Santos

Engenheira Mecânica

Mestre em Engenharia Mecânica

PhD em Engenharia Química e Tecnologias Ambientais

Neyval Costa Reis Júnior

Engenheiro Mecânico

Mestre em Tecnologias Ambientais

PhD em Engenharia Química e Tecnologias Ambientais

Taciana Toledo de Almeida Albuquerque

Meteorologista

Mestre em Ciências Atmosféricas

Doutora em Ciências Atmosféricas

Leandro Melo de Sá

Físico

Mestre em Engenharia Ambiental

Doutor em Engenharia Ambiental

Elisa Valentim Goulart

Engenheira Civil

Mestre em Engenharia Ambiental

PhD em Meteorologia

Elson Silva Galvão

Engenheiro Ambiental

Mestre em Engenharia Ambiental

Lista de tabelas

Tabela 2.1. Padrões nacionais e estaduais de qualidade do ar e diretrizes da OMS. Entre parênteses aparece o tempo a ser considerado para o cálculo da concentração média prevista.	33
Tabela 2.2. Concentração dos poluentes ($\mu\text{g}/\text{m}^3$) para determinação dos níveis de atenção, alerta e emergência (Resolução CONAMA nº 03/90).	35
Tabela 2.3. Descrição das classes, índices e valores limites de concentração (em $\mu\text{g}/\text{m}^3$) para a determinação do IQA.	36
Tabela 4.1. Emissões dos poluentes para cada grupo de fontes analisados no inventário (Fonte: EcoSoft, 2011).	46
Tabela 5.1. Dados de localização das estações da RAMQAr.	54
Tabela 5.2. Parâmetros monitorados pelas estações da RAMQAr.	55
Tabela 5.3. Descrição da abrangência e fontes monitoradas por cada estação da RAMQAr de acordo com sua concepção original (Fonte: IEMA, 2007).	57
Tabela 5.4. Dados das estações de monitoramento de partículas sedimentadas.	58
Tabela 5.5. Descrição dos critérios de representatividade para os dados de monitoramento utilizados neste relatório.	62
Tabela 7.1. Valores das máximas médias de 24h e da média anual de concentração de MP_{10} em $\mu\text{g}/\text{m}^3$ (ano base 2011).	83
Tabela 7.2. Número de ultrapassagem dos valores limites de concentração de MP_{10} considerando o padrão nacional (PQAr) e estadual de qualidade do ar e as diretrizes da OMS (ano base 2011).	85
Tabela 7.3. Valores das máximas médias de 24h e da média anual de concentração de PTS em $\mu\text{g}/\text{m}^3$ (ano base 2011).	88
Tabela 7.4. Número de ultrapassagem dos valores limites de concentração de PTS considerando o padrão nacional (PQAr) e estadual de qualidade do ar (ano base 2011).	90

Tabela 7.5. Valores das máximas diárias e da média anual de concentração de SO ₂ em µg/m ³ (ano base 2011).	95
Tabela 7.6. Número de ultrapassagem dos valores limites de concentração de SO ₂ considerando o padrão nacional (PQAr) e estadual de qualidade do ar e as diretrizes da OMS (ano base 2011).	96
Tabela 7.7. Valores das máximas horárias e da média anual de concentração de NO e NO ₂ em µg/m ³ (ano base 2011).	99
Tabela 7.8. Número de ultrapassagens dos valores limites de concentração de NO ₂ considerando o padrão nacional (PQAr) e estadual de qualidade do ar e as diretrizes da OMS (ano base 2011) .	102
Tabela 7.9. Valores das máximas horárias de concentração de O ₃ em µg/m ³ (ano base 2011).	103
Tabela 7.10. Número de ultrapassagem dos valores limites de concentração de O ₃ considerando o padrão nacional (PQAr) e estadual de qualidade do ar e as diretrizes da OMS (ano base 2011) .	105
Tabela 7.11. Valores das máximas horárias e de 8h de concentração de CO em µg/m ³ (ano base 2011).	108
Tabela 7.12. Número de ultrapassagem dos valores limites de concentração de CO considerando o padrão nacional (PQAr) e estadual de qualidade do ar e as diretrizes da OMS (ano base 2011) .	109
Tabela 7.13. Valores das máximas diárias e da média anual de concentração de HCNM em ppm (ano base 2011).	112

Lista de figuras

- Figura 3.1.** Topografia do território na RMGV (Fonte: IJSN, 2014). 38
- Figura 3.2.** Uso e cobertura do solo na RMGV (Fonte: IJSN, 2014). 39
- Figura 3.3.** Normais climatológicas do município de Vitória durante o período de 1961 a 1990, para os seguintes parâmetros meteorológicos: precipitação acumulada mensal, temperatura média, temperatura mínima e temperatura máxima (Dados do INMET, 2014). 42
- Figura 4.1.** Localização das fontes de emissão de poluentes atmosféricos na RMGV: (a) fontes industriais; (b) vias de tráfego primárias consideradas para estimativa das emissões veiculares e (c) manchas urbanas dos municípios da RMGV (Fonte: EcoSoft, 2011). 47
- Figura 4.2.** Contribuições percentuais de cada grupo de fontes emissoras para as emissões de na RMGV: (a) PTS, (b) MP10, (c) MP_{2,5}, (d) SO₂, (e) NO_x, (f) CO e (g) COV (Fonte: EcoSoft, 2011). 49
- Figura 4.3.** Evolução anual da frota de veículos automotores registrados nos municípios da RMGV de 2003 a 2013 (Fonte: DENATRAN, 2014). 51
- Figura 4.4.** Evolução anual da taxa de crescimento da frota de veículos automotores registrados na RMGV de 2004 a 2013 (Fonte: DENATRAN, 2014). 52
- Figura 5.1.** Distribuição espacial das estações da Rede Automática de Monitoramento da Qualidade do Ar (RAMQAr) na RMGV (Adaptado de IJSN, 2014). 55
- Figura 5.2.** Distribuição espacial dos pontos de coleta de PS na RMGV (Adaptado de IJSN, 2014). 59
- Figura 5.3.** Coletor de partículas sedimentadas projetado de acordo com a norma ASTM D1739: (a) representação esquemática do coletor e suas dimensões e fotografias (b) do coletor instalado em uma estação da RAMQAr e (c) do detalhe da instalação do recipiente coletor. 60
- Figura 6.1.** Precipitação acumulada mensal na estação Carapina. 64
- Figura 6.2.** Temperatura média mensal, máxima e mínima nas estações: (a) Carapina e (b) Cariacica. 66

- Figura 6.3.** Temperatura média horária por estações do ano nas estações: (a) Carapina e (b) Cariacica. 66
- Figura 6.4.** Pressão atmosférica média mensal, máxima e mínima na estação Carapina. 67
- Figura 6.5.** Radiação solar média horária nos períodos de solstício e equinócio do ano na estação Carapina. 68
- Figura 6.6.** Radiação solar média mensal e máxima na estação Carapina. 68
- Figura 6.7.** Umidade relativa média horária nos períodos de solstício e equinócio nas estações: (a) Carapina e (b) Cariacica. 69
- Figura 6.8.** Umidade relativa média mensal, máxima e mínima nas estações: (a) Carapina e (b) Cariacica. 69
- Figura 6.9.** Evolução mensal da velocidade média, máxima e mínima nas estações: (a) Carapina, (b) Enseada do Suá, (c) Ibes, (d) Cariacica e (e) Aeroporto. 71
- Figura 6.10.** Rosa dos ventos anual nas estações: (a) Carapina; (b) Enseada do Suá; (c) Ibes; e (d) Aeroporto. 72
- Figura 6.11.** Distribuição de frequência de ocorrência das classes de vento na Estação Aeroporto. 73
- Figura 6.12.** Rosa dos ventos para o mês de janeiro nas estações: (a) Carapina; (b) Enseada do Suá; (c) Ibes; e (d) Aeroporto. 74
- Figura 6.13.** Rosa dos ventos para o mês de fevereiro nas estações: (a) Carapina; (b) Enseada do Suá; (c) Ibes; e (d) Aeroporto. 75
- Figura 6.14.** Rosa dos ventos para o mês de março nas estações: (a) Carapina; (b) Enseada do Suá; (c) Ibes; e (d) Aeroporto. 75
- Figura 6.15.** Rosa dos ventos para o mês de abril nas estações: (a) Carapina; (b) Enseada do Suá; (c) Ibes; e (d) Aeroporto. 76
- Figura 6.16.** Rosa dos ventos para o mês de maio nas estações: (a) Carapina; (b) Enseada do Suá; (c) Ibes; e (d) Aeroporto. 76
- Figura 6.17.** Rosa dos ventos para o mês de junho nas estações: (a) Carapina; (b) Enseada 77

do Suá; (c) Ibes; e (d) Aeroporto.

Figura 6.18. Rosa dos ventos para o mês de julho nas estações: (a) Carapina; (b) Enseada do Suá; (c) Ibes; e (d) Aeroporto. 77

Figura 6.19. Rosa dos ventos para o mês de agosto nas estações: (a) Carapina; (b) Enseada do Suá; (c) Ibes; e (d) Aeroporto. 78

Figura 6.20. Rosa dos ventos para o mês de setembro nas Estações: (a) Carapina; (b) Enseada do Suá; (c) Ibes; e (d) Aeroporto. 78

Figura 6.21. Rosa dos ventos para o mês de outubro nas estações: (a) Carapina; (b) Enseada do Suá; (c) Ibes; e (d) Aeroporto. 79

Figura 6.22. Rosa dos ventos para o mês de novembro nas estações: (a) Carapina; (b) Enseada do Suá; (c) Ibes; e (d) Aeroporto. 79

Figura 6.23. Rosa dos ventos para o mês de dezembro nas estações: (a) Carapina; (b) Enseada do Suá; (c) Ibes; e (d) Aeroporto. 80

Figura 6.24. Número de horas desfavoráveis à dispersão de poluentes na estação Aeroporto. 81

Figura 7.1. Concentração máxima média de 24h de MP_{10} nas estações da RAMQAr (ano base 2011). PQAr indica o padrão nacional de qualidade do ar. MI1-ES, MI2-ES e MI3-ES são as metas intermediárias. OMS representa a diretriz da Organização Mundial de Saúde para o referido poluente, que equivale ao padrão final preconizado na legislação estadual (PF-ES). Valores destacados com * são considerados não-representativos. 83

Figura 7.2. Concentração média anual de MP_{10} nas estações da RAMQAr (ano base 2011). PQAr indica o padrão nacional de qualidade do ar. MI1-ES, MI2-ES e MI3-ES são as metas intermediárias. OMS representa a diretriz da Organização Mundial de Saúde para o referido poluente, que equivale ao padrão final preconizado na legislação estadual (PF-ES). Valores destacados com * são considerados não-representativos. 84

Figura 7.3. Índice de qualidade do ar com referencia ao poluente MP_{10} nas estações da RAMQAr (ano base 2011). 86

Figura 7.4. Perfil de concentração média de MP_{10} nas estações da RAMQAr com relação 87

à direção do vento** (gráfico de radar): (a) Laranjeiras; (b) Carapina; (c) Jardim Camburi; (d) Enseada do Suá; (e) VIX-Centro; (f) Ibes; e (g) Cariacica.

Figura 7.5. Concentração máxima média de 24h de PTS nas estações da RAMQAr (ano base 2011). PQAr indica o padrão nacional de qualidade do ar. MI1-ES, MI2-ES e MI3-ES são as metas intermediárias e PF-ES é o padrão final preconizado na legislação estadual. Valores destacados com * são considerados não-representativos. 88

Figura 7.6. Concentração média anual de PTS nas estações da RAMQAr (ano base 2011). PQAr indica o padrão nacional de qualidade do ar. MI1-ES, MI2-ES e MI3-ES são as metas intermediárias e PF-ES é o padrão final preconizado na legislação estadual. Valores destacados com * são considerados não-representativos. 91

Figura 7.7. Índice de qualidade do ar com base no poluente PTS nas estações da RAMQAr (ano base 2011). 91

Figura 7.8. Perfil de concentração média horária de PTS nas estações da RAMQAr com relação à direção do vento** (gráfico de radar): (a) Laranjeiras; (b) Carapina; (c) Jardim Camburi; (d) Enseada do Suá; (e) VIX-Centro; (f) Ibes e (g) Cariacica. 92

Figura 7.9. Taxa de deposição de partículas ($\text{g}/\text{m}^2/30$ dias) nas estações de monitoramento de PS (ano base 2011). 94

Figura 7.10. Concentração diária máxima de SO_2 nas estações da RAMQAr (ano base 2011). PQAr indica o padrão nacional de qualidade do ar. MI1-ES, MI2-ES e MI3-ES são as metas intermediárias. OMS representa a diretriz da Organização Mundial de Saúde para o referido poluente, que equivale ao padrão final preconizado na legislação estadual (PF-ES). Valores destacados com * são considerados não-representativos. 97

Figura 7.11. Concentração média anual de SO_2 nas estações da RAMQAr (ano base 2011). PQAr indica o padrão nacional de qualidade do ar. MI1-ES, MI2-ES e MI3-ES são as metas intermediárias. Valores destacados com * são considerados não-representativos. 98

Figura 7.12. Índice de qualidade do ar com referência ao poluente SO_2 nas estações da RAMQAr (ano base 2011). 98

Figura 7.13. Perfil de concentração média horária de SO_2 nas estações da RAMQAr com relação à direção do vento** (gráfico de radar): (a) Laranjeiras; (b) Jardim Camburi; (c) Enseada do Suá; (d) VIX-Centro; (e) Ibes; e (f) Cariacica. 100

Figura 7.14. Concentrações horária máximas de NO₂ nas estações da RAMQAr (ano base 2011). OMS representa a diretriz da Organização Mundial de Saúde para o referido poluente, que equivale ao padrão final preconizado na legislação estadual (PF-ES). 101

Figura 7.15. Concentrações médias anuais de NO₂ nas estações da RAMQAr (ano base 2011). PF-ES é o padrão final preconizado na legislação estadual. 101

Figura 7.16. Índice de qualidade do ar referente ao poluente NO₂ nas estações da RAMQAr (ano base 2011). 103

Figura 7.17. Perfil de concentração média horária de NO₂ nas estações da RAMQAr com relação à direção do vento (gráfico de radar): (a) Laranjeiras**; (b) Jardim Camburi**; (c) Enseada do Suá; (d) VIX-Centro**; (e) Ibes; e (f) Cariacica**. 104

Figura 7.18. Concentração média 8h máxima de O₃ nas estações da RAMQAr (ano base 2011). PQAr indica o padrão nacional de qualidade do ar. MI1-ES, MI2-ES e MI3-ES são as metas intermediárias. OMS representa a diretriz da Organização Mundial de Saúde para o referido poluente, que equivale ao padrão final preconizado na legislação estadual (PF-ES). Valores destacados com * são considerados não-representativos. 105

Figura 7.19. Concentração horária máxima de O₃ nas estações da RAMQAr (ano base 2011). PQAr indica o padrão nacional de qualidade do ar. Valores destacados com * são considerados não-representativos. 106

Figura 7.20. Índice de qualidade do ar com referência ao poluente O₃ nas estações da RAMQAr (ano base 2011). 106

Figura 7.21. Perfil de concentração média horária de O₃ nas estações da RAMQAr com relação à direção do vento (gráfico de radar): (a) Laranjeiras**; (b) Enseada do Suá** e (c) Ibes; e (d) Cariacica**. 107

Figura 7.22. Concentração média de 8h máxima de CO nas estações da RAMQAr (ano base 2011). 108

Figura 7.23. Concentração horária máxima de CO nas estações da RAMQAr (ano base 2011). 109

Figura 7.24. Índice de qualidade do ar com referência ao poluente CO nas estações da RAMQAr (ano base 2011). 110

Figura 7.25. Perfil de concentração média horária de CO nas estações da RAMQAr com relação à direção do vento (gráfico de radar): (a) Laranjeiras**;
111 (b) Enseada do Suá**;
(c) VIX-Centro**;
(d) Ibes** e (e) Cariacica**.

Figura 7.26. Concentração diária máxima de HCNM nas estações da RAMQAr (ano base 112 2011).

Figura 7.27. Concentração média anual de HCNM nas estações da RAMQAr (ano base 113 2011).

Figura 7.28. Perfil de concentração média horária de HCNM nas estações da RAMQAr 113 com relação à direção do vento (gráfico de radar): (a) Enseada do Suá**;
(b) VIX-Centro**;
e (c) Ibes.

Figura 8.1. Sumário dos principais resultados de monitoramento para cada estação na 116 RMGV.

Resumo Executivo

Este documento faz parte de uma série de relatórios de qualidade do ar elaborados para os anos entre 2008 e 2013. Os objetivos deste Relatório de Qualidade do Ar consistem em (i) divulgar ao público as informações relativas à qualidade do ar na Região Metropolitana da Grande Vitória (RMGV) referente ao ano base 2011, (ii) auxiliar o gerenciamento da qualidade do ar, (iii) subsidiar políticas públicas a fim de melhorar a qualidade do ar na região e (iv) dar transparência às informações geradas pelo monitoramento da qualidade do ar no estado.

Este relatório apresenta o diagnóstico da qualidade do ar na RMGV, a partir dos dados da rede de monitoramento da qualidade do ar referentes ao ano de 2011. O relatório apresenta também informações relativas às condições meteorológicas observadas em 2011 e as principais fontes de emissão.

O Instituto Estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos (IEMA) divulga diariamente os índices de qualidade do ar na RMGV nos jornais locais e na página eletrônica <http://www.meioambiente.es.gov.br>. Entretanto, a divulgação deste relatório anual é uma oportunidade para identificar as principais tendências da poluição do ar e as desconformidades no monitoramento a fim de propor possíveis ações para a melhoria da qualidade do ar e aprimorar a confiabilidade dos dados monitorados.

Monitoramento da qualidade do ar e das condições meteorológicas

O monitoramento da qualidade do ar e das condições meteorológicas na RMGV é efetuado por 2 conjuntos complementares de estações de monitoramento: (i) a rede automática de monitoramento da qualidade do ar (RAMQAr) e (ii) a rede manual de monitoramento de partículas sedimentadas. Ambas as redes são de propriedade de IEMA, que gerencia a operação e manutenção, e têm como objetivo medir a exposição da população aos poluentes: partículas totais em suspensão (PTS), partículas com diâmetro menor que 10 µm (MP₁₀), dióxido de enxofre (SO₂), óxidos de nitrogênio (NO_x), hidrocarbonetos (HC), ozônio (O₃), monóxido de carbono (CO) e partículas sedimentadas (ou sedimentáveis, conforme indicado no Decreto Estadual nº 3463-R)(PS). Além dos dados de qualidade do ar são monitorados os seguintes parâmetros meteorológicos: direção e velocidade do vento, temperatura, umidade relativa, radiação solar, pressão atmosférica e precipitação. A RAMQAr tornou-se operacional em 2001, enquanto a rede manual de monitoramento de partículas sedimentadas iniciou sua operação em abril de 2009.

O número e a distribuição das estações de monitoramento de qualidade do ar em operação na RMGV não são suficientes para a caracterização detalhada da poluição do ar em todo o seu território. As estações da RAMQAr e da rede manual de monitoramento de partículas sedimentadas estão localizadas em quatro dentre os sete municípios da RMGV, em localizações consideradas estratégicas para o direcionamento de políticas de gestão e de controle.

As principais fontes emissoras na RMGV

Em uma região urbana altamente industrializada em processo de expansão, como a RMGV, a qualidade do ar é afetada principalmente por veículos automotores, por empreendimentos industriais e pelas atividades da construção civil. Além disso, a RMGV conta ainda com um complexo sistema portuário. De acordo com os dados fornecidos pelo Inventário de Emissões Atmosféricas da Região da Grande Vitória produzido pela empresa EcoSoft Consultoria e Softwares Ambientais em 2011, a principal fonte emissora de partículas na região são veículos automotores que representa mais de 60% das emissões de partículas ligadas à ressuspensão de partículas em vias. O segundo grupo mais importante para a emissão de partículas é o setor industrial minero-siderúrgico. O terceiro grupo mais relevante é o setor logístico que inclui portos e aeroportos. O inventário não contempla as atividades da construção civil.

Para o poluente SO_2 , as principais fontes são: a indústria minero-siderúrgica e o setor de logística (portos e aeroportos). Para o poluente CO, as principais fontes são: a indústria minero-siderúrgica e os veículos automotores. Para os hidrocarbonetos não-metano (HCNM), também denominados compostos orgânicos voláteis não-metano (COVNM), as principais fontes são: os veículos, seguidos por atividades residenciais e comerciais, seguidas por estocagem e comercialização de combustíveis, indústrias química e minero-siderúrgicas. O O_3 é um poluente secundário, proveniente das reações fotoquímicas dos óxidos de nitrogênio na atmosfera, bem como dos HCNM e CO (SEINFELD e PANDIS, 2006). Portanto, as fontes emissoras de NO_x , HCNM e CO são responsáveis indiretas pela presença de O_3 no ambiente.

Com relação ao inventário de emissões atmosféricas, é importante considerar a necessidade de atualização visto que desde quando foram realizadas as medições das emissões nas fontes, houve alteração das emissões veiculares (devido ao aumento da frota) e industriais (devido a expansão, bem como aos processos de controle instalados). Também há de ser considerada a necessidade de inclusão das atividades da construção civil como fonte de emissão de poluentes atmosféricos no inventário.

Condições meteorológicas

A qualidade do ar é diretamente influenciada pela distribuição e intensidade das emissões de poluentes atmosféricos de origem veicular e industrial, além da topografia e das condições meteorológicas.

As condições meteorológicas são monitoradas nas estações Enseada do Suá, Ibes, Cariacica e Carapina. Neste relatório também foram utilizados dados da estação meteorológica da rede de meteorologia do comando da aeronáutica (REDEMET) localizada no aeroporto de Vitória para complementar as análises de direção e velocidade do vento em 2011.

Em 2011, a precipitação pluviométrica foi 1227,6 mm, apenas 24,7 mm abaixo da normal climatológica (1252,3 mm). As chuvas ocorreram abaixo da média histórica em Vitória no início do ano devido principalmente ao deslocamento mais ao sul de alguns episódios de ZCAS que se configuraram em janeiro e fevereiro de 2011. Em todos os meses choveu menos que a normal climatológica de Vitória, exceto os meses de março, abril e outubro que registraram acumulados mensais de 258,8 mm, 357,4 mm e 172 mm, respectivamente. Choveu aproximadamente o dobro do esperado em março e quatro vezes o valor histórico para o mês de abril. Outubro choveu dentro do esperado, registrando 27,6 mm a mais que a normal climatológica do mês. Os dados registrados em Vitória de temperatura, umidade relativa e radiação solar apresentaram valores correspondentes às respectivas normais climatológicas. Com relação aos registros de velocidade do vento (Carapina, Cariacica, Enseada do Suá, Ibes e Aeroporto) e pressão atmosférica (Carapina), observou-se que estes parâmetros estiveram abaixo da normal climatológica.

Com relação à direção predominante do vento na região, existiu a predominância dos ventos norte-nordeste entre janeiro e fevereiro nas estações de Carapina, Ibes e Aeroporto, porém, na estação da Enseada do Suá as direções predominantes foram nas direções nordeste-leste. A partir de março os ventos começaram a mudar de direção, apresentando ventos oriundos também da direção sul-sudoeste-oeste. Em maio observou-se o enfraquecimento dos ventos de norte-nordeste e assim, a estação da Enseada do Suá apresentou comportamento semelhante às demais estações, com ventos predominantes do terceiro quadrante. Os demais meses do período seco apresentou altas frequências de várias direções, norte e sul nos meses de junho e julho. A partir do mês de agosto, a direção predominante do vento torna-se novamente norte e nordeste, mantendo-se até dezembro. Em 2011, foram identificados vinte dias com condições meteorológicas desfavoráveis à dispersão dos poluentes na atmosfera caracterizadas por pelo menos 25% das horas em calmaria e ausência de precipitação, onde 60% desses dias ficaram concentrados nos meses de março e abril. O maior número de horas desfavoráveis à dispersão

de poluentes ocorreu entre os meses de fevereiro e julho, coincidindo com os meses em que a velocidade média do vento foi menos intensa. Vale ressaltar que 2011 foi um ano que choveu dentro da normal climatológica, mas com a existência de 157,3 mm de déficit hídrico no período de seco (maio a setembro).

Os poluentes e a legislação

Os poluentes do ar que possuem padrão de qualidade do ar legislado pelo Conselho Nacional de Meio Ambiente (resolução CONAMA nº 03/90) são: partículas inaláveis (MP_{10}), partículas totais em suspensão (PTS), fumaça, dióxido de enxofre (SO_2), dióxido de nitrogênio (NO_2), ozônio (O_3) e monóxido de carbono (CO).

Em dezembro de 2013, foi expandida, por meio de Decreto Estadual, a lista de poluentes que possuem padrão de qualidade do ar em relação àqueles legislados na esfera federal e os respectivos valores limites de concentração foram revisados. Estrategicamente, a legislação estadual apresentou três metas intermediárias (MI1, MI2 e MI3) e um padrão final (PF) para cada poluente de interesse, sendo a meta intermediária MI1, o valor referencial legal a partir de dezembro de 2013 e o valor de PF idêntico às diretrizes da Organização Mundial de Saúde (OMS) para os poluentes de interesse analisados por essa Organização. Os poluentes com padrões legislados no estado do Espírito Santo são: partículas inaláveis (MP_{10}), partículas totais em suspensão (PTS), dióxido de enxofre (SO_2), dióxido de nitrogênio (NO_2), ozônio (O_3) e monóxido de carbono (CO), além de partículas respiráveis ($MP_{2,5}$) e partículas sedimentadas (PS).

Os resultados do monitoramento da qualidade do ar na RMGV em 2011 são apresentados abaixo por poluente de interesse.

Partículas inaláveis (MP_{10})

Não houve ultrapassagem do padrão CONAMA de qualidade do ar (PQAr) relativo a curta exposição ao MP_{10} (relacionados aos efeitos agudos à saúde), em todas as estações. Não houve ultrapassagem da meta intermediária MI1 relativa a curta exposição ao MP_{10} , exceto na estação Cariacica (3 dias de ultrapassagem). Entretanto, houve ultrapassagem do padrão final estadual PF e da diretriz OMS nas estações: Cariacica (183 dias), Laranjeiras (69 dias), Ibes (49 dias), VIX-Centro (29 dias), Enseada do Suá (27 dias), Carapina (5 dias) e Jardim Camburi (1 dia). Na estação Cariacica, essas ultrapassagens ocorreram durante todo ano. Nas estações Laranjeiras e Ibes, as ultrapassagens ocorreram de forma distribuída entre maio e dezembro, e entre março e outubro, respectivamente. Na estação VIX-Centro, as ultrapassagens ocorreram em todos os meses, exceto janeiro, maio, outubro e dezembro. Na estação Enseada do Suá, as ultrapassagens

foram distribuídas entre fevereiro e outubro, enquanto na estação Carapina, entre maio e junho. Finalmente, na estação Jardim Camburi, ocorreu apenas uma ultrapassagem em dezembro.

Também não houve ultrapassagem do padrão CONAMA de qualidade do ar (PQAr), considerando os valores referenciais para longa exposição ao MP_{10} (relacionados aos efeitos crônicos à saúde). Entretanto, houve ultrapassagem da meta intermediária MI1 (valor referencial legal no ES desde dezembro de 2013) na estação Cariacica. Houve também, ultrapassagem da diretriz OMS e do padrão final estadual PF (valores idênticos) em todas as estações.

Partículas totais em suspensão (PTS)

Houve ultrapassagem do PQAr nacional primário para curta exposição ao PTS na estação Laranjeiras em apenas um dia e do PQAr nacional secundário nas estações VIX-Centro (1 dia), Laranjeiras (7 dias) e Cariacica (50 dias). A meta intermediária estadual MI1 foi ultrapassada na estação Cariacica (19 dias) e na estação Laranjeiras (5 dias). O padrão final estadual PF para curta exposição ao PTS foi ultrapassado nas estações Cariacica (50 dias), Laranjeiras (7 dias) e VIX-Centro (1 dia). Nas outras estações não houve ultrapassagem. Na estação Laranjeiras, o PQAr primário foi ultrapassado apenas em novembro, enquanto o PQAr secundário nos meses de setembro, novembro e dezembro. A meta intermediária estadual MI1 foi ultrapassada em novembro e o padrão final estadual PF nos meses de setembro, novembro e dezembro. Na estação VIX-Centro, o PQAr secundário e o padrão final estadual PF foram ultrapassados apenas em junho. Na estação Cariacica, o PQAr nacional secundário e o padrão final estadual PF foram ultrapassados durante todo o ano, exceto nos meses de janeiro e novembro. A meta MI1 foi ultrapassada nos meses de março a junho e em outubro.

Considerando os valores referenciais para longa exposição ao poluente, não houve ultrapassagem do PQAr primário, entretanto, houve ultrapassagem do PQAr secundário e da meta intermediária MI1 e do PF, na estação Cariacica.

Partículas sedimentadas (PS)

Houve ultrapassagem do valor limite estabelecido na legislação estadual de 2013 (meta intermediária MI1) para a taxa de deposição de partículas sedimentadas nas estações Laranjeiras (2 meses), Cariacica (2 meses), Enseada do Suá e Banca Central (1 mês) durante o ano de 2011.

Dióxido de enxofre (SO₂)

Não houve ultrapassagem do PQAr nacional para curta e longa exposição ao SO₂, em todas as estações. Houve ultrapassagem da meta intermediária MI1 na estação Jardim Camburi (15 dias de ultrapassagem) durante 2011. Entretanto, houve ultrapassagem da diretriz OMS e do padrão

estadual PF-ES em todas as estações (Jardim Camburi (333 dias), Enseada do Suá (314 dias), VIX-Centro (262 dias), Ibes (174 dias), Laranjeiras (43 dias) e Cariacica (40 dias)). Nas estações Jardim Camburi, Enseada do Suá, VIX-Centro e Ibes, essas ultrapassagens ocorreram durante todos os meses, exceto em maio na estação VIX-Centro. Na estação Laranjeiras, as ultrapassagens ocorreram de forma distribuída nos meses de janeiro, março e entre maio e outubro. Finalmente, na estação Cariacica, as ultrapassagens ocorreram nos meses de fevereiro e entre junho e outubro.

Dióxido de nitrogênio

Não houve ultrapassagem do PQAr, nem das metas intermediárias do PF para curta e longa exposição ao poluente NO₂, em todas as estações.

Ozônio

Não houve ultrapassagem do PQAr e da meta intermediária MII. Entretanto, houve ultrapassagem do PF (idêntico a diretriz da OMS) para o poluente O₃ nas estações Ibes (6 dias) e Cariacica (1 dia).

Monóxido de carbono

Não houve ultrapassagem do PQAr, nem do PF para 1h e 8h (idêntico a diretriz da OMS) em todas as estações para o poluente CO.

HCNM

Não existem diretrizes ou padrões conhecidos para hidrocarbonetos usados como valores referência para proteção à saúde. Os valores referenciais encontrados na literatura são estabelecidos para determinados hidrocarbonetos ou grupos de hidrocarbonetos.

Epílogo

O PTS e MP₁₀ representam problemas de poluição do ar em Cariacica e Laranjeiras, pois as metas MII estaduais de PTS e MP₁₀ vigentes foram ultrapassadas. A meta MII estadual para SO₂ foi ultrapassada em Jardim Camburi. Nas outras estações, o MP₁₀ e o SO₂ não ultrapassaram os valores referenciais da legislação, entretanto, ultrapassaram os padrões finais que devem ser alcançados em futuro próximo em todas as estações e, portanto, devem ser elaborados planos estratégicos para a redução da concentração desses poluentes na RMGV. As partículas sedimentadas ultrapassaram o valor referencial na legislação estadual de 2013 nas estações Laranjeiras, Cariacica e Banca Central. Além disso, os valores de taxa de deposição de

PS ultrapassaram $10 \text{ g/m}^2/30$ dias nas estações Enseada do Suá (11 meses), Cariacica (9 meses), Banca Central (8 meses), Laranjeiras (7 meses), Ibes (4 meses), VIX-Centro (3 mês) e SENAC (2 meses). Assim, deve se elaborar planos estratégicos para a redução do incômodo causado por esse poluente.

Sumário

Ficha técnica.....	3
Lista de tabelas.....	4
Lista de figuras.....	6
Resumo Executivo	12
Sumário	19
1. Introdução	21
2. Poluentes Atmosféricos.....	23
2.1. Descrição dos principais poluentes, seus efeitos e fontes	23
2.1.1 Material particulado	24
2.1.2. Dióxido de enxofre.....	25
2.1.3. Dióxido de nitrogênio.....	26
2.1.4. Ozônio	26
2.1.5. Monóxido de carbono.....	27
2.2. Breve histórico da regulamentação sobre qualidade do ar	27
2.3. Padrões de qualidade do ar.....	32
2.4. Índice de qualidade do ar	34
3. Aspectos Gerais da RMGV	37
3.1. Aspectos sócio-demográficos.....	37
3.2. Aspectos sócio-econômicos	40
3.3. Clima local	40
4. Fontes de Poluição do Ar na RMGV	44
4.1. Descrição do inventário de emissões atmosféricas da RMGV	44
4.2. Descrição das fontes de poluição do ar na RMGV	45
4.3. Considerações adicionais sobre as fontes de poluição do ar na RMGV	50
5. Monitoramento da Qualidade do Ar e das Condições Meteorológicas na RMGV	53
5.1. Redes de monitoramento.....	53

5.1.1. Rede automática de monitoramento da qualidade do ar (RAMQAr).....	54
5.1.2. Rede manual de monitoramento de partículas sedimentadas	56
5.2. Métodos de tratamento de dados	58
5.2.1. Representatividade dos dados	61
6. Condições Meteorológicas Observadas na RMGV	63
7. Qualidade do Ar na RMGV	82
7.1. Material particulado	82
7.1.1. Partículas inaláveis (MP ₁₀).....	82
7.1.2. Partículas totais em suspensão (PTS).....	88
7.1.3. Partículas sedimentadas (PS).....	93
7.2. Dióxido de enxofre (SO ₂).....	95
7.3. Dióxido de nitrogênio (NO ₂).....	99
7.4. Ozônio (O ₃)	103
7.5. Monóxido de carbono (CO)	108
7.6. Hidrocarbonetos não metano (HCNM)	111
8. Considerações Finais.....	114
9. Referências.....	118

1. Introdução

A Organização Mundial de Saúde (OMS) divulgou novas estimativas em 24 de março de 2014, sobre o impacto da poluição do ar na saúde. Essas novas estimativas foram baseadas em dados de mortalidade em 2012 no mundo e novas evidências sobre o risco à saúde causado pela exposição à poluição do ar. A OMS informou que cerca de 3,7 milhões de mortes ocorreram em 2012 associadas à poluição do ar em ambientes externos: isquemia cardíaca (40%), enfarte (40%), obstruções pulmonares crônicas (11%), câncer de pulmão (6%), infecções respiratórias em crianças (3%). Enquanto a poluição do ar em ambientes internos foi associada a 4,3 milhões de mortes por enfarte (34%), isquemia cardíaca (26%), obstruções pulmonares crônicas (22%), infecções respiratórias em crianças (12%) e câncer de pulmão (6%).

Nesse contexto, é importante monitorar os poluentes atmosféricos de forma sistemática a fim de diagnosticar a qualidade do ar nas regiões urbanas e, a partir desse diagnóstico, estabelecer estratégias para garantir a qualidade de vida das populações.

A Região Metropolitana da Grande Vitória (RMGV) é uma região urbana altamente industrializada em processo de expansão, sendo a qualidade do ar afetada pela emissão de poluentes provenientes de veículos automotores e de grandes empreendimentos industriais, além do setor de logística devido à existência de um grande complexo portuário e de aeroporto na região. A qualidade do ar é diretamente influenciada pela distribuição e intensidade das emissões de poluentes atmosféricos de origem veicular e industrial, mas as condições meteorológicas e de topografia são determinantes para a distribuição espacial e temporal dos contaminantes na região.

O monitoramento da qualidade do ar e das condições meteorológicas na RMGV é efetuado pela rede automática de monitoramento da qualidade do ar (RAMQAr) e pela rede manual de

monitoramento de partículas sedimentadas. A RAMQAr é composta por 8 estações de monitoramento da qualidade do ar nos bairros de Laranjeiras, Jardim Camburi, Carapina, Enseada do Suá, Centro de Vitória, Cariacica, Ibes e Centro de Vila Velha. Essa rede monitora os seguintes poluentes: partículas totais em suspensão (PTS), partículas com diâmetro menores que 10 µm (MP₁₀), dióxido de enxofre (SO₂), óxidos de nitrogênio (NO_x), hidrocarbonetos totais e não-metanos (HCT e HCNM), monóxido de carbono (CO) e ozônio (O₃). Além dos dados de qualidade do ar são monitorados parâmetros meteorológicos, como direção e velocidade do vento, temperatura, umidade relativa, radiação solar, pressão atmosférica e precipitação.

Este documento faz parte de uma série de relatórios sobre a qualidade do ar na RMGV para os anos entre 2008 e 2013. O objetivo deste relatório é apresentar o diagnóstico da qualidade do ar na RMGV para o ano de 2013, incluindo as principais tendências da poluição do ar e meteorologia na região. Este relatório visa, ainda, subsidiar a formulação de diretrizes gerenciais e políticas públicas para a melhora da qualidade do ar na RMGV. Assim, além dos dados de qualidade do ar na RMGV em 2013, são também apresentadas informações sobre as fontes presentes na região, as condições meteorológicas observadas e a legislação vigente que regula a qualidade do ar. Para tanto, este documento foi organizado em 9 capítulos. Após este texto introdutório, o Capítulo 2 descreve os principais poluentes atmosféricos e expõe um breve histórico da legislação sobre a poluição do ar, apresentando os padrões nacionais de qualidade do ar e aqueles vigentes no estado do Espírito Santo, além das diretrizes propostas pela Organização Mundial da Saúde (OMS). O Capítulo 3 descreve a RMGV, apresentando e discutindo alguns aspectos relevantes para a gestão qualidade do ar na região. O Capítulo 4 apresenta as principais fontes a partir de dados do inventário de emissões. O Capítulo 5 descreve o monitoramento da qualidade do ar e dos parâmetros meteorológicos realizados pelo Instituto Estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos (IEMA) e a metodologia empregada para o tratamento dos dados obtidos pelas redes de monitoramento para a construção deste relatório anual de qualidade do ar. O Capítulo 6 descreve as condições meteorológicas observadas na RMGV em 2013 e, finalmente, o Capítulo 7 apresenta e discute os dados de qualidade do ar na RMGV em 2013. As considerações finais são indicadas no Capítulo 8 e as referências da literatura consultada para a construção deste relatório estão listadas no Capítulo 9.

2. Poluentes Atmosféricos

Este capítulo tem o objetivo de fornecer as informações básicas sobre os parâmetros de controle ligados à qualidade do ar, descrevendo principais poluentes atmosféricos e a legislação sobre a poluição do ar. Nesse contexto, este capítulo está dividido em 3 seções principais. A Seção 2.1 descreve os principais poluentes atmosféricos, suas fontes e seus efeitos. A Seção 2.2 introduz um breve histórico da legislação sobre a poluição do ar. A Seção 2.3 apresenta os padrões nacionais de qualidade do ar e aqueles vigentes no estado do Espírito Santo, além das diretrizes propostas pela Organização Mundial da Saúde (OMS). A Seção 2.4 descreve o índice de qualidade do ar, que é uma das formas internacionalmente mais empregadas para simplificar o processo de divulgação da qualidade do ar.

2.1. Descrição dos principais poluentes, seus efeitos e fontes

A legislação brasileira define como poluente atmosférico qualquer forma de matéria ou energia que tornem o ar impróprio, nocivo ou ofensivo à saúde; inconveniente ao bem-estar público; danoso aos materiais, à fauna e flora e prejudicial à segurança, ao uso e gozo da propriedade e às atividades normais da comunidade. Essa definição é bastante ampla, pois considera não somente os efeitos deletérios sobre a saúde, fauna, flora e bens materiais, mas também o conceito mais subjetivo de bem-estar público. Assim, são importantes para o estudo da qualidade do ar as substâncias que geram dano à saúde, fauna e flora e as substâncias que estão relacionadas ao incômodo da população, tais como compostos odorantes, por exemplo. Com base nessa definição, o número substâncias consideradas como poluentes atmosféricos é bastante elevado, incluindo desde poluentes comuns e abundantes em regiões urbanas, como

material particulado ou dióxido de enxofre, até substâncias pouco abundantes e com baixo limite de detecção como compostos radiativos ou alguns hidrocarbonetos.

Nesse contexto, esta seção apresenta descrição dos principais poluentes atmosféricos, suas fontes e efeitos. Devido às limitações de espaço e de escopo deste trabalho, os poluentes aqui apresentados estão limitados àqueles que são contemplados com padrões de qualidade do ar na legislação vigente. Para uma descrição mais aprofundada desses e de outros poluentes não citados aqui, o leitor deve consultar Holgate *et al.* (1999).

2.1.1 Material particulado

O material particulado (MP) pode ser sólido ou líquido, de granulometria, forma e composição química variada de acordo com sua fonte de origem e os processos físicos e químicos de transformação aos quais foi submetido durante seu transporte na atmosfera.

Os efeitos causados à saúde são predominantemente relacionados aos sistemas respiratórios e cardiovasculares e a sensibilidade está associada às condições individuais de saúde e faixa etária, embora toda a população seja afetada. De acordo com a OMS (WHO, 2006), não existem evidências suficientes que indiquem um limite abaixo do qual não ocorram efeitos à saúde humana. Os efeitos à saúde podem ser causados por exposição de longo ou curto prazo ao poluente.

O material particulado, apesar das diferenças em composição química e forma, é principalmente classificado por seu diâmetro aerodinâmico que indica o potencial e o local de deposição da partícula no trato respiratório. O diâmetro aerodinâmico corresponde ao tamanho de uma partícula com densidade absoluta unitária (1 g m^{-3}) e formato esférico que possui as mesmas características aerodinâmicas da partícula de interesse. Assim, o material particulado é usualmente classificado como: partículas totais em suspensão (PTS), partículas com diâmetro aerodinâmico inferior a $10 \text{ }\mu\text{m}$ (ou partículas inaláveis, MP_{10}), partículas finas com diâmetro aerodinâmico inferior a $2,5 \text{ }\mu\text{m}$ (ou partículas respiráveis, $\text{MP}_{2,5}$), partículas ultrafinas com diâmetro aerodinâmico inferior a $0,1 \text{ }\mu\text{m}$ ($\text{MP}_{0,1}$) e partículas sedimentadas (ou sedimentáveis, conforme indicado no Decreto Estadual nº 3463-R) (PS).

Partículas totais em suspensão (PTS) são representadas por todas as partículas em suspensão na atmosfera com larga faixa granulométrica e capazes de serem amostradas pelo equipamento de medição em uso. Tipicamente, o diâmetro aerodinâmico dessas partículas varia desde $0,005 \text{ }\mu\text{m}$ a maiores que $100 \text{ }\mu\text{m}$. MP_{10} são partículas em suspensão na atmosfera com diâmetro aerodinâmico inferior a $10 \text{ }\mu\text{m}$ (incluindo as partículas das modas grossa, fina e ultrafina) que penetram o sistema respiratório e são emitidas, principalmente, por processos mecânicos

existentes nas atividades da construção civil e pela ressuspensão de partículas em vias devido ao tráfego ou à erosão eólica, entre outras. Por outro lado, $MP_{2,5}$ são consideradas partículas finas em suspensão que possuem diâmetro aerodinâmico inferior a 2,5 μm produzidas principalmente, em processos de combustão. As $MP_{2,5}$ alojam-se no bronquíolo terminal, enquanto as outras frações de partículas menores que 10 μm ficam retidas no nariz e nasofaringe, podendo ser, posteriormente, eliminadas do sistema respiratório pelos mecanismos de defesa do organismo humano (HOLGATE *et al.*, 1999). Existem, ainda, as partículas ultrafinas ($MP_{0,1}$) em suspensão que possuem diâmetro aerodinâmico inferior a 0,1 μm cujos efeitos a saúde humana ainda não estão bastante estudados (WHO, 2006).

O material particulado pode ficar em suspensão na atmosfera por longos períodos e se depositar em diferentes distâncias da fonte emissora dependendo do seu diâmetro. Quanto maior o diâmetro das partículas mais próximo à fonte ocorre a sedimentação. Assim, além das partículas em suspensão, as partículas sedimentadas (PS) constituem outra importante classe de partículas no que concerne ao incômodo causado à população. Um estudo realizado recentemente por Conti *et al.* (2009) na RMGV identificou diversas frações de partículas presentes no material particulado sedimentado, que variaram de 5 a 100 μm em sua maioria, mas também foi detectada a presença de partículas menores que 5 μm . O material particulado sedimentado causa incômodos à população, justificando as reações das populações afetadas. As reações mais comuns dizem respeito à impossibilidade de gozo pleno da propriedade e ao desconforto causado pelo incômodo da sujeira gerada pela deposição de material sobre as superfícies de uso cotidiano. Dentre as possíveis fontes emissoras de PS, podem ser citadas: pilhas de estocagem de material granulado, processos de pelletização e siderurgia, cimenteiras e atividades da construção civil, ressuspensão de partículas depositadas ou constituintes de vias pavimentadas e não pavimentadas, veículos (escapamentos e frenagem) e fontes naturais como o mar que emite partículas de sais, além das queimadas, por exemplo.

2.1.2. Dióxido de enxofre

Em áreas urbanas industrializadas, as principais fontes de emissão de dióxido de enxofre estão associadas a queima de combustíveis fósseis (que contém enxofre) para geração de energia, para o processamento industrial ou em veículos automotores.

O dióxido de enxofre (SO_2) é um gás incolor e solúvel em água que pode ser oxidado durante seu transporte na atmosfera e gerar SO_3 que por sua vez, na presença de água, pode formar ácido sulfúrico. A absorção do dióxido de enxofre nas membranas mucosas do nariz e do trato respiratório superior ocorre como resultado da sua solubilidade em meio aquoso. O SO_2

presente na atmosfera pode causar alterações na função pulmonar e em sintomas respiratórios em asmáticos mesmo em baixas concentrações e curtos períodos de exposição.

2.1.3. Dióxido de nitrogênio

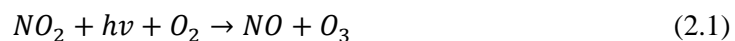
O dióxido de nitrogênio (NO_2) é um poluente altamente reativo que pode ser emitido diretamente em ambientes urbanos e industriais por processos de combustão em fontes estacionárias (indústrias), móveis (veículos automotores e navios em áreas portuárias) ou formado como um poluente secundário a partir da oxidação de monóxido de nitrogênio pelo ozônio troposférico. O NO_2 é, geralmente, encontrado na atmosfera em associação com outros poluentes primários, incluindo as partículas ultrafinas.

O NO_2 é, ainda, um precursor do ozônio troposférico. O dióxido de nitrogênio é um gás odorante com coloração castanha que depende da sua concentração. O dióxido de nitrogênio reage facilmente com o vapor d'água presente na atmosfera para formar o ácido nítrico, por exemplo. Além do ácido nítrico e do ozônio troposférico, o dióxido de nitrogênio é também precursor de nitrato na forma de material particulado. Esse poluente pode causar redução da capacidade de defesa do sistema respiratório e, portanto, causar injúria e inflamação. Além dos efeitos a saúde humana, o dióxido de nitrogênio pode afetar a visibilidade no horizonte.

2.1.4. Ozônio

O ozônio (O_3) não constitui um poluente emitido diretamente por uma fonte primária. O ozônio troposférico é um oxidante fotoquímico formado a partir de reações químicas na atmosfera originadas pela presença de dióxido de nitrogênio e radiação proveniente do sol. Além do dióxido de nitrogênio, os hidrocarbonetos (HC), também conhecidos como compostos orgânicos voláteis (COV) são importantes precursores do ozônio na baixa troposfera.

De modo simplificado, as reações de formação do ozônio troposférico se iniciam pela fotodissociação do dióxido de nitrogênio em monóxido de nitrogênio e oxigênio atômico, então, o oxigênio atômico reage como o oxigênio molecular presente no ar e forma o ozônio. Posteriormente, o ozônio reage com o óxido de nitrogênio para formar o dióxido de nitrogênio e oxigênio molecular, fechando o ciclo fotoquímico.



onde, $h\nu$ representa radiação solar com comprimento de onda inferior a 424 nm. Assim, o ozônio é formado por uma reação fotoquímica na atmosfera e requer a presença de precursores e também de radiação solar.

Apesar de ilustrativas, é importante notar que somente as reações entre NO, NO₂ e O₃ não explicam totalmente os altos níveis de ozônio formados na baixa atmosfera, pois não há produção líquida de O₃. Reações adicionais envolvendo COV na atmosfera consomem NO e o transformam em NO₂, gerando mais O₃. Dessa forma, a presença de COV na atmosfera aumenta significativamente os níveis de O₃.

Os COV são emitidos na atmosfera em ambientes urbanos e industriais por diversas fontes como combustão incompleta de combustíveis fósseis, plásticos e outros compostos de carbono e evaporação de reservatórios, entre outras. A relação entre COV e óxidos de nitrogênio (NO + NO₂ = NO_x) entre 4 e 10, favorece a formação de ozônio. Assim, a concentração de ozônio na troposfera depende da presença de outros poluentes e das condições meteorológicas (intensidade da radiação solar, altura da camada de inversão térmica, estabilidade atmosférica, entre outros).

O O₃ pode causar efeitos agudos aos sistemas pulmonares (inflamação e redução das defesas pulmonares) e cardiovasculares além de efeitos crônicos como redução da função pulmonar, desenvolvimento de arteriosclerose e asma.

2.1.5. Monóxido de carbono

O monóxido de carbono (CO) é emitido, principalmente, em processos de combustão e por processos siderúrgicos. O CO pode interferir no transporte de oxigênio pelo sangue, combinando-se com as moléculas de hemoglobina e reduzir a capacidade aeróbia do organismo além de agravar doenças cardiovasculares. A exposição a concentrações muito elevadas pode ser letal.

2.2. Breve histórico da regulamentação sobre qualidade do ar

No âmbito internacional, dentro do sistema da Organização das Nações Unidas (ONU), a Organização Mundial de Saúde (OMS) representa o organismo diretor e coordenador nos assuntos relacionados à saúde entre os países participantes do sistema das Nações Unidas com objetivo de promover a agenda da pesquisa científica na área da saúde, diagnosticar as tendências mundiais e auxiliar o estabelecimento de normas e diretrizes, entre outros. A OMS publicou pela primeira vez em 1987, um relatório contendo diretrizes para qualidade do ar relativas às partículas em suspensão, ozônio, dióxido de enxofre e dióxido de nitrogênio baseadas na compilação de estudos científicos realizados no mundo. As diretrizes de qualidade

do ar foram projetadas para oferecer orientações aos líderes políticos visando reduzir os impactos da poluição atmosférica sobre a saúde. Essas diretrizes foram revisadas em 1997 e 2005 com base no conhecimento científico vigente.

No âmbito nacional, considerando, entre outras, a necessidade de se estabelecer estratégias para o controle, preservação e recuperação da qualidade do ar válida para todo o território nacional, conforme previsto na Política Nacional do Meio Ambiente (Lei nº 6.938, de 31/08/81), a Resolução CONAMA nº 5, de 15 de junho de 1989 instituiu o Programa Nacional de Controle da Qualidade do Ar (PRONAR) como um dos instrumentos básicos da gestão ambiental para proteção da saúde e bem-estar das populações e melhoria da qualidade de vida a fim de permitir o desenvolvimento econômico e social do país de forma ambientalmente segura pela limitação dos níveis de emissão de poluentes por fontes de poluição atmosférica, com vistas a melhoria na qualidade do ar, atendimento aos padrões estabelecidos e não comprometimento da qualidade do ar em áreas consideradas não degradadas.

A estratégia básica do PRONAR é limitar, no âmbito nacional, as emissões por tipologia de fontes e poluentes prioritários, reservando o uso dos padrões de qualidade do ar como ação complementar de controle. Além dessa estratégia fundamental, foram estabelecidas outras: adoção de padrões nacionais de qualidade do ar, prevenção de deterioração significativa da qualidade do ar (pela classificação do uso pretendido da área), monitoramento da qualidade do ar, gerenciamento do licenciamento de fontes de poluição do ar, inventário nacional de fontes e poluentes do ar, gestões políticas no intuito de se manter um permanente canal de comunicação entre órgãos da administração pública direta ou indireta, federais, estaduais ou municipais e entidades privadas, desenvolvimento nacional na área de poluição do ar por meio da capacitação técnica dos órgãos ambientais e do desenvolvimento tecnológico na área de poluição do ar. Além disto, foram estabelecidas ações de curto, médio e longo prazo para implantação do PRONAR.

Anteriormente a criação do PRONAR, já havia a Resolução CONAMA nº 18, de 6 de maio de 1986 que dispõe sobre a criação do Programa de Controle de Poluição do Ar por Veículos Automotores (PROCONVE) que visa estabelecer os limites máximos de emissão de monóxido

de carbono, óxidos de nitrogênio e hidrocarbonetos para os motores e veículos automotores novos dependendo do motor e modelo do veículo¹.

Por meio da Portaria Normativa nº 348 de 14/03/90, o IBAMA estabeleceu os padrões nacionais de qualidade do ar e os respectivos métodos de referência para medição da concentração dos poluentes, ampliando o número de parâmetros anteriormente regulamentados por meio da Portaria GM nº 231 de 27/04/76. Os padrões estabelecidos por essa portaria foram submetidos ao CONAMA e transformados na Resolução CONAMA nº 03 de 28 de junho de 1990.

A Resolução CONAMA nº 03/90 definiu como poluente atmosférico qualquer forma de matéria ou energia com intensidade e em quantidade, concentração, tempo ou características em desacordo com os níveis estabelecidos, e que tornem ou possam tornar o ar: I - impróprio, nocivo ou ofensivo à saúde; II - inconveniente ao bem-estar público; III - danoso aos materiais, à fauna e flora. IV - prejudicial à segurança, ao uso e gozo da propriedade e às atividades normais da comunidade.

Essa resolução estabeleceu os padrões primários de qualidade do ar definidos como as concentrações de poluentes que, ultrapassadas, poderão afetar a saúde da população e os padrões secundários de qualidade do ar como as concentrações de poluentes abaixo das quais se prevê o mínimo efeito adverso sobre o bem-estar da população, assim como o mínimo dano à fauna, à flora, aos materiais e ao meio ambiente em geral, sendo que esses padrões serão o objetivo a ser atingido mediante à estratégia de controle fixada pelos padrões de emissão e deverão orientar a elaboração de planos regionais de controle de poluição do ar. A Resolução CONAMA nº 03/90 prevê ainda a aplicação diferenciada de padrões primários e secundários de acordo com o uso pretendido do território. Além dos padrões, foram estabelecidos também os níveis de atenção, alerta e emergência. Foram contemplados nessa resolução apenas sete poluentes: material particulado com diâmetro aerodinâmico equivalente de corte igual a 10 µm, partículas totais em suspensão, ozônio, dióxido de nitrogênio, dióxido de enxofre, monóxido de carbono e fumaça². As condições de medição e os equipamentos referenciais a serem utilizados para o monitoramento também foram definidos com a ressalva de que podem ser adotados

¹ Complementando a resolução CONAMA nº 18/86 que instituiu o PROCONVE, a resolução CONAMA nº 08 de 31 de agosto de 1993 estabeleceu limites máximos de emissão de poluentes (incluindo fumaça e partículas) para os motores destinados a veículos pesados novos, nacionais e importados; enquanto a resolução CONAMA nº 297 de 26 de fevereiro de 2002 estabeleceu os limites para emissões de gases poluentes por ciclomotores, motocicletas e veículos similares novos. Posteriormente, a resolução CONAMA nº 415 de 25 de setembro de 2009 estabeleceu também limites máximos de emissão de material particulado e aldeídos para veículos leves novos.

² Fumaça é definida como o aerossol formado por partículas oriundas de processos de combustão incompleta, consistindo principalmente de carbono e outros materiais combustíveis, sendo presente em quantidade suficiente para ser observável, independentemente da presença de outras partículas sólidas (SEINFELD e PANDIS, 2006).

métodos equivalentes, desde que aprovados pelo IBAMA, visto que o monitoramento do ar é atribuição dos Estados.

A Resolução CONAMA n° 08 de 06 de dezembro de 1990 estabeleceu limites máximos de emissão de poluentes do ar (padrões de emissão) para processos de combustão externa em fontes novas fixas de poluição com potências nominais totais até 70 MW (setenta megawatts) e superiores. Foram estabelecidos limites máximos de emissão para partículas totais em suspensão e dióxido de enxofre, expressos em peso de poluentes por poder calorífico superior do combustível e densidade colorimétrica, de forma consonante com a classificação de uso pretendido do território.

A Resolução CONAMA n° 382 de 26 de dezembro de 2006, estabeleceu os limites máximos de emissão de poluentes atmosféricos para diversas fontes fixas novas. Os limites foram fixados considerando o poluente e a tipologia da respectiva fonte emissora. Posteriormente, a Resolução CONAMA n° 436 de 26 de dezembro de 2011 estabeleceu limites máximos de emissão de poluentes atmosféricos para fontes fixas instaladas ou com pedido de licença de instalação anteriores a 02 de janeiro de 2007.

Recentemente, o Governo do Estado do Espírito Santo, por meio do Decreto n° 3463-R, de 16 de dezembro de 2013, estabeleceu os padrões estaduais de qualidade do ar. Foram incluídos além daqueles poluentes já previstos pela Resolução CONAMA n° 03/90, com exceção da fumaça, o material particulado com diâmetro aerodinâmico equivalente de corte igual a 2,5 µm e as partículas sedimentadas (poeira sedimentada). O Decreto introduz o conceito de Metas Intermediárias (MI), que são estabelecidas como valores temporários a serem cumpridos em etapas, visando à melhoria gradativa da qualidade do ar, e Padrões Finais (PF), que representam os alvos de longo prazo. Foram criadas 3 MI que levam ao gradual atendimento do PF, estabelecido com base nas diretrizes da OMS para os poluentes de interesse investigados por essa Organização. Estratégia semelhante à adotada pelo estado de São Paulo em abril de 2013.

Os padrões e diretrizes citados são estabelecidos com base nos danos causados à saúde. Entretanto, as partículas sedimentadas (PS) estão associadas ao incômodo causado às populações. As reações mais comuns dizem respeito à impossibilidade de gozo pleno da propriedade e ao desconforto que pode gerar tensões psicológicas devido ao sentimento de incômodo causado pela sujeira gerada pela deposição de material sobre as superfícies de uso cotidiano (VALLACK e SHILLITO, 1998; FARFEL *et al.*, 2005). Essas partículas, conforme observado por Conti *et al.* (2009), incluem majoritariamente frações que variaram de 5 a 100 µm, mas incluem também partículas menores que 5 µm e, portanto, quando ressuspensas, podem ocasionar efeitos à saúde humana. Além do incômodo, as partículas podem ainda se

depositar sobre a vegetação, os materiais, edificações e monumentos podendo ocasionar modificação das propriedades óticas das folhas e a consequente diminuição da atividade fotossintética das plantas, a descoloração e a decomposição de materiais de construção, entre outros efeitos (HU *et al.*, 2006).

Vários países possuem padrões referenciais para o valor limite da taxa de deposição de PS, que quando ultrapassados, poderão causar incômodo à população, entre outros: Argentina, Estados Unidos, Espanha e Finlândia. Os valores limites adotados para a taxa de deposição de PS variam entre os diferentes países, e muitas vezes entre regiões de um mesmo país; por exemplo, nos EUA e Canadá, existem padrões diferentes para os estados. De maneira geral, os valores limites adotados para a taxa de deposição de PS estão entre 3,0 e 15 g/m²/30 dias, variando em áreas residenciais, comerciais ou industriais, sendo a maioria dos padrões empregados entre 5,0 e 10 g/m²/30 dias – Argentina, Estados Unidos, Espanha, Finlândia e Austrália (VALLACK e SHILLITO, 1998; DECNY, 2009; DEQM, 2007). No Brasil, foram encontrados padrão para partículas sedimentadas: (i) no estado de Minas Gerais (médias mensais) cujos valores foram adotados em função do uso do solo: 10 g/m²/30 dias em áreas industriais e 5 g/m²/30 dias nas demais áreas inclusive residenciais e comerciais (Deliberação Normativa COPAM n° 01 de 26 de maio de 1981); (ii) no estado do Amapá cujos valores são idênticos aos do estado de Minas Gerais (Lei Ambiental do Município de Macapá n° 948/98, Capítulo V, Seção III, Art. 89) e (iii) no estado do Rio de Janeiro (NT 603.R-4 de 15 de março de 1978).

É importante notar que outros poluentes também estão presentes na atmosfera, entretanto, não constam das listas de poluentes com padrões legislados devido a: (i) não existirem evidências científicas significativas sobre a relação entre a concentração do poluente numa dada exposição com o efeito à saúde que permitam a elaboração de um padrão de qualidade do ar; (ii) haver dentre os poluentes com padrões legislados um poluente que sejam indicador de outro poluente por fazer parte das suas transformações na atmosfera ou por ser emitido pelo mesmo tipo de fonte; ou ainda a (iii) dificuldades técnicas na amostragem ou medição do poluente.

Por exemplo, os hidrocarbonetos totais (HCT) e os hidrocarbonetos não-metano (HCNM) não possuem padrão de qualidade do ar estadual ou federal, mas são monitorados pela maioria dos órgãos de controle ambientais, inclusive pelo IEMA. As fontes de hidrocarbonetos incluem vegetação, veículos automotores, tanques de estocagem de combustíveis e postos de abastecimento de combustíveis, lavagem de tecidos à seco, aviões e fontes difusas em plantas industriais, entre outras. O metano contribui para o efeito estufa, enquanto os HCNM participam da formação do ozônio na atmosfera e causam efeito à saúde dependendo da sua especiação. Assim, devem ser constantemente monitorados, mesmo não havendo um padrão de qualidade do ar associado a esse poluente.

2.3. Padrões de qualidade do ar

A Tabela 2.1 apresenta os padrões nacionais e estaduais de qualidade do ar e diretrizes da OMS para os poluentes atmosféricos regulados.

Os padrões de qualidade do ar CONAMA são divididos em primários e secundários. De acordo com a Resolução CONAMA nº 03/90, padrões primários de qualidade do ar se referem a concentrações de poluentes que, se ultrapassadas, poderão afetar a saúde da população e devem ainda se considerados como metas a atingir em curto e médio prazos. Os padrões secundários de qualidade do ar se referem a concentrações de poluentes atmosféricos abaixo das quais se prevê o mínimo efeito adverso sobre o bem estar da população, assim como o mínimo dano a fauna e a flora, aos materiais e ao meio ambiente em geral. Podem ser entendidos como níveis desejados de concentração de poluentes e devem ser considerados como metas a serem alcançadas em longo prazo. Entretanto, devem ser adotados apenas os padrões primários enquanto cada Estado não deferir o enquadramento das áreas de acordo com seu uso pretendido conforme Resolução CONAMA nº 005/89.

É possível observar a grande diferença entre os valores previstos pelos padrões CONAMA e as diretrizes da OMS. Essa discrepância se deve principalmente ao fato que os padrões CONAMA foram estabelecidos em 1990 com base no conhecimento vigente à época. As diretrizes da OMS, revisadas em 2005, já refletem o conhecimento acumulado nos diversos estudos científicos realizados mais recentemente, que indicam que os efeitos deletérios dos poluentes atmosféricos sobre a saúde humana são percebidos em concentrações muito menores que aquelas previstas anteriormente. Por exemplo, o padrão CONAMA apresenta valor limite para MP_{10} três vezes superior a diretriz da OMS.

Conforme citado anteriormente, o Governo do Estado do Espírito Santo estabeleceu novos padrões de qualidade do ar por meio do Decreto nº 3463-R de 16 de dezembro de 2013. Esses padrões estaduais incluem dois poluentes que não possuíam padrões específicos na Resolução CONAMA nº 03/90, estes são: material particulado com diâmetro aerodinâmico inferior a 2,5 μm ($MP_{2,5}$) e partículas sedimentadas (PS). Além disso, foram estabelecidas metas intermediárias (MI1, MI2 e MI3) como valores temporários a serem cumpridos em etapas visando a melhoria gradativa da qualidade do ar e a implementação de um padrão final (PF) para que seja preservada ao máximo a saúde da população em relação ao danos causados pela poluição atmosférica. Esse decreto indica também que o valor referencial que deve ser respeitado a partir da sua publicação é a meta intermediária MI1, sendo as datas para alteração das metas intermediárias ainda a serem definidas.

Tabela 2.1. Padrões nacionais e estaduais de qualidade do ar e diretrizes da OMS. O tempo de média considerado para o cálculo da concentração do poluente está indicado entre parênteses.

		MP _{2,5} [µg/m ³]	MP ₁₀ [µg/m ³]	PTS [µg/m ³]	PS [g/m ² . 30 dias]	SO ₂ [µg/m ³]	NO ₂ [µg/m ³]	O ₃ [µg/m ³]	CO [µg/m ³]	Fumaça [µg/m ³]	
Padrão Nacional (CONAMA n° 03/90)	Curta exposição	Padrão primário	-	150* (24h)	240* (24h)	-	365* (24h)	320 (1h)	160* (1h)	10.000* (8h) 40.000* (1h)	150* (24h)
		Padrão secundário	-	150* (24h)	150* (24h)	-	100* (24h)	190 (1h)	160* (1h)	10.000* (8h) 40.000* (1h)	100* (24h)
	Longa exposição	Padrão primário	-	50 (Ano♣)	80 (Ano♦)	-	80 (Ano♣)	100 (Ano♣)	-	-	60 (Ano♣)
		Padrão secundário	-	50 (Ano♣)	60 (Ano♦)	-	40 (Ano♣)	100 (Ano♣)	-	-	40 (Ano♣)
Metas e Padrão Estadual (Decreto n° 3463-R 2013)	Curta exposição	M11-ES	-	120 (24h)	180 (24h)	14	60 (24h)	240 (1h)	140 (8h)	-	-
		M12-ES	50 (24h)	80 (24h)	170 (24h)	-	40 (24h)	220 (1h)	120 (8h)	-	-
		M13-ES	37 (24h)	60 (24h)	160 (24h)	-	30 (24h)	210 (1h)	110 (8h)	-	-
		PF-ES	25 (24h)	50 (24h)	150 (24h)	-	20 (24h)	200 (1h)	100 (8h)	10.000 (8h) 30.000 (1h)	-
	Longa exposição	M11-ES	-	45 (Ano♣)	65 (Ano♦)	-	40 (Ano♣)	50 (Ano♣)	-	-	-
		M12-ES	20 (Ano♣)	33 (Ano♣)	63 (Ano♦)	-	30 (Ano♣)	45 (Ano♣)	-	-	-
		M13-ES	15 (Ano♣)	25 (Ano♣)	62 (Ano♦)	-	20 (Ano♣)	42 (Ano♣)	-	-	-
		PF-ES	10 (Ano♣)	20 (Ano♣)	60 (Ano♦)	-	-	40 (Ano♣)	-	-	-
Diretriz OMS	Curta exposição	25 (24h)	50 (24h)	-	-	20 (24h) 500 (10min)	200 (1h)	100 (8h)	10.000 (8h) 30.000 (1h)	-	
	Longa exposição	10 (Ano♣)	20 (Ano♣)	-	-	-	40 (Ano♣)	-	-	-	

*Não pode ser excedido mais que uma vez por ano. ♣ Média Aritmética Anual. ♦ Média Geometria Anual

Tanto as diretrizes da OMS, quanto os padrões nacionais e estaduais de qualidade do ar, apresentam valores referenciais associados aos efeitos à saúde causados pela curta e longa exposição a cada poluente a fim de prevenir efeitos agudos e crônicos, respectivamente. Entretanto, para os poluentes O₃ e CO são estabelecidos apenas valores referenciais para curta exposição. Apesar de existirem evidências científicas sobre os efeitos à saúde devido a longa exposição ao O₃, essas evidências ainda não são suficientes para sustentar a indicação de uma diretriz ou padrão associado à média anual. Quanto ao CO, estudos científicos indicam que durante exposição a concentrações invariáveis de CO, a concentração de carboxihemoglobina no sangue aumenta rapidamente e atinge regime permanente após 6 a 8 horas de exposição sendo que qualquer valor calculado com tempo de média igual a 8 horas seria representativo de exposições mais longas.

Além dos padrões de qualidade do ar, a Resolução CONAMA n° 03/90 estabeleceu níveis de qualidade do ar para que estados e municípios pudessem elaborar um plano de emergência para episódios críticos de poluição do ar com o objetivo de prevenir grave e iminente risco à saúde da população. Um episódio crítico de poluição do ar está definido como a presença de altas concentrações de poluentes na atmosfera em curto período de tempo, resultante da ocorrência de condições meteorológicas desfavoráveis à dispersão dos mesmos. São três, estes níveis: atenção, alerta e emergência. Esses níveis estão também previstos no Decreto Estadual n° 3463-R de 16 de dezembro de 2013, mas os valores limites de concentração serão definidos em novo decreto a ser publicado em 2014.

Para a definição desses três níveis são considerados os seguintes parâmetros: concentrações de dióxido de enxofre, partículas totais em suspensão, produto entre a concentração de partículas totais em suspensão e a concentração de dióxido de enxofre, monóxido de carbono, ozônio, partículas inaláveis, fumaça, dióxido de nitrogênio, bem como as condições meteorológicas. Os níveis de atenção, alerta ou emergência são declarados quando, prevendo-se a manutenção das emissões bem como as condições meteorológicas desfavoráveis à dispersão dos poluentes nas vinte e quatro horas subsequentes for atingida, respectivamente, uma ou mais das condições apresentadas na Tabela 2.2.

2.4. Índice de qualidade do ar

O IEMA/SEAMA divulga diariamente informações sobre a qualidade do ar na RMGV. Essas informações são apresentadas por meio do índice e da classificação de qualidade do ar. O objetivo do índice e da classificação da qualidade do ar é indicar o atendimento aos padrões ou metas vigentes.

Tabela 2.2. Concentração dos poluentes ($\mu\text{g}/\text{m}^3$) para determinação dos níveis de atenção, alerta e emergência (Resolução CONAMA n° 03/90).

	MP ₁₀ (24h)	PTS (24h)	SO ₂ (24h)	SO ₂ × PTS (24h)	NO ₂ (1h)	O ₃ (1h)	CO (8h)	Fumaça (24h)
Atenção	250	375	800	65.000	1.130	400	17.000 (15ppm)	250
Alerta	420	625	1.600	261.000	2.260	800	34.000 (30ppm)	420
Emergência	500	875	2.100	393.000	3.000	1.000	46.000 (40ppm)	500

A divulgação do índice é efetuada utilizando o índice mais elevado dentre todos os poluentes medidos em cada estação. Portanto, a qualidade do ar em uma dada estação é indicada a partir do pior resultado dentre os poluentes monitorados naquela estação. A classificação da qualidade do ar varia desde boa e regular a inadequada, má, péssima e crítica (seis classes) sendo também representada segundo uma escala de cores a fim de facilitar a compreensão.

A Tabela 2.3 apresenta as faixas de concentração e de índice para cada poluente para definição da classificação (boa, regular, inadequada, má, péssima ou crítica). As faixas de concentração, associadas às faixas dos índices, apresentam limites inferiores e superiores baseados em valores referenciais de qualidade do ar para longa e curta exposição, seguidos pelos níveis de atenção, alerta e emergência. Neste relatório foram considerados como valores de referência para longa e curta exposição, as metas intermediárias MI1 para longa e curta exposição, de acordo com o Decreto Estadual n° 3463-R/2013. Os níveis de atenção, alerta e emergência foram considerados idênticos aqueles da Resolução CONAMA n° 03/1990, pois ainda não foram definidos novos valores na legislação estadual.

O índice de qualidade do ar é representado por um valor numérico que varia de zero a 500, sendo 100 o índice associado a MI1 para curta exposição ao poluente. O índice de valor 50 está associado a MI1 para longa exposição ao poluente (MP₁₀, PTS, SO₂ e NO₂) ou à metade do valor de MI1 para curta exposição ao poluente (CO e O₃). Assim, esse índice pode ser calculado a partir de funções lineares descontínuas em seis faixas de valores sendo os pontos de inflexão associados as MI1 (curta e longa exposição) e níveis de atenção alerta e emergência. Para cada uma destas seis faixas do índice está associada uma classificação da qualidade do ar.

Exemplificando para melhor compreensão da construção da Tabela 2.3, considere o poluente MP₁₀, o limite inferior da faixa de classificação boa corresponde a 45 $\mu\text{g}/\text{m}^3$ que representa a MI1 para longa exposição ao poluente MP₁₀ e o limite superior da mesma faixa, corresponde a 120 $\mu\text{g}/\text{m}^3$ que representa a MI1 para curta exposição ao poluente MP₁₀. Isso significa que, caso mantida a média de 24 horas de MP₁₀ abaixo de 45 $\mu\text{g}/\text{m}^3$, a MI1 para curta exposição estará

sendo obedecida e a MII para longa exposição também será garantida. Assim, a qualidade do ar pode ser classificada como boa. Por outro lado, se a média de 24 horas de MP_{10} estiver acima de $45 \mu\text{g}/\text{m}^3$, mas ainda abaixo de $120 \mu\text{g}/\text{m}^3$, a MII para curta exposição está sendo obedecida, mas a MII para longa exposição não será garantida. Assim, a qualidade do ar é classificada como regular, mas ainda adequada. A qualidade do ar somente será classificada como inadequada, se a MII para curta exposição for ultrapassada.

Para o poluente O_3 que não possui meta ou padrão para longa exposição, o limite inferior da faixa de classificação boa corresponde a $70 \mu\text{g}/\text{m}^3$ que representa a metade do valor de MII para curta exposição (8 horas) ao poluente O_3 e o limite superior da mesma faixa, corresponde a $140 \mu\text{g}/\text{m}^3$ que representa a MII para curta exposição (8 horas) ao poluente.

Tabela 2.3. Descrição das classes, índices e valores limites de concentração (em $\mu\text{g}/\text{m}^3$) para determinação do IQA.

Faixas de classificação e índice	MP_{10} (24h)	PTS (24h)	SO_2 (24h)	NO_2 (1h)	O_3 (8h)	CO (1h)
Bom (0-50)	0-45	0-65	0-40	0-50	0-70	0-5.000
Regular (51-100)	46-120	66-180	41-60	51-240	71-140	5.001-10.000
Inadequada (101-199)	121-250	181-375	61-800	241-1.130	141-200	10.001-17.000
Má (200-299)	251-420	376-625	801-1.600	1131-2260	201-800	17.001-34.000
Péssima (300-399)	421-500	626-875	1.601-2.100	2261-3000	801-1000	34.001-46.000
Crítica Acima de 400	501-600	876-1.000	2.101-2.620	3001-3750	1001-1200	46.001-50.000

Para o poluente CO que também não possui meta ou padrão para longa exposição, mas que possui MII para médias de 1 hora e 8 horas, o limite inferior da faixa de classificação boa corresponde a média horária igual a $5.000 \mu\text{g}/\text{m}^3$ que representa a metade do valor de MII para exposição de 8 horas ao poluente CO e o limite superior da mesma faixa, corresponde a $10.000 \mu\text{g}/\text{m}^3$ que representa a MII para exposição de 8 horas ao poluente. Nesses casos, se a média horária for inferior ao valor de MII para exposição de 8 horas, então essa MII não será ultrapassada e a qualidade do ar pode ser considerada adequada (boa ou regular).

3. Aspectos Gerais da RMGV

A Região Metropolitana da Grande Vitória (RMGV) é formada pelos municípios de Vitória, Vila Velha, Serra, Cariacica, Viana, Guarapari e Fundão. A designação foi criada pela Lei 58/1995, considerando inicialmente apenas os municípios de Vitória, Vila Velha, Serra, Cariacica e Viana. Em 1999, e posteriormente em 2001, a designação foi revisada, incorporando os municípios de Guarapari e Fundão. A RMGV está localizada na parte central do estado com fronteiras ao leste com o oceano atlântico. O relevo é caracterizado por maciços rochosos, serras e morros, áreas de baixada, além de grandes planícies (Figura 3.1). A ocupação do solo é variada, com grandes extensões cobertas pela mancha urbana e outras por vegetação, que é constituída por fragmentos de mata atlântica, restingas, várzeas, manguezais, vegetação rupestre, campos e pastagens (Figura 3.2).

3.1. Aspectos sócio-demográficos

A população da RMGV é de cerca de 1.664.328 habitantes que representa 48% da população total do estado do Espírito Santo e sendo que 98% dessa população vivem em região urbana. A RMGV é constituída pelos seguintes municípios: Vitória, Vila Velha, Serra, Cariacica, Fundão, Viana e Guarapari. De acordo com dados do Instituto Jones dos Santos Neves (IJSN), aproximadamente 24,5% da população da RMGV vive em Vila Velha, 24% na Serra, 22% em Cariacica, 19% em Vitória e os outros 10,5% da população vivem em Guarapari, Viana e Fundão. Quase metade da população da RMGV é proveniente de outros estados brasileiros. Cerca de 90% da população da RMGV reside em habitações com alguma forma de tratamento de esgoto e também 90% dessa população reside em áreas onde o lixo urbano é coletado

regularmente. A média de anos de estudo da população da RMGV é de cerca de 7,4 anos sendo 24,4% dessa população identificada como analfabeta ou anafabeta funcional.

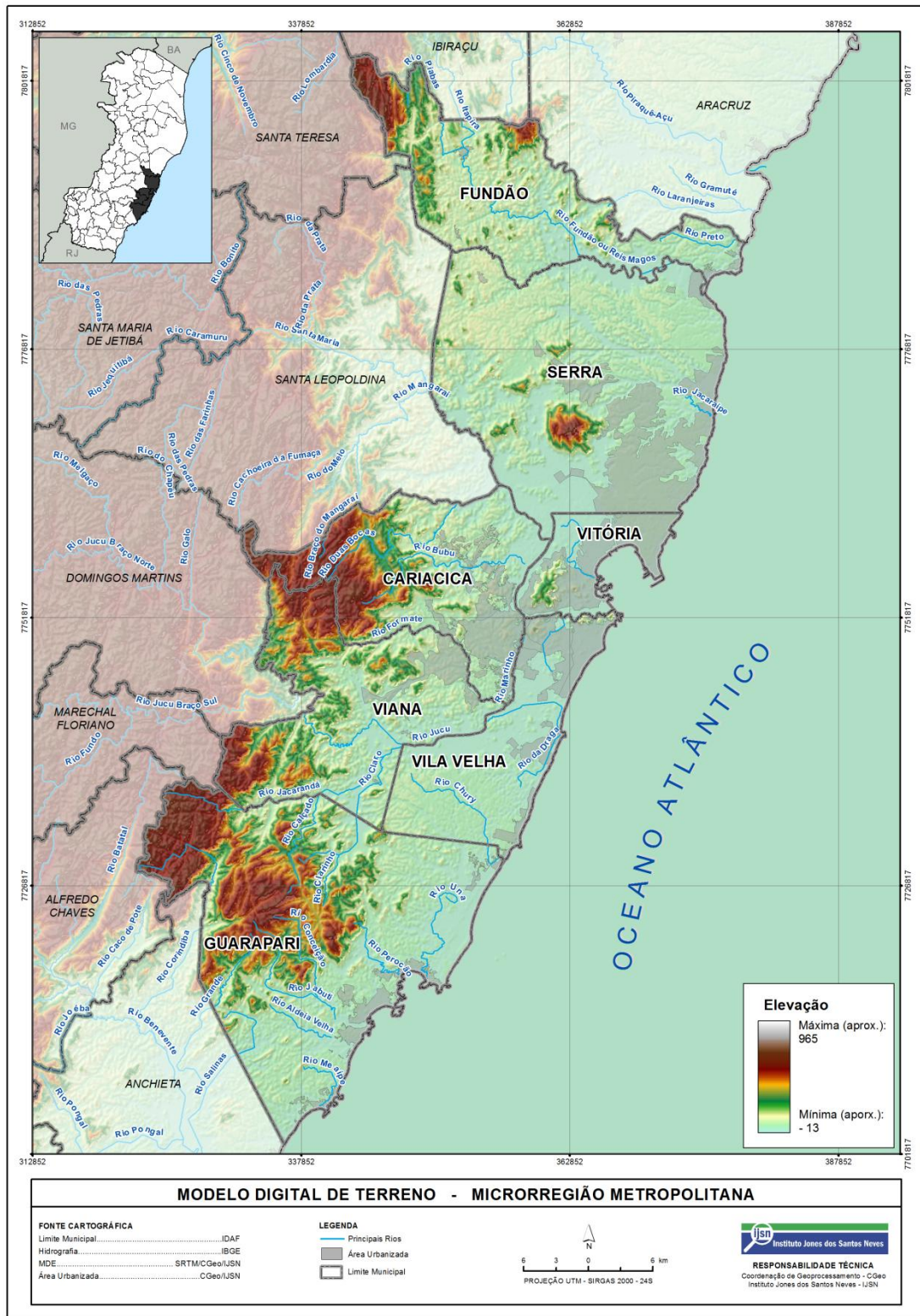


Figura 3.1. Topografia do território na RMGV (Fonte: IJSN, 2014).

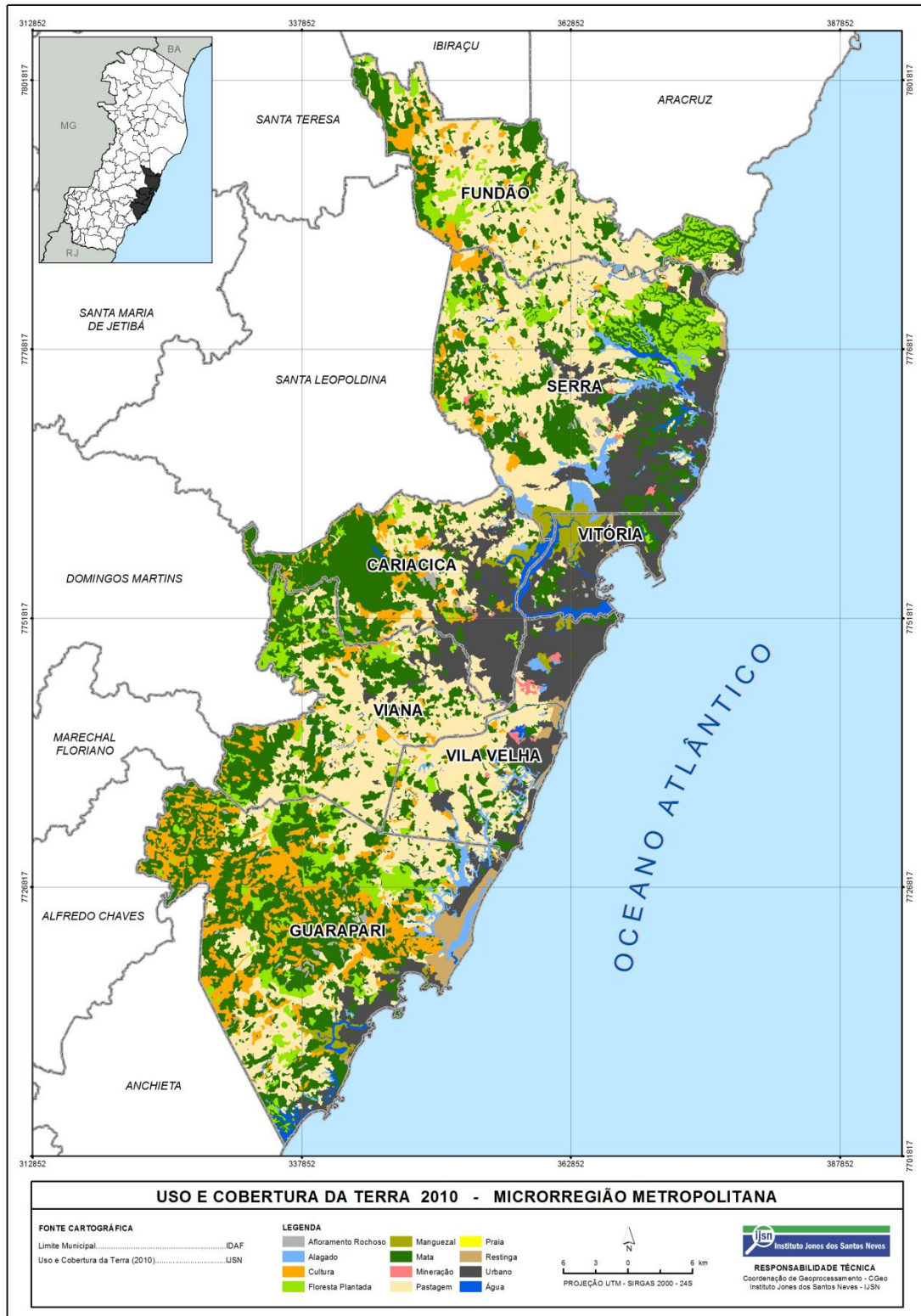


Figura 3.2. Uso e cobertura do solo na RMGV (Fonte: IJSN, 2014).

3.2. Aspectos sócio-econômicos

O produto interno bruto (PIB) do Espírito Santo registrou R\$ 97,693 bilhões em 2011 (IJSN, 2013). O PIB per capita do Espírito Santo foi de R\$ 27.542,00 ocupando a 4ª posição nacional em 2011. A participação do Estado na economia nacional é de cerca de 2,4%. O setor secundário tem importante participação na geração de riqueza do Estado, sendo a indústria extrativa mineral uma das atividades mais importantes. Entretanto, o setor produtivo predominante entre os 78 municípios do estado é o terciário (55,2%), seguido pelo secundário (38,6%) e primário (6,2%). Os cinco maiores PIB municipais (Vitória, Serra, Vila Velha, Cariacica e Anchieta) concentraram em torno de 61% da economia estadual, quatro deles localizados na RMGV. Apesar de sua força econômica, a RMGV apresenta acentuado quadro de desigualdades sociais, que se manifestam a partir de sua estrutura territorial, com áreas de alto nível de renda e desenvolvimento humano e outras com condições urbanas ainda precárias.

O índice de desenvolvimento humano do município (IDHM) calculado pelo Instituto Jones dos Santos Neves para a RMGV em 2000 é de 0,798, portanto, próximo ao corte para o alto desenvolvimento humano (0,800) que supera o do Brasil (0,766). De acordo com o IJSN, as disparidades em desenvolvimento humano entre os municípios brasileiros são também reproduzidas entre os municípios da RMGV. Em 2000, o IDHM das unidades da RMGV apresentava valores entre 0,664 para Cidade Nova da Serra/Parque Residencial Nova Almeida/TIM (Serra) e 0,968 para Praia da Costa (Vila Velha) sendo essa variação maior que aquela encontrada entre os índices dos municípios do ES, onde a diferença entre o maior e menor índice (Vitória com 0,856 e Água Doce do Norte com 0,659) é de 0,197 (IJSN, 2009). Ainda em 2000, o município de Vitória ocupava o 18º lugar entre os municípios brasileiros e o 4º lugar entre as capitais.

3.3. Clima local

O clima e as condições meteorológicas de uma região são fortemente condicionados pela localização geográfica (latitude) e relevo que, em ação conjunta com os grandes sistemas atmosféricos, controlam a distribuição pluviométrica, evaporação, temperatura, umidade do ar e regime de ventos da região (VIANELLO e ALVES, 1991). A RMGV está localizada entre os paralelos de 10° e 23°26'S, ou seja, na zona tropical, sofrendo influência tanto de sistemas tropicais como de latitudes médias, com estação seca bem definida no inverno e estação chuvosa de verão com chuvas convectivas. Essa região possui uma característica climática diversificada devido a sua topografia, sua posição geográfica e aspectos dinâmicos da atmosfera

que incluem os sistemas meteorológicos de micro, meso e macro escalas e que atuam direta ou indiretamente no regime pluvial (MINUZZI *et al.*, 2007).

De acordo com a classificação climática de Köppen, o Espírito Santo possui duas tipologias climáticas que variam também de acordo com o relevo local. Na baixada litorânea do Espírito Santo predomina o clima tropical quente com estação seca no inverno (Aw) e na região serrana o clima é tropical de altitude (Cwb). A classificação dos tipos climáticos de Köppen considera a sazonalidade e os valores médios anuais e mensais de temperatura do ar e de precipitação.

Por estar situada na região litorânea, a RMGV apresenta clima tropical quente (Aw), possuindo inverno ameno e seco, e verão chuvoso e quente. O período quente se estende aproximadamente de outubro a abril, com maior intensidade em dezembro e janeiro. No inverno, a temperatura média mensal mais baixa ocorre em julho, sendo a sensação de frio verificada esporadicamente quando há ocorrência de frentes frias. A Figura 3.3 apresenta as normais climatológicas (1961 a 1990) das variáveis meteorológicas, precipitação acumulada, temperatura média, temperatura máxima e temperatura mínima, monitoradas pela estação climatológica do Instituto Nacional de Meteorologia (INMET) - (INMET, 2014). Vale ressaltar que a Organização Meteorológica Mundial (OMM) define o termo normal climatológica como valores médios calculados para um período relativamente longo e uniforme, compreendendo no mínimo três décadas consecutivas (WMO, 1984). Portanto, os valores apresentados na Figura 3.3 representam a média histórica de cada variável para a região.

Observa-se que, historicamente, a temperatura média na cidade de Vitória não varia consideravelmente ao longo do ano, sendo a temperatura média anual igual a 24,2°C, com leve queda nos meses do inverno e suave aumento durante o verão. Avaliando os valores extremos da temperatura do ar, observa-se que o mês de julho é, climatologicamente, o mês mais frio (18,8°C) e o mês de fevereiro é o mês, historicamente, mais quente com média das temperaturas máximas igual a 31,6°C.

Em relação à precipitação, nota-se que o inverno é o período mais seco, sendo que no mês de agosto ocorre a menor incidência de precipitação (40,3 mm). Essa característica climatológica da região durante o inverno ocorre devido a influência dos sistemas de alta pressão subtropical, localizados climatologicamente em torno da latitude de 30 °C nos principais oceanos do planeta. No Atlântico Sul, a Alta Subtropical do Atlântico Sul (ASAS) é de grande importância para o clima da América do Sul e afeta o clima do Brasil tanto no inverno quanto no verão. Durante o período de inverno, a ASAS inibe a entrada de frentes e favorece a formação de inversão térmica, concentrando os poluentes nas camadas mais próximas à superfície dos principais centros urbanos das regiões sul e sudeste. A dinâmica desse sistema também favorece a

formação de nevoeiros e geadas nas regiões sul e sudeste. O total anual climatológico de precipitação é de 1252,3 mm em Vitória.

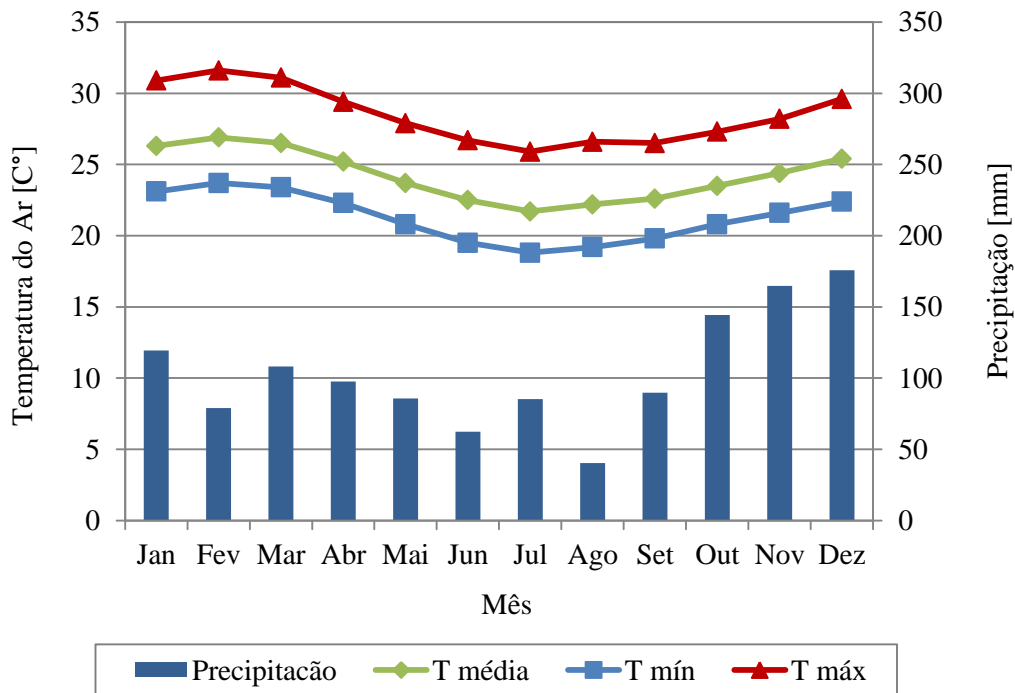


Figura 3.3. Normais climatológicas do município de Vitória durante o período de 1961 a 1990, para os seguintes parâmetros meteorológicos: precipitação acumulada mensal, temperatura média, temperatura mínima e temperatura máxima (INMET, 2014).

A partir do mês de outubro, inicia-se o período chuvoso na região, o qual se estende até meados de abril. Nessa época do ano, a atuação dos sistemas frontais e de zonas de convergência de umidade favorece o aumento de precipitação, ocasionando enchentes, e causando danos e perdas para a população que vive nessas áreas. O mês de dezembro é o que possui maior ocorrência de eventos de chuva, com média de precipitação acumulada mensal de 175,8 mm. Esse comportamento médio da precipitação durante o final da primavera e verão ocorre porque o sistema de alta pressão encontra-se mais ao sul e deslocado zonalmente mais para leste (sobre a região central do oceano Atlântico). Nessa época do ano, uma banda de nebulosidade orientada no sentido noroeste-sudeste desenvolve-se periodicamente sobre o sudeste do Brasil, coincidindo com a estação chuvosa da região. A permanência dessa banda convectiva por vários dias caracteriza a Zona de Convergência do Atlântico Sul (ZCAS). A ZCAS e os sistemas frontais que se deslocam sobre a região sudeste e em seguida sobre o oceano atingem a porção oeste da alta subtropical e, como resultado, esse sistema de alta pressão é frequentemente dividido, ficando em média, enfraquecido quando comparado a situação do inverno (CAVALCANTI *et al.*, 2009).

Ao longo do litoral dos estados da região sudeste os ventos são predominantemente de NE favorecendo o transporte de umidade do oceano Atlântico Equatorial para o ramo oceânico da ZCAS. As características do regime de vento na RMGV são influenciadas também por circulações de vento locais bastante distintos, como as brisas marinhas e terrestres (devido a proximidade com o oceano) e brisas de vale e montanha (devido a topografia acidentada), configurando variações significativas na meso e microescala, enquanto os principais fenômenos meteorológicos em escala sinótica que influenciam a variabilidade do tempo na RMGV são: Zona de Convergência do Atlântico Sul (ZCAS), Sistemas Frontais (SF) e o Anticiclone Subtropical do Atlântico Sul (ASAS) (SANT'ANNA NETO, 2005; VAREJÃO-SILVA, 2006; MENDONÇA e DANNI-OLIVEIRA, 2007).

4. Fontes de Poluição do Ar na RMGV

Em uma região urbana altamente industrializada e em processo de expansão, como a RMGV, a qualidade do ar é afetada por veículos automotores e pelos empreendimentos industriais. Este capítulo descreve as principais fontes de emissão de poluentes da região, especificando sua localização, quantidade de poluentes emitidos e hierarquizando os grupos de fonte com base na magnitude de suas contribuições. Os dados de emissão apresentados constituem uma síntese construída a partir do documento “Inventário de Emissões Atmosféricas da Região da Grande Vitória”, produzido pela empresa EcoSoft Consultoria e Softwares Ambientais (EcoSoft) em parceria com o Instituto Estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos (IEMA) em 2011. Essa síntese contém as informações necessárias para o entendimento dos resultados e análises apresentados neste relatório. Uma descrição detalhada do inventário e sua metodologia de elaboração podem ser obtidas em seu texto original, disponível em www.meioambiente.es.gov.br/download/RTC10131_R1.pdf.

4.1. Descrição do inventário de emissões atmosféricas da RMGV

O inventário de emissões atmosféricas da Região da Grande Vitória apresenta os resultados do trabalho desenvolvido por meio do Acordo de Cooperação Técnica firmado entre a Secretaria Estadual de Meio Ambiente (SEAMA), por intermédio do IEMA, e a empresa EcoSoft, objetivando a elaboração do inventário de fontes emissoras de poluentes atmosféricos da RMGV, abrangendo os municípios de Serra, Vitória, Cariacica, Vila Velha e Viana.

Silveira (2014) informou que o inventário realizado pela EcoSoft representa as emissões atmosféricas médias referentes aos anos de 2009 e 2010³. Os seguintes poluentes tiveram suas emissões quantificadas: PTS, MP₁₀, MP_{2,5}, SO₂, NO_x, CO e hidrocarbonetos (HC) ou compostos orgânicos voláteis (COV).

As emissões industriais consideram as 88 empresas mais significativas quanto ao potencial de emissão de poluentes atmosféricos, estando incluídas empresas de pequeno, médio e grande porte, que representam aproximadamente 91% das emissões de poluentes atmosféricos de origem industrial na RMGV. A Figura 4.1(a) mostra a localização das fontes industriais consideradas.

As emissões atmosféricas provenientes de veículos automotores foram consideradas como: (i) processo de combustão, que gera gases e partículas emitidos diretamente pelo escapamento, (ii) evaporação de compostos orgânicos, (iii) processo de frenagem e desgaste de pneus e (iv) ressuspensão das partículas depositadas nas vias.

Veículos automotores são considerados fontes móveis e suas emissões são localizadas nas vias de tráfego. No inventário, as vias foram consideradas em duas diferentes formas de representação. As vias de maior fluxo de tráfego, definidas como vias primárias, com as suas respectivas localizações coincidentes com o traçado das vias, indicado na Figura 4.2(b). As vias secundárias e de menor fluxo de tráfego foram representadas como fontes emissoras do tipo área, coincidentes com as manchas urbanas dos municípios da RMGV, indicadas na Figura 4.2(c).

As emissões domésticas e comerciais, relacionadas à combustão de gás liquefeito de petróleo (GLP) e gás natural e à utilização de produtos contendo compostos orgânicos voláteis, também foram consideradas como coincidentes com as manchas urbanas dos municípios da RMGV, indicadas na Figura 4.2(c). Além dos grupos de fontes descritos anteriormente, foram também considerados no inventário 04 grupos de fontes específicas: (i) aterros sanitários; (ii) estocagem, transporte, e comercialização de combustíveis; (iii) logística (portos e aeroporto) e (iv) emissões biogênicas.

4.2. Descrição das fontes de poluição do ar na RMGV

Na Tabela 4.1 são apresentados os totais de emissões dos poluentes para cada grupo de fontes analisados no inventário. É possível observar 2 grupos como os principais fontes de emissão de poluentes atmosféricos na RMGV: (i) veículos e (ii) indústria minero-siderúrgica. O terceiro

³ Informação fornecida por Alexander Barros Silveira, responsável pelo Centro Supervisor da Gerência de Qualidade Ambiental, IEMA, em abril de 2014 em Vitória, ES.

grupo com níveis de emissão significativos é o grupo que representa as operações de portos e aeroportos, principalmente quanto às contribuições para os níveis de SO₂ e NO_x.

Tabela 4.1. Emissões dos poluentes para cada grupo de fontes analisado no inventário (Fonte: EcoSoft, 2011).

Atividade	Taxa de Emissão [kg/h]						
	PTS	MP ₁₀	MP _{2,5}	SO ₂	NO _x	CO	COV
Industrial – Alimentícia	4,8	3,7	3,1	3,1	19,0	9,0	0,7
Industrial – Produtos Minerais	78,5	43,5	15,5	9,4	22,8	40,7	2,7
Industrial – Química	9,9	9,3	3,7	20,2	6,8	66,1	269,6
Industrial –Minero – Siderúrgica	954,4	538,2	271,5	2.536,0	2.369,8	15.841,3	256,1
Total de Emissões Industriais	1.047,5	594,7	293,8	2.568,7	2.418,4	15.957,0	529,0
Veiculares - Escapamento e Evaporativa	107,0	107,0	107,0	46,2	1.663,0	15.965,8	1.960,7
Veiculares - Desgaste de Pneus	41,9	41,9	41,9	-	-	-	-
Veiculares – Ressuspensão de Partículas	2.742,7	1.904,2	944,2	-	-	-	-
Total de Emissões Veiculares	2.891,6	2.053,1	1.093,1	46,2	1.663,0	15.965,8	1.960,7
Logística (Portos e Aeroportos)	98,6	97,3	96,8	740,3	853,9	146,5	75,8
Estoque e Distribuição de Combustíveis	-	-	-	-	-	-	293,2
Emissões Residenciais e Comerciais	2,0	1,1	1,1	2,0	32,0	20,9	752,5
Aterros Sanitários	0,5	0,5	0,5	-	0,7	46,1	43,2
Outras Emissões	3,0	2,6	2,1	1,2	9,0	11,2	0,8
Total de Emissões - RMGV	4.043,1	2.749,3	1.487,5	3.358,4	4.976,9	32.147,6	3.655,2

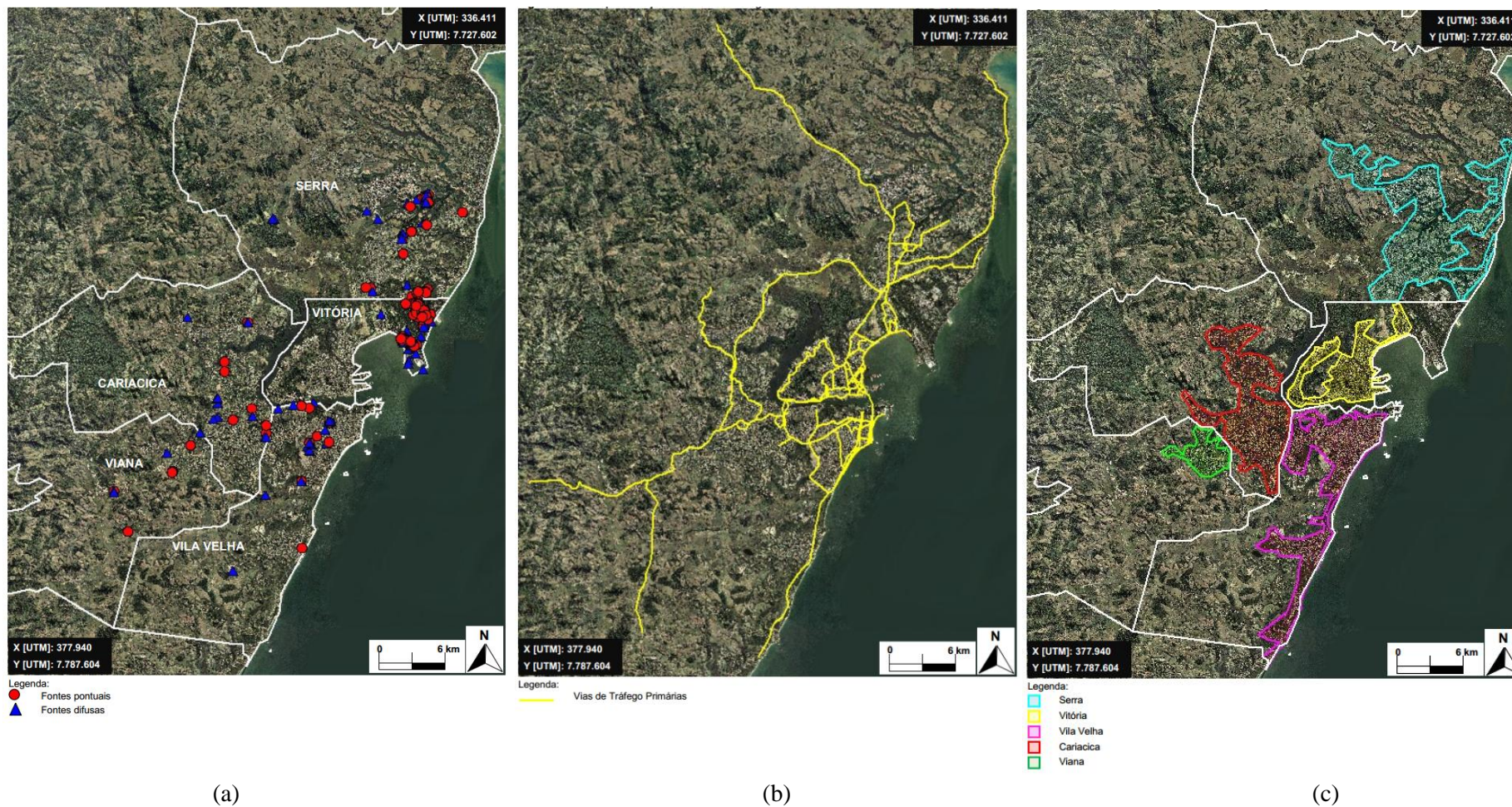


Figura 4.1. Localização das fontes de emissão de poluentes atmosféricos na RMGV: (a) fontes industriais; (b) vias de tráfego primárias consideradas para estimativa das emissões veiculares e (c) manchas urbanas dos municípios da RMGV (Fonte: EcoSoft, 2011).

Segundo o inventário, a principal fonte emissora de partículas na região são veículos automotores. As Figuras 4.2(a), 4.2(b) e 4.2(c) apresentam as contribuições percentuais de cada grupo de fontes emissoras para as emissões de PTS, MP₁₀ e MP_{2,5}. Pode-se observar que os dados do inventário indicam que entre 63,5% e 69,3% das emissões de partículas para a atmosfera da RMGV estão ligadas a ressuspensão, dependendo do tamanho das partículas (67,8% das emissões de PTS, 69,3% das emissões de MP₁₀ e 63,5% das emissões de MP_{2,5}). Emissões de escapamento e desgaste de pneus contribuem com percentuais entre 2,6% e 10% das emissões de partículas para a atmosfera da RMGV estão efetivamente ligadas a veículos, dependendo do tamanho das partículas (2,6% das emissões de PTS, 3,9% das emissões de MP₁₀ e 10% das emissões de MP_{2,5}).

É importante notar que, segundo o inventário, 95% das emissões veiculares estão ligados à ressuspensão de partículas já depositadas nas vias e não à emissão direta nos gases de escapamento, um problema que pode ser minimizado com a diminuição da sujidade das vias. A ressuspensão de partículas em vias representa um interessante acoplamento entre a poluição gerada por veículos automotores e outras fontes de poluição, visto que a composição das partículas presentes na ressuspensão de vias apresentam componentes ligados a solos e partículas presentes em emissões industriais e outras fontes, conforme identificado no estudo efetuado por Santos e Reis (2011), sobre a composição das partículas sedimentadas na RMGV. De fato, as partículas relacionadas à ressuspensão em vias possuem elevados níveis de alumínio e silício, que são típicos na composição do solo, mas possuem níveis mais elevados de sódio, cloro, magnésio, ferro e cálcio que as amostras de solo da região. Tais elementos químicos poder ser relacionados a aerossol marinho e a fontes industriais na região.

Apesar da taxa de emissão ligada à ressuspensão de partículas já depositadas nas vias estar distribuída ao longo de uma grande área urbana, e não concentrada pontualmente como emissões industriais, por exemplo, as taxas de emissão são significativamente elevadas, mesmo quando comparado a outros centros urbanos, tais como São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Recife (ANDRADE *et al.*, 2012), Nova Delhi-Índia (GUTTIKUNDA e CALORI, 2013) e Barcelona-Espanha (AMATO *et al.*, 2009). Tal magnitude indica que esse é um tema que requer mais estudo para a região.

O segundo grupo mais importante para a emissão de partículas é o setor industrial minero-siderúrgico, que contribui com 23,6% das emissões de PTS, 19,6% das emissões de MP₁₀ e 18,3% das emissões de MP_{2,5}, segundo o inventário. Essas emissões estão concentradas principalmente na Ponta de Tubarão, o que constitui um problema relevante para algumas zonas da RMGV quando é considerada a direção predominante N-NE dos ventos.



Figura 4.2. Contribuições percentuais de cada grupo de fontes emissoras para as emissões de na RMGV: (a) PTS, (b) MP_{10} , (c) $MP_{2,5}$, (d) SO_2 , (e) NO_x , (f) CO e (g) COV (Fonte: EcoSoft, 2011).

A Figura 4.2(d) apresenta as contribuições percentuais de cada grupo de fontes para as emissões de SO_2 na RMGV. Diferentemente das emissões de partículas para a atmosfera, as emissões de SO_2 estão fortemente relacionadas aos setores da indústria minero-siderúrgica e de logística

(portos e aeroportos). O setor industrial minero-siderúrgico é responsável por 75,5% das emissões, principalmente pelo uso de carvão mineral e outros combustíveis fósseis com elevado teor de enxofre como insumos de produção. A presença de enxofre nos insumos gera a emissão de óxidos de enxofre após sua queima. Novamente, convém ressaltar que essas emissões estão concentradas principalmente na Ponta de Tubarão, o que constitui um problema relevante para algumas zonas da RMGV quando é considerada a direção predominante N-NE dos ventos.

O segundo maior contribuinte para a emissão de SO_2 na RMGV é o setor de logística, mais notadamente as operações portuárias, que operam com combustíveis fósseis com elevado teor de enxofre.

A Figura 4.2(e) apresenta as contribuições percentuais de cada grupo de fontes para as emissões de NO_x na RMGV. Pode-se observar que a principal fonte das emissões de NO_x na região são as indústrias minero-siderúrgicas (47,6%), novamente com concentração das emissões na Ponta de Tubarão. Em segundo lugar aparecem as emissões veiculares (33,4%) e, em terceiro, atividade logística (17,2%).

A Figura 4.2(f) apresenta as contribuições percentuais de cada grupo de fontes emissoras para as emissões de CO na RMGV. É possível notar que as emissões estão quase igualmente divididas entre as indústrias minero-siderúrgicas e veículos automotores.

A Figura 4.2(g) apresenta as contribuições percentuais de cada grupo de fontes emissoras para as emissões de COV na RMGV. As emissões de veículos automotores (escapamento + evaporativas) correspondem a 53,6% das emissões. Em segundo as emissões comerciais e residências são responsáveis por de 20,6 % das emissões. O restante das emissões é atribuído a estoque e comercialização de combustíveis (8,0%), indústrias químicas (7,4%), indústrias minero-siderúrgicas (7,0%) e outras (3,4%). É importante salientar que não há padrões de qualidade do ar estabelecidos para COV, entretanto as emissões de COV induzem a formação de O_3 , que é um poluente secundário bastante nocivo e regulado pelos padrões de qualidade do ar.

4.3. Considerações adicionais sobre as fontes de poluição do ar na RMGV

É importante ressaltar que o inventário existente representa as emissões nos anos de 2009 e 2010, conforme informado por Silveira (2014)⁴. Dessa forma, os dados apresentados neste documento requerem uma revisão para incorporar as variações nas emissões desde sua

⁴ Informação fornecida por Alexander Barros Silveira, responsável pelo Centro Supervisório da Gerência de Qualidade Ambiental, IEMA, em abril de 2014 em Vitória, ES.

elaboração, que podem estar relacionadas a alterações nas emissões de origem industrial ou veicular.

Por exemplo, o crescimento da frota veicular da RMGV tem sido bastante significativo. As Figuras 4.3 e 4.4 apontam que a taxa de crescimento teve seu auge nos anos de 2007 e 2008, alcançando um crescimento de 12% ao ano, mas vem desacelerando desde então e chegando ao nível de crescimento de 6% ao ano em 2013. Mantida essa taxa de crescimento, é possível projetar um aumento da frota veicular em mais de 50% até o ano de 2020, que além de causar grandes dificuldades ao transporte urbano, pode causar significativa deterioração na qualidade do ar da região a exemplo de diversas metrópoles brasileiras que sofrem com esse problema.

Ao mesmo tempo, o setor da construção civil também não foi incluído no presente inventário e sua taxa de emissão é bastante significativa para a qualidade do ar, principalmente no que se refere aos níveis de emissão de material particulado. Santos e Reis (2011) encontraram elevada contribuição do setor construção civil na taxa de deposição mensal de partículas mensurada pela rede manual de monitoramento de partículas sedimentadas na RMGV.

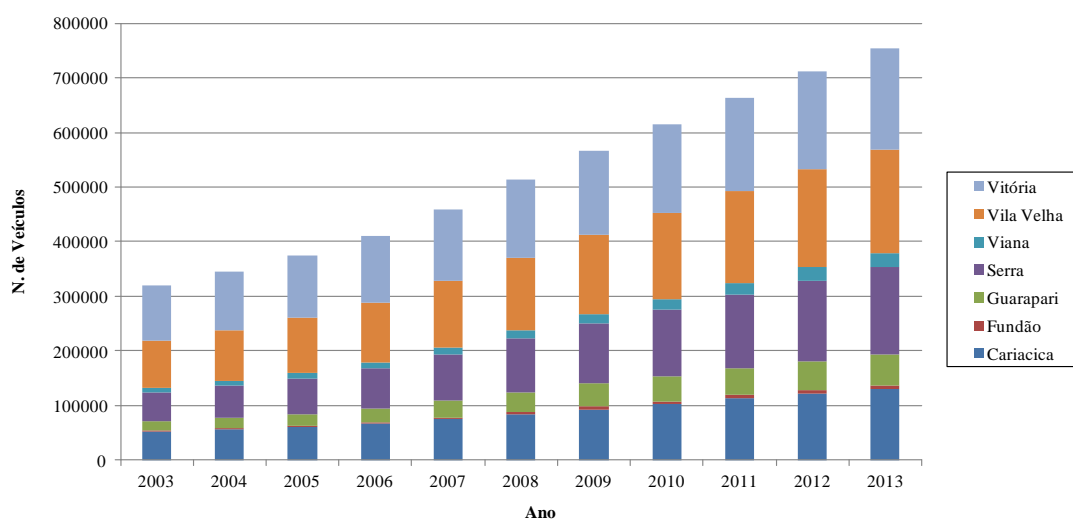


Figura 4.3. Evolução anual da frota de veículos automotores registrados nos municípios da RMGV de 2003 a 2013 (Fonte: DENATRAN, 2014).

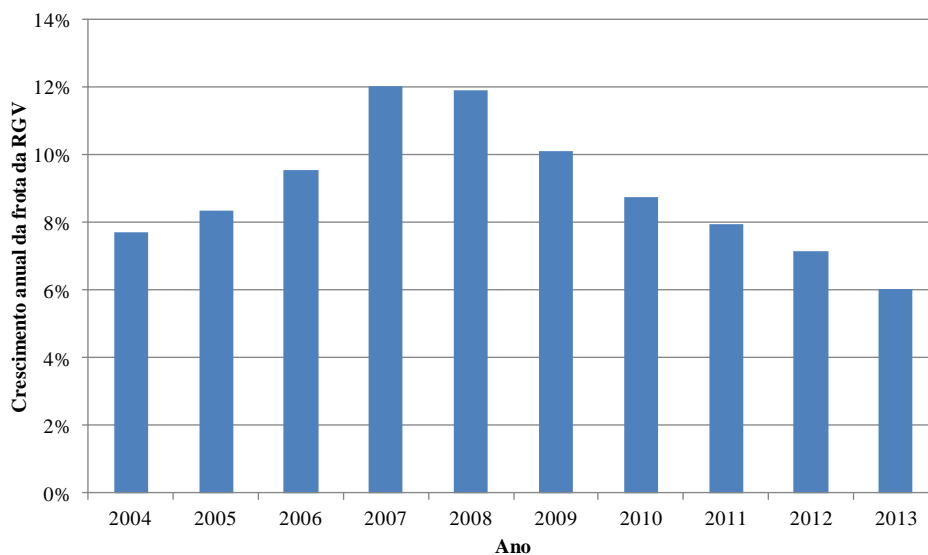


Figura 4.4. Evolução anual da taxa de crescimento da frota de veículos automotores registrados na RMGV de 2004 a 2013 (Fonte: DENATRAN, 2014).

5. Monitoramento da Qualidade do Ar e das Condições Meteorológicas na RMGV

Este capítulo descreve o monitoramento da qualidade do ar e das condições meteorológicas na RMGV, estando dividido em 2 seções principais. A Seção 5.1 descreve a rede de estações de monitoramento da qualidade do ar e das condições meteorológicas operada pelo IEMA, indicando a localização e os parâmetros monitorados por cada estação. A Seção 5.2 descreve a metodologia empregada para o tratamento dos dados obtidos pela rede de monitoramento para a construção do relatório anual de qualidade do ar, incluindo os critérios empregados para a análise de representatividade dos dados.

5.1. Redes de monitoramento

O monitoramento da qualidade do ar e das condições meteorológicas na RMGV é efetuado por 2 conjuntos complementares de estações de monitoramento: (i) a rede automática de monitoramento da qualidade do ar (RAMQAr) e (ii) a rede manual de monitoramento de partículas sedimentadas. O número e a distribuição das estações de monitoramento de qualidade do ar em operação na RMGV não são suficientes para a caracterização detalhada da poluição do ar em todo o seu território. As estações da RAMQAr e da rede manual de monitoramento de partículas sedimentadas estão localizadas em quatro dentre os sete municípios da RMGV em localizações consideradas estratégicas para o direcionamento de políticas de gestão e de controle.

5.1.1. Rede automática de monitoramento da qualidade do ar (RAMQAr)

A RAMQAr é composta por 8 estações de monitoramento da qualidade do ar. A Tabela 5.1 e a Figura 5.1 apresentam a localização das estações de monitoramento.

Tabela 5.1. Dados de localização das estações da RAMQAr.

Nome da estação	Localidade/Bairro	Município
Laranjeiras – RAMQAr 01	Hospital Dório Silva / Laranjeiras	Serra
Carapina – RAMQAr 02	ArcelorMittal Tubarão / Carapina	Serra
J. Camburi – RAMQAr 03	Unidade de Saúde / Jardim Camburi	Vitória
Enseada do Suá – RAMQAr 04	Corpo de Bombeiros / Enseada do Suá	Vitória
Vitória Centro – RAMQAr 05	Ministério da Fazenda / Centro	Vitória
Ibes – RAMQAr 06	4º Batalhão da Polícia Militar / Ibes	Vila Velha
VV Centro – RAMQAr 07	Ao lado do Colégio Marista N. S. da Penha / Centro	Vila Velha
Cariacica – RAMQAr 08	CEASA / Coord. da Defesa Agropecuária / Vila Capixaba	Cariacica

A RAMQAr tornou-se operacional em 2001, e foi viabilizada por meio de condicionantes das Licenças de Instalação da Usina VII da CVRD (LI-198/98) e Alto Forno II da CST (LI-192/98). Essa rede é de propriedade de IEMA, que gerencia sua operação e manutenção, e tem como objetivo principal medir a exposição da população da RMGV aos poluentes: material particulado total em suspensão (PTS), partículas com diâmetro menores que 10 μm (MP_{10}), dióxido de enxofre (SO_2), óxidos de nitrogênio (NO_x), hidrocarbonetos (HC), monóxido de carbono (CO) e ozônio (O_3). Em sua concepção original a RAMQAr possui 8 estações de monitoramento. A Tabela 5.2 apresenta os parâmetros meteorológicos e de qualidade do ar monitorados por cada estação da RAMQAr.

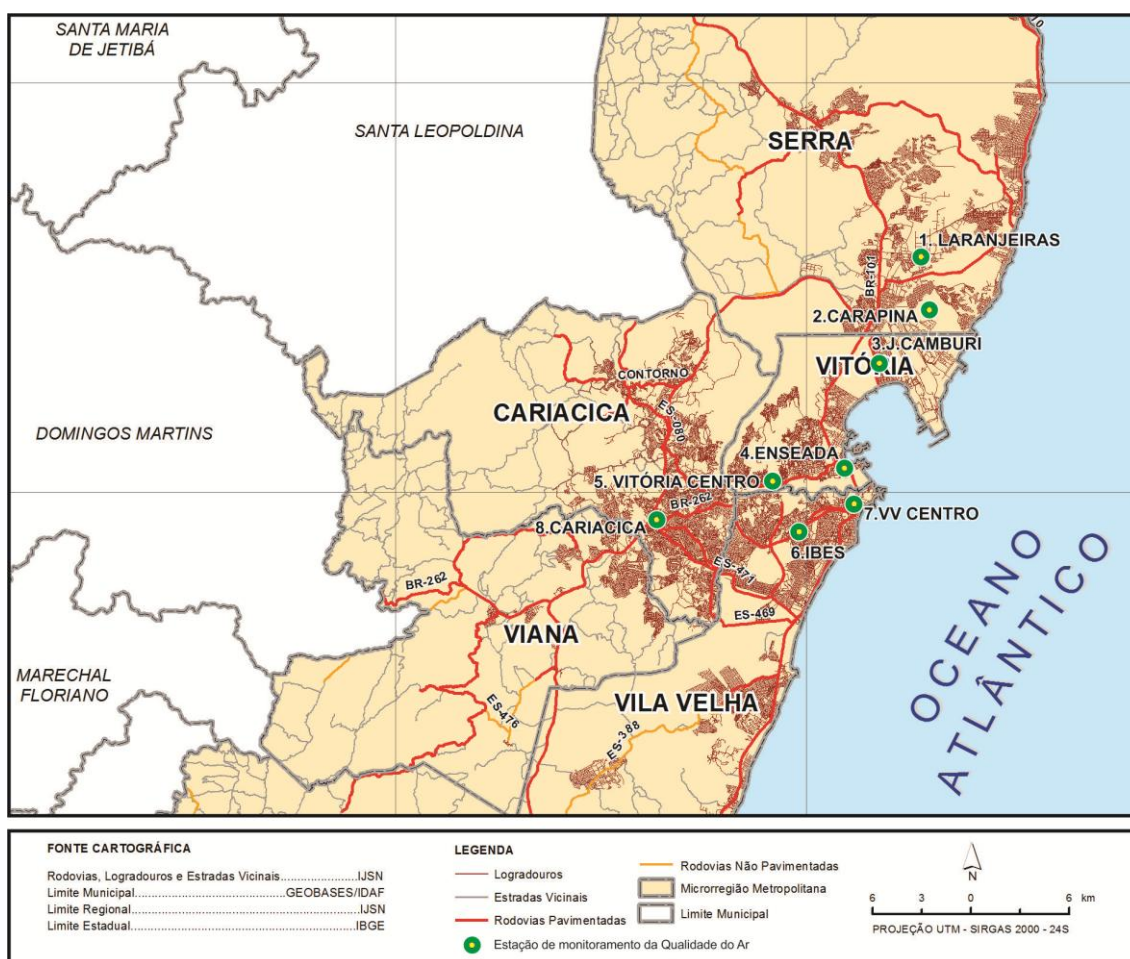


Figura 5.1. Distribuição espacial das estações da rede automática de monitoramento da qualidade do ar (RAMQAr) na RMGV (Adaptado de IJSN, 2014).

Tabela 5.2. Parâmetros monitorados pelas estações da RAMQAr.

Nome da estação	PTS	MP ₁₀	SO ₂	CO	NO _x *	HC	O ₃	Meteorologia
Laranjeiras – RAMQAr 01	X	X	X	X	X		X	
Carapina – RAMQAr 02	X	X						DV, VV, UR, PP, P, T, I
J. Camburi – RAMQAr 03	X	X	X		X			
Enseada do Suá – RAMQAr 04	X	X	X	X	X	X	X	DV, VV
Vitória Centro – RAMQAr 05	X	X	X	X	X	X		
Ibes – RAMQAr 06	X	X	X	X	X	X	X	DV, VV
VV Centro – RAMQAr 07		X	X					
Cariacica – RAMQAr 08	X	X	X	X	X		X	DV, VV, T

DV = Direção do Vento, VV = Velocidade do Vento, UR = umidade Relativa, PP = Precipitação Pluviométrica, P = Pressão, T = Temperatura, I = Insolação. (*) As estações que monitoram NO_x apresentam dados de NO e NO₂.

A Tabela 5.3 apresenta uma descrição da abrangência esperada e fontes de influência por cada estação da RAMQAr em sua concepção original. É importante ressaltar o crescimento da RMGV e as alterações relacionadas às principais fontes da região requerem revisões do desenho original. Por exemplo, as estações que atualmente monitoram os níveis de O_3 encontram-se muito próximas de regiões de tráfego intenso, que são caracterizadas pelas significativas emissões de NO_x , que reduzem as concentrações atmosféricas locais de O_3 . Um monitoramento mais adequado das concentrações de O_3 deveria considerar a presença de estações mais afastadas de vias de tráfego intenso, visto que a dinâmica de formação desse poluente conduz a níveis mais elevados de concentração em regiões mais afastadas das fontes de emissão de NO_x .

Outro fator relevante que leva a necessidade de revisão é a construção de edificações próximas às estações que prejudicam não apenas o monitoramento da qualidade do ar, mas principalmente, o monitoramento das variáveis meteorológicas. Tais pontos serão abordados nos Capítulos 6 e 7 que apresentam e discutem os resultados do monitoramento.

5.1.2. Rede manual de monitoramento de partículas sedimentadas

A rede manual de monitoramento de partículas sedimentadas atualmente em operação foi implantada em 2009, iniciando seu funcionamento no mês de abril de 2009 com 9 pontos de monitoramento. Em dezembro de 2009, a rede foi ampliada para 11 pontos de monitoramento, sendo que 8 estão localizados nas estações da RAMQAr, dois pontos na Ilha do Boi (SENAC e Clube Ítalo Brasileiro) e um ponto adicional no Centro de Vitória na Banca Cultura localizada na esquina da Av. Jerônimo Monteiro com a Rua Governador José Sette (este ponto adicional foi desativado em fevereiro de 2013 conforme solicitação do proprietário da Banca Cultura). O posicionamento das estações foi determinado com base nas recomendações da norma ASTM D1739-98 (*reapproved* 2004), quanto ao espaçamento entre estações (de 5 a 8 km) e proximidade com estruturas e edificações e presença de árvores (foi realizada a poda das árvores próximas às estações). A Tabela 5.4 e a Figura 5.2 apresentam a localização dos pontos de monitoramento.

Cada ponto de monitoramento conta com 4 coletores ASTM D1739-98(2004) para permitir que amostras possam ser rejeitadas, se necessário, e possibilitar a verificação dos dados de quantificação da massa depositada. A Figura 5.3 apresenta o coletor de partículas sedimentadas, que consiste basicamente de um recipiente de coleta de 25 cm de diâmetro e 50 cm de profundidade protegido por uma barreira para minimizar a influência da velocidade do vento sobre as medições. A existência de quatro coletores em cada estação permite, ainda, que a quantidade de massa coletada seja suficiente para uma posterior caracterização química das partículas, visto que são necessários 1 a 2 gramas para a realização das análises químicas.

Tabela 5.3. Descrição da abrangência e fontes de influência em cada estação da RAMQAr de acordo com sua concepção original (Fonte: IEMA, 2007).

Nome da estação	Descrição de abrangência e fontes de influência
Laranjeiras RAMQAr 01	Capta influências diretas das indústrias da Ponta de Tubarão e demais indústrias do CIVIT, sendo representativa de níveis de <i>background</i> principalmente relacionado a emissões veiculares para as condições meteorológicas predominantes na região de estudo.
Carapina RAMQAr 02	Incluída na rede para abranger locais não cobertos por outras estações. A RAMQAr 02 capta influências das indústrias da Ponta de Tubarão em determinadas condições de vento, podendo registrar influência relativa de veículos e outras fontes da Serra e Vitória e até níveis de <i>background</i> em outros momentos. No que diz respeito ao monitoramento meteorológico, essa é a estação mais completa.
J. Camburi RAMQAr 03	Cobre áreas diretamente influenciadas pelas emissões de indústrias da Ponta de Tubarão, Serra e Vitória. A mesma, ainda, sofre influência de fontes móveis circulando em áreas nos seus arredores.
Enseada do Suá RAMQAr 04	É apresentada como a principal estação na rede de medição instalada, pois se localiza em um ponto estratégico da Grande Vitória e proporciona grande área de cobertura espacial. Além disso, ela é diretamente influenciada pelas emissões de origem industrial da Ponta de Tubarão e pelas fontes móveis que convergem para aquela área de passagem natural da região.
Vitória Centro RAMQAr 05	Localizada em ponto estratégico da Grande Vitória, a RAMQAr 05 proporciona cobertura espacial de áreas diretamente influenciadas pelas emissões de veículos, recebendo ainda contribuições de atividades portuárias e fontes industriais dos municípios de Vila Velha e Cariacica.
Ibes RAMQAr 06	Cobre áreas diretamente influenciadas pelas emissões de veículos, indústrias da Ponta de Tubarão, Vitória, Vila Velha e Cariacica. A mesma, ainda, reúne todas as condições físicas para medição adequada dos parâmetros meteorológicos.
VV Centro RAMQAr 07	Proporciona cobertura espacial de áreas diretamente influenciadas pelas emissões de veículos, indústrias da Ponta de Tubarão e outras de Vitória e Vila Velha.
Cariacica RAMQAr 08	A estação apresenta uma alta cobertura na parte sudoeste da região de estudo, com baixa redundância entre outras estações da rede. A RAMQAr 08 cobre ainda áreas diretamente influenciadas pelas emissões de veículos e indústrias de Cariacica. Essa ainda reúne todas as condições físicas para medição adequada dos parâmetros meteorológicos.

* A descrição das fontes e área de influência monitoradas por cada estação foi extraída de IEMA (2007).

Para a quantificação da taxa de deposição de poeira sedimentada em cada ponto de monitoramento também são empregados os procedimentos descritos na norma ASTM D1739-98 (2004), que consistem em deixar o recipiente coletor exposto por 30 dias e caracterizar gravimetricamente seu conteúdo, após a secagem da amostra em estufa. Conhecendo a massa de partículas depositadas e a área do recipiente, determina-se o fluxo de deposição em $g/m^2/30$ dias. Os dados divulgados representam a média dos fluxos de deposição calculados entre os 4 coletores instalados em cada ponto de monitoramento.

Tabela 5.4. Dados das estações de monitoramento de partículas sedimentadas.

Nome da estação	Localidade/Bairro	Município
Laranjeiras – Estação 01	Hospital Dório Silva / Laranjeiras – RAMQAr 01	Serra
Carapina – Estação 02	ArcelorMittal Tubarão / Carapina – RAMQAr 02	Serra
J. Camburi – Estação 03	Unidade de Saúde / Jardim Camburi – RAMQAr 03	Vitória
Enseada do Suá – Estação 04	Corpo de Bombeiros / Enseada do Suá – RAMQAr 04	Vitória
Vitória Centro – Estação 05	Ministério da Fazenda / Centro – RAMQAr 05	Vitória
Vitória Centro (Banca) – Estação 06	Banca de Jornais Cultura / Em frente a C&A / Centro	Vitória
Ibes – Estação 07	4º Batalhão da Polícia Militar / Ibes – RAMQAr 06	Vila Velha
VV Centro – Estação 08	Ao lado do Colégio Marista N. S. da Penha / RAMQAr 07	Vila Velha
Cariacica – Estação 09	CEASA / Coord. da Defesa Agropecuária / Vila Capixaba – RAMQAr 08	Cariacica
SENAC – Estação 10	Hotel SENAC Ilha do Boi / Ilha do Boi	Vitória
Clube Ítalo – Estação 11	Clube Ítalo Brasileiro do Espírito Santo / Ilha do Boi	Vitória

5.2. Métodos de tratamento de dados

Os dados brutos utilizados para elaboração deste relatório são as concentrações médias horárias para cada um dos poluentes e variáveis meteorológicas monitoradas. A partir desses dados são calculadas as concentrações médias aritméticas anuais (MP_{10} , NO_2 e SO_2), médias geométricas anuais (PTS), médias móveis de 24 horas (PTS, MP_{10} e SO_2), médias móveis de 8 horas (CO e O_3) e médias horárias (CO , O_3 e NO_2).

As médias móveis das concentrações para tempos de média de 8 horas e 24 horas são utilizadas para a realização das comparações com os padrões previstos na Resolução CONAMA nº 03/1990, com as diretrizes da OMS e com os limites previstos pelo Decreto n. 3463-R 12/2013, que estabelece novos padrões de qualidade do ar para o estado do Espírito Santo. As médias móveis representam a melhor estratégia para a verificação da exposição ao poluente monitorado em estações automáticas, pois a exposição ocorre em horas consecutivas e não de acordo com as horas do relógio em um dia. Por exemplo, a exposição de 24 horas, não corresponde necessariamente a exposição ocorrida entre 00:00 horas de um determinado dia e 23:59 horas do dia posterior, mas a exposição de 24 horas consecutivas, seja entre 01:00 hora e 00:59 hora do dia posterior ou entre 02:00 horas e 01:59 horas do dia posterior, e assim, consecutivamente.

Desse modo, existem 23 médias móveis de 24 horas em 1 dia e a exposição ao poluente pode ser verificada continuamente. Outro modo interessante de avaliar a importância do uso da média móvel, consiste em perceber que a média de 24 horas entre 00:00 horas e 23:59 horas pode ser menor que a média de 24 horas calculada entre 12:00 horas e 11:59 do dia posterior, entretanto, a exposição de 24 horas ao poluente ocorreu tanto entre 00:00 horas e 23:59 horas como entre 12:00 horas e 11:59 horas.

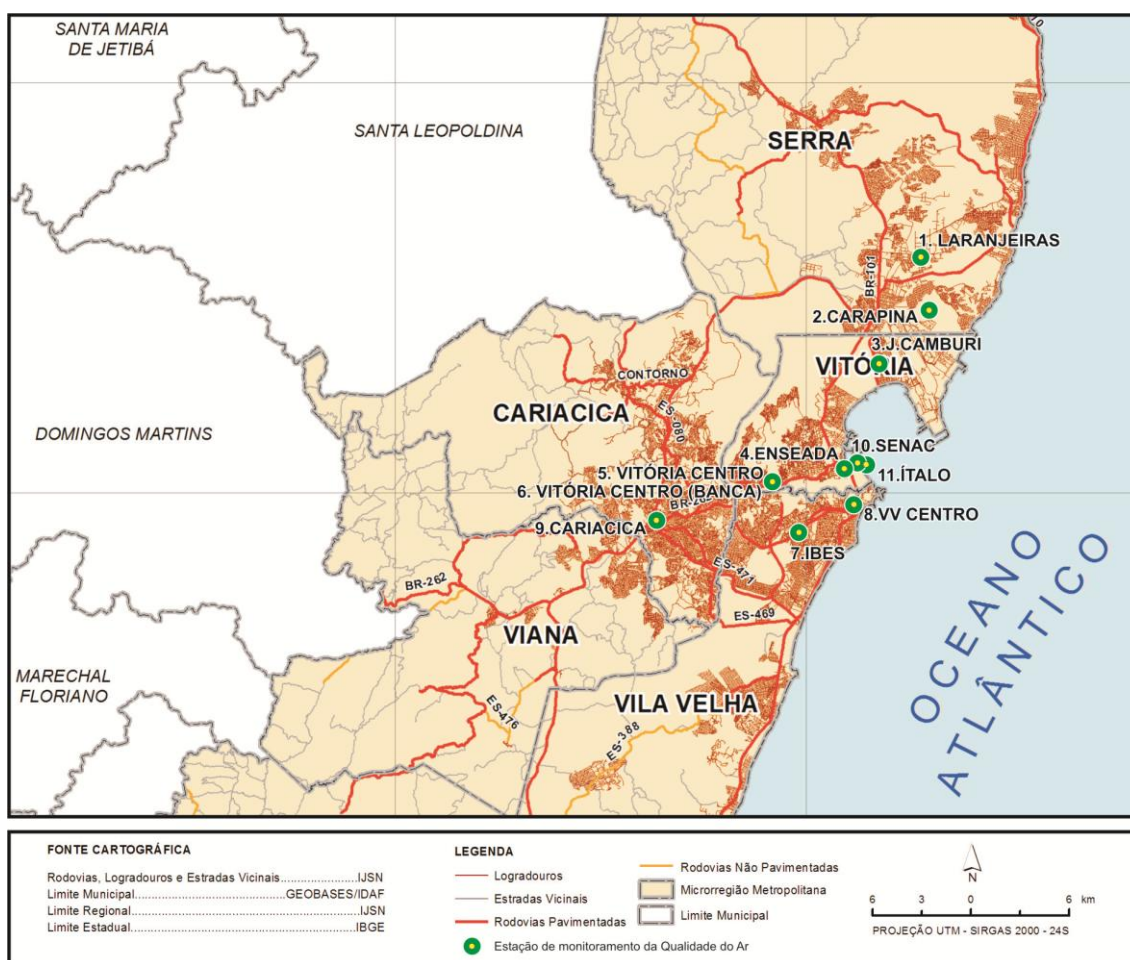


Figura 5.2. Distribuição espacial dos pontos de coleta de PS na RMGV (Adaptado de IJSN, 2014).

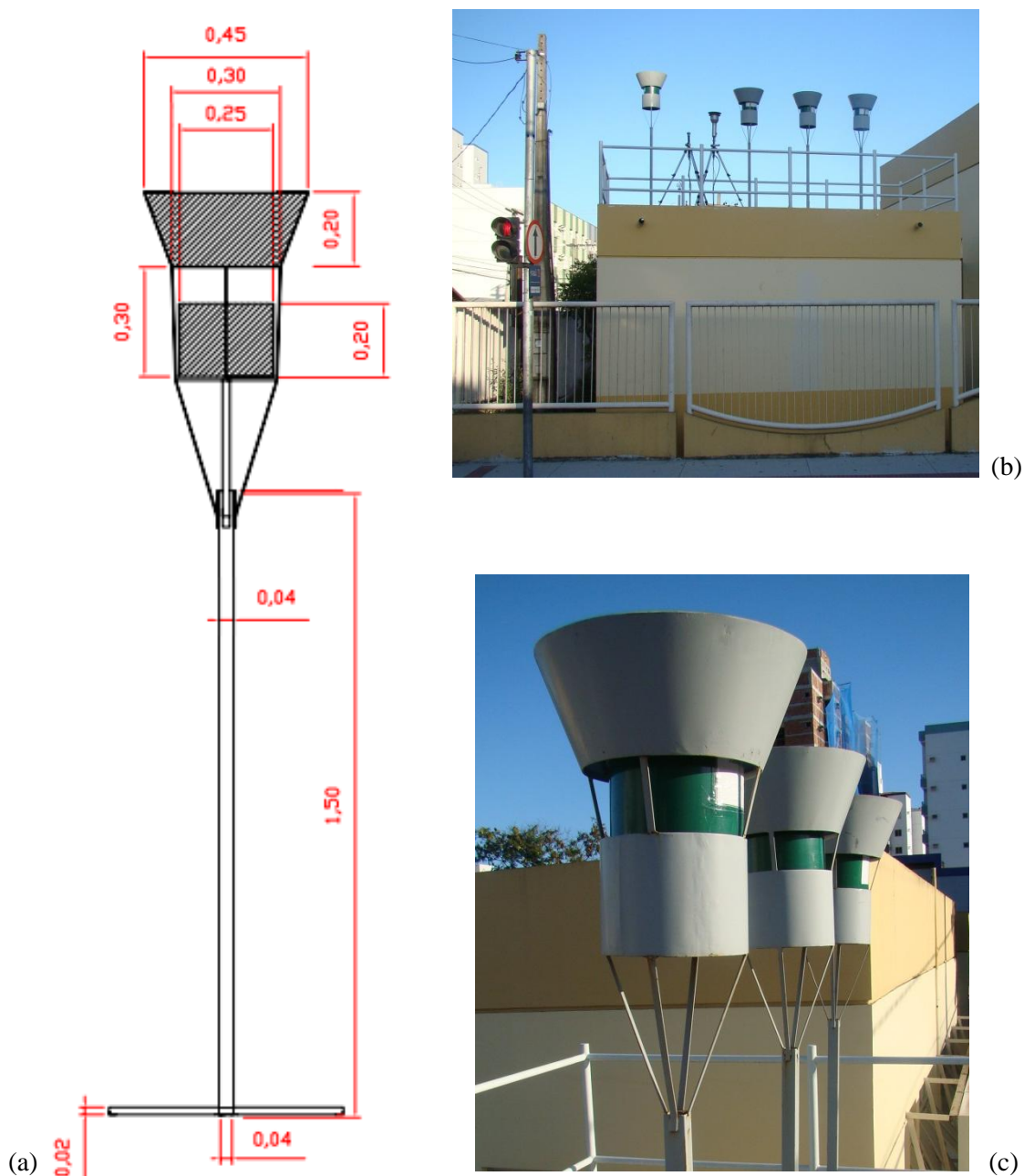


Figura 5.3. Coletor de partículas sedimentadas projetado de acordo com a norma ASTM D1739: (a) representação esquemática do coletor e suas dimensões e fotografias (b) do coletor instalado em uma estação da RAMQAr e (c) do detalhe da instalação do recipiente coletor.

As comparações com os limites previstos pelo Decreto nº 3463-R 12/2013 são de vital importância para o gerenciamento da qualidade do ar na RMGV, pois o decreto estabelece metas intermediárias que devem ser alcançadas em 3 etapas até o atingir os padrões finais de qualidade esperados, que estão alinhados com as diretrizes de qualidade do ar preconizadas pela OMS.

Adicionalmente, são apresentados os IQA para o período analisado e número de dias com excedência dos padrões de qualidade CONAMA e Decreto nº 3463-R e das diretrizes da OMS.

5.2.1. Representatividade dos dados

A análise da representatividade dos dados de monitoramento é muito importante para garantir a validade das comparações entre os dados de monitoramento e os padrões de qualidade do ar. Por exemplo, se uma estação de monitoramento possui dados válidos de medição somente em metade dos meses de um ano, a média anual da concentração de poluentes calculada com os dados dessa estação pode não ser representativa da qualidade do ar daquela região. Esse problema pode ser mais grave se os dados excluírem períodos críticos ou de condições meteorológicas desfavoráveis, como os meses de inverno, por exemplo. Nesse caso a concentração média anual calculada seria significativamente diferente da concentração média anual real, pois poderia excluir diversos dados com elevados valores de concentração. Nesse contexto, a definição de critérios de representatividade de dados é de extrema importância para avaliar a validade das análises efetuadas. O não atendimento desses critérios para uma determinada estação ou período significa que as falhas de medição ocorridas ou interrupções no funcionamento das estações podem comprometer a interpretação do resultado obtido.

A representatividade, ou não, de um parâmetro de monitoramento calculado (tais como médias anuais, mensais ou de 24 horas) é avaliada com base no percentual de dados brutos válidos que foi utilizado em seu cálculo. Ao processar os dados brutos, são considerados como dados disponíveis/válidos os dados que não são invalidados pelo sistema de captura/armazenamento de dados ou pelo gestor do sistema. O percentual de ocorrência de cada uma dessas situações é explicitado no *Addendum* a este relatório.

Com o objetivo de uniformizar os critérios de representatividade utilizados por órgãos ambientais estaduais no Brasil, o presente relatório utiliza os mesmos critérios empregados pela Companhia Ambiental do Estado de São Paulo (CETESB, 2013) e Instituto Estadual do Ambiente do Estado do Rio de Janeiro (INEA-RJ, 2013). A representatividade dos dados é testada com base no número de dados brutos disponíveis/válidos para o cálculo de médias horárias, diárias, mensais e anuais. A Tabela 5.5 apresenta os critérios de representatividade dos parâmetros monitorados utilizados neste relatório.

Tabela 5.5. Descrição dos critérios de representatividade dos parâmetros monitorados utilizados neste relatório.

Parâmetro a ser calculado	Critério de representatividade
Médias horárias	75% de dados válidos durante a hora
Médias de 24 horas	2/3 das medias horárias válidas durante as 24 horas
Media Mensal	2/3 das medias diárias válidas no mês
Media anual	1/2 das medias de 24 horas válidas para os quadrimestres janeiro-abril, maio-agosto e setembro-dezembro

Somente os resultados considerados representativos serão considerados nas análises neste relatório. Os resultados que não atendem aos critérios de representatividade não foram levados em consideração para as análises efetuadas, mas são apresentados nos gráficos e tabelas com a indicação “não representativos”.

6. Condições Meteorológicas Observadas na RMGV

Os poluentes atmosféricos estão sujeitos a processos de transporte e transformação afetados pelas condições meteorológicas que desempenham papel importante na caracterização dos eventos de poluição do ar, podendo influenciar o aumento ou diminuição das concentrações dos poluentes na atmosfera. O período em que se observa uma piora no índice de qualidade do ar nas regiões urbanas situadas no sudeste do Brasil, como mencionado anteriormente, é o período de inverno devido à atuação das Altas Subtropicais do Atlântico Sul (ASAS) inibindo a convecção na região e também atuando muitas vezes como bloqueio dos sistemas frontais que poderiam modificar as condições de dispersão da região.

Para a caracterização meteorológica da RMGV durante ano de 2011, foram utilizados os dados medidos nas estações meteorológicas RAMQAr. Apenas a estação Carapina (RAMQAr 4) possui estação meteorológica completa que possibilita a medição das seguintes variáveis: temperatura, umidade relativa, pressão atmosférica, radiação solar, precipitação, direção e velocidade do vento. As estações Cariacica, VV-Centro, Ibes e Enseada do Suá monitoram a direção e velocidade do vento e a estação Cariacica monitora também temperatura e umidade relativa do ar.

A análise estatística descritiva dos dados meteorológicos medidos pela rede RAMQAr durante o ano de 2011 indicou elevado percentual de dados faltantes de direção do vento na estação de Cariacica. De acordo com os critérios de representatividade dos dados monitorados apresentados na Tabela 5.5, não são apresentadas as análises de dados considerando essa estação. Contudo, optou-se por incluir a estação meteorológica de superfície (EMS) do Aeroporto de Vitória (SBVT 83649, Lat 20,25°S; Lon 40,28°W) que além de apresentar 89,3%

dos dados de direção e velocidade do vento válidos em 2011, possui sua localização de acordo com os padrões e normas da Organização Meteorológica Mundial (OMM). Isso implica que essa estação pode ser considerada isenta de qualquer alteração na direção e velocidade do vento devido à presença de barreiras ou edificações nas suas vizinhanças.

A Figura 6.1 apresenta a evolução mensal de chuva acumulada na estação Carapina em 2011. Observa-se que em todos os meses choveu menos que a normal climatológica de Vitória (Figura 3.3), exceto os meses de março, abril e outubro que registraram acumulados mensais de 258,8 mm, 357,4 mm e 172 mm, respectivamente. Choveu aproximadamente o dobro do esperado em março e quatro vezes o valor histórico para o mês de abril. Outubro choveu dentro do esperado, registrando 27,6 mm a mais que a normal climatológica do mês. Em Novembro a estação de Carapina registrou dados de precipitação até o dia 9 de novembro, o que corresponde a 28,2% dos dados de todo o mês, logo este mês não possui valores representativos para avaliação da precipitação acumulada mensal medidas nesta estação.

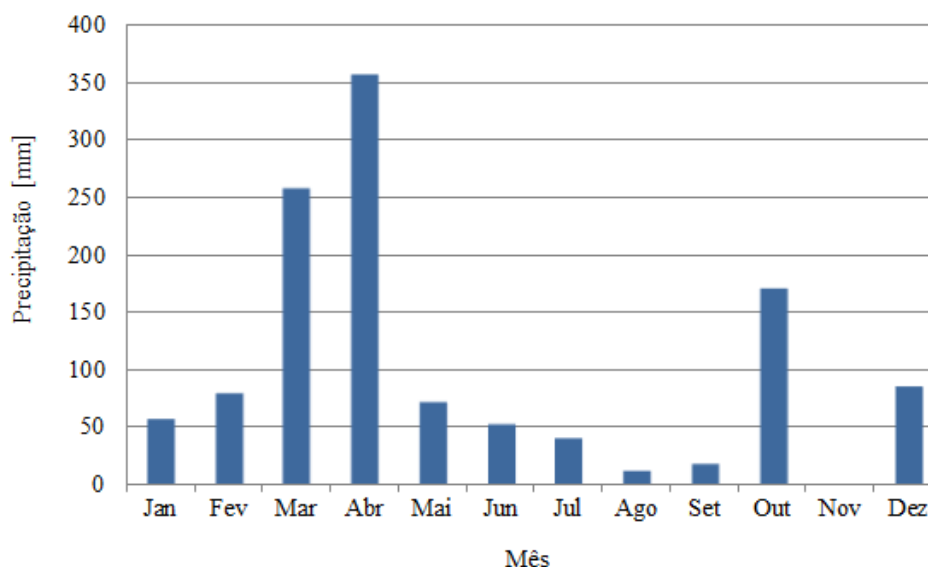


Figura 6.1. Precipitação acumulada mensal na estação Carapina.

Segundo o Boletim de Monitoramento e Análise Climática do CPTEC (CLIMANÁLISE, 2011), as chuvas ocorreram abaixo da média histórica em Vitória no início do ano devido principalmente ao deslocamento mais ao sul dos poucos episódios de ZCAS que se configuraram em janeiro e fevereiro de 2011. Estes por sua vez contribuíram para o grande desastre ocorrido na região serrana do Rio de Janeiro.

Em março de 2011, a atuação de dois episódios de ZCAS favoreceu a ocorrência de chuvas acima da média em todo o estado. Entre os dias 13 e 15, a formação de um centro de baixa pressão sobre o oceano resultou em chuvas mais acentuadas que causaram transtornos em várias

localidades do Espírito Santo. Neste período a chuva acumulada em Vitória excedeu 130 mm, ou seja, mais que o valor esperado para todo o mês (108,2 mm), (INMET, 2011).

Em abril a atuação de um episódio de ZCAS em conjunto com a formação de áreas de instabilidade associadas à passagem de perturbações na média e alta troposfera contribuiu para os maiores acumulados de chuva entre o nordeste de São Paulo e o norte do Espírito Santo e no sul de Minas Gerais, onde as anomalias positivas variaram entre 50 mm e 200 mm (CLIMANÁLISE, 2011). Destacaram-se os totais diários de chuva registrados nas cidades de São Mateus-ES (91,5 mm, no dia 07) e em Vitória (85,9 mm, no dia 21), segundo dados do INMET.

O período típico de estiagem na região (maio a setembro) apresentou um déficit de precipitação de 157,3 mm. A partir do mês de outubro, iniciou-se o período chuvoso que se estendeu até dezembro. Nessa época do ano, a atuação dos sistemas sinóticos favorece o aumento de precipitação, porém em 2011 foi observado que os meses de novembro e dezembro choveram abaixo do esperado. A precipitação total anual em 2011 foi 1227,6 mm, aproximadamente 25 mm abaixo da normal climatológica da região.

Apesar da estação de Carapina não ter registrado a precipitação acumulada do mês de novembro, existiu a configuração de um episódio de ZCAS em novembro que favoreceu a ocorrência de chuva mais acentuada no Espírito Santo, destacando-se o dia 28 onde foi registrado 97,9 mm de precipitação na estação do INMET em Vitória (CLIMANÁLISE, 2011).

As Figuras 6.2(a) e 6.2(b) apresentam os valores médios mensais de temperatura média, máxima e mínima horária para as estações Carapina e Cariacica, respectivamente. As médias mensais da temperatura do ar ao longo de 2011 não apresentam grandes variações, porém a temperatura média anual em Carapina foi 23,1°C, um pouco abaixo da normal climatológica (24,2°C), e em Cariacica foi 24,4°C, superior à normal climatológica. Essa variação de temperaturas observada entre as duas estações ocorre devido a posição geográfica das estações que são afetadas de forma diferente pelas circulações meteorológicas locais. A estação Carapina está localizada na região litorânea da RMGV, ou seja, sofre influência direta da brisa marítima que atua na região costeira e intensifica a velocidade do vento, traz umidade do oceano e, conseqüentemente, diminui a temperatura do ar no continente. A estação de Cariacica não possui série de dados válidos para os meses de Janeiro e fevereiro de 2011, por isso eles não se encontram na Figura 6.2(b).

As médias mensais das temperaturas máximas horárias em 2011 também estiveram em torno da média histórica (28,5°C), oscilando entre 25,9 e 31,9°C na estação Carapina e apresentando valores mais elevados na estação Cariacica, com variação entre 28,1 e 34,4°C. As maiores

temperaturas foram registradas no mês de fevereiro em Carapina e em abril na estação de Cariacica, já as temperaturas mínimas ocorreram no mês de julho nas duas estações, 16,1 °C (Carapina) e 18,3°C (Cariacica). É importante ressaltar que esses dois valores extremos de máxima e mínima temperatura extrapolaram os valores médios das normais climatológicas para temperatura máxima (28,5°C) e mínima (21,3°C). Esses eventos extremos mais intensos podem ser consequência das mudanças do uso do solo e da ação antropogênica.

Devido à localização da RMGV em região tropical, as maiores diferenças de temperatura são observadas entre as estações de inverno e verão (Figura 6.3). Ao longo do dia, tanto na estação Carapina quanto Cariacica, a amplitude térmica é menor que 10°C para qualquer época do ano. Os valores máximos de temperatura durante todo o ano ocorrem entre 12 h e 14 h, período que coincide com a maior incidência de radiação solar na superfície.

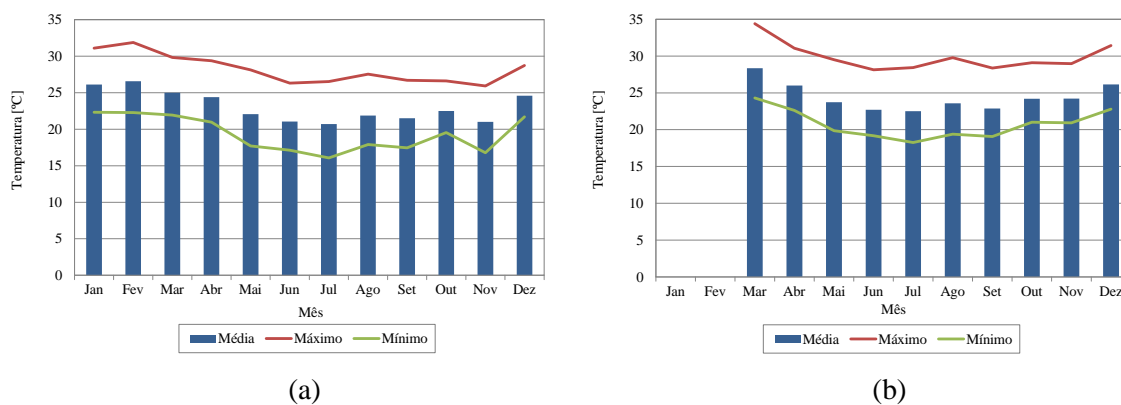


Figura 6.2. Temperatura média mensal, máxima e mínima nas estações: (a) Carapina e (b) Cariacica.

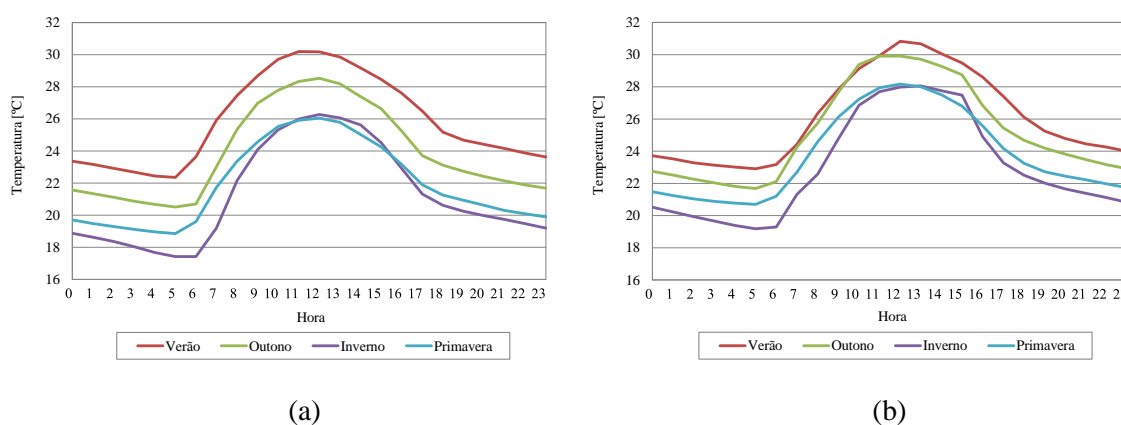


Figura 6.3. Temperatura média horária por estações do ano nas estações: (a) Carapina e (b) Cariacica.

A variação média mensal da pressão atmosférica apresenta comportamento sazonal, com altas pressões presentes sobre a região durante o período de inverno, as quais são relacionadas à

migração dos centros de alta pressão do oceano para o continente e as pressões mais baixas ocorrem nos meses de verão quando acontece o retorno dos centros de alta pressão para o oceano (Figura 6.4).

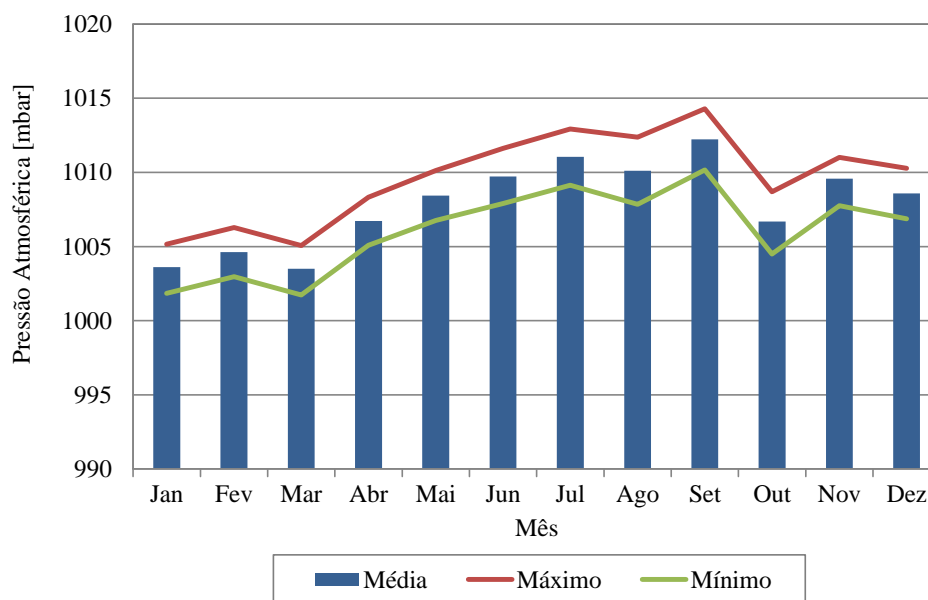


Figura 6.4. Pressão atmosférica média mensal, máxima e mínima na estação Carapina.

As variações médias mensais da pressão atmosférica (média, máxima e mínima) foram inferiores a 3 mbar em 2011. Logo, 2011 foi um ano em que a pressão atmosférica esteve abaixo da normal climatológica (1011,8 mbar), apresentando valores médios de pressão atmosférica anual de 1007,9 mbar, máximo de 1014,3 e mínimo de 1001,7 mbar.

A radiação solar indica o fluxo de energia solar incidente sobre uma determinada área. As Figuras 6.5 e 6.6 apresentam, respectivamente, as médias horárias e mensais de radiação solar, monitoradas na estação Carapina. Observa-se um comportamento típico, com máximos que ocorrem ao meio dia nos meses de primavera e verão e com mínimos durante o período entre os meses de outono e inverno. O fluxo de radiação médio anual incidente em Carapina foi 204 W/m².

As Figuras 6.7 e 6.8 apresentam, respectivamente, as análises de umidade média horária nos período de solstício e equinócio e as médias e máximas mensais nas estações Carapina e Cariacica. A umidade relativa do ar mantém-se elevada durante todo o ano na RMGV, condição típica de região litorânea e tropical, apresentando média anual igual a 78,5% em Carapina e 74,8% em Cariacica. Vale ressaltar que a estação de Cariacica ficou sem registros de umidade relativa durante os meses de janeiro e fevereiro de 2011.

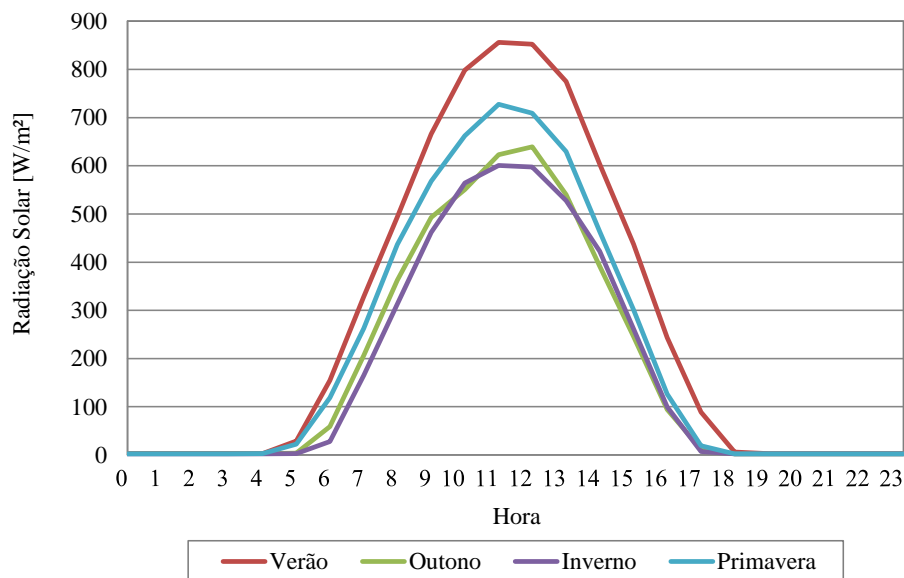


Figura 6.5. Radiação solar média horária nos períodos de solstício e equinócio do ano na estação Carapina.

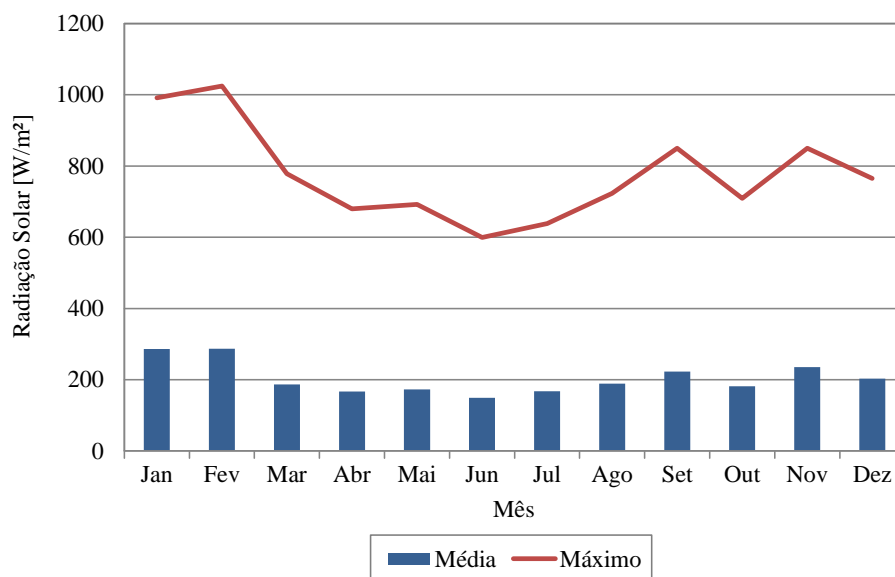


Figura 6.6. Radiação solar média mensal e máxima na estação Carapina.

O ciclo horário da umidade relativa do ar varia de forma inversamente proporcional ao ciclo horário de temperatura, com valores mais altos durante o período noturno, e valores mínimos durante o período de maior insolação, em torno do meio dia. Diferentemente dos outros parâmetros analisados anteriormente, a umidade relativa do ar não apresenta comportamento sazonal definido nessa região devido a sua posição geográfica. Verifica-se que a diferença de umidade relativa do ar horária entre os períodos de solstício e equinócio é de aproximadamente 10% entre o outono e o inverno em Carapina. Já na estação Cariacica, a máxima diferença de

umidade relativa do ar ocorreu entre o verão e o inverno, com aproximadamente 5% de diferença.

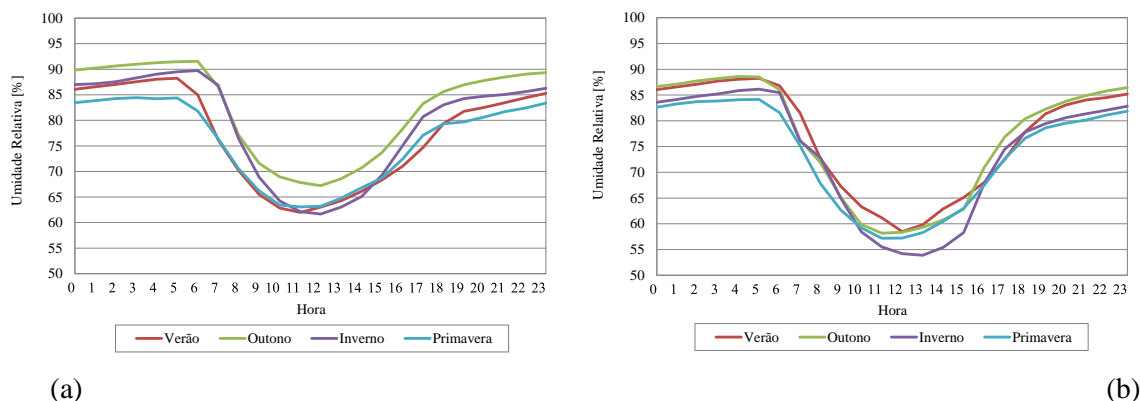


Figura 6.7. Umidade relativa média horária nos períodos de solstício e equinócio nas estações: (a) Carapina e (b) Cariacica.



Figura 6.8. Umidade relativa média mensal, máxima e mínima nas estações: (a) Carapina e (b) Cariacica.

A umidade relativa média na estação Carapina observada foi 78,5%, 1,5% acima da normal climatológica e na estação Cariacica de foi 74,8%, 2,2% abaixo da normal. A diferença de umidade apresentada entre as duas estações ocorre devido à proximidade da estação Carapina ao oceano. Os valores máximos de UR ocorreram no mês de abril com 92,2 % em Cariacica e 93,4% em Carapina. As UR mínimas ocorreram em setembro, com 47 % em Cariacica e 53 % em Carapina. Durante o período de inverno o abaixamento da umidade relativa do ar e a escassez da chuva podem promover piora significativa nos níveis de poluição atmosférica, além de agravar doenças respiratórias e inflamações nos olhos.

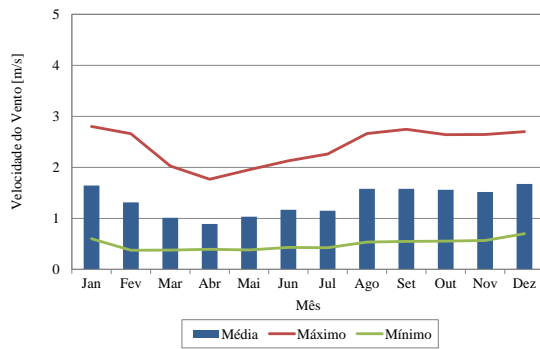
A seguir será apresentado um diagnóstico do regime de ventos na RMGV para o ano de 2011, por meio dos dados medidos na estação de Carapina, Enseada do Suá, Ibes, Cariacica e na estação meteorológica de superfície do Aeroporto de Vitória (SBVT 83649).

A Figura 6.9 apresenta a variação da velocidade média do vento ao longo do ano para as estações Carapina, Enseada do Suá, Ibes, Cariacica e Aeroporto. As velocidades médias anuais nessas cinco estações foram 1,3 m/s, 2,1 m/s, 2,5 m/s, 1,9 m/s e 3,6 m/s, respectivamente. Observa-se que a estação Aeroporto apresenta velocidades maiores que as outras estações, isso ocorre devido à posição da estação Aeroporto que não está influenciada por barreiras físicas e rugosidade urbana. Apesar de a estação Carapina estar próxima ao oceano, ela está rodeada por plantações que atuam como uma barreira ao vento. A estação da Enseada do Suá apesar de estar próxima ao oceano sofre influências das edificações ao seu entorno, principalmente por estar ao lado da Ponte Deputado Darcy Castello de Mendonça. A estação Cariacica e Ibes, mais afastadas da região litorânea, sofrem a influência da rugosidade que a região urbana exerce sobre o vento.

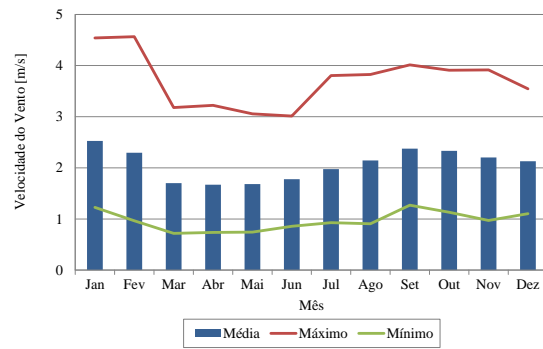
Ao longo do ano de 2011, observa-se que a velocidade média do vento não teve oscilações significantes em todas as estações. As velocidades médias mensais máximas ocorreram na estação Aeroporto em janeiro e foram aproximadamente duas vezes maiores que as máximas registradas nas demais estações. As maiores médias mensais das velocidades máximas foram 9,9 m/s na estação do Aeroporto em janeiro, 4,8 m/s na estação Ibes em setembro, 3,6 m/s na estação de Cariacica em setembro, 2,8 m/s na estação de Carapina em janeiro e 4,6 m/s na estação de Enseada do Suá no mês de fevereiro. Estes dados apresentam uma característica onde as estações situadas mais ao norte da RMGV (Carapina, Aeroporto e Enseada do Suá) e próximo ao litoral possuíram velocidades maiores nos meses de janeiro e fevereiro, já as estações localizadas mais ao sul da RMGV (Ibes e Cariacica) e afastadas do oceano, observa-se que as velocidades máximas ocorrem em média no mês de setembro.

As figuras 6.10 (a) Carapina (b) Enseada do Suá (c) Ibes e (d) Aeroporto, representam as direções do vento predominantes anual em cada estação. Vale ressaltar que a estação de Cariacica foi excluída desta análise por possuir apenas 24% dos dados válidos de direção do vento. As estações do Aeroporto, Ibes e Carapina apresentaram comportamentos semelhantes com relação à direção predominante do vento anual, com direções predominantes e velocidades maiores variando entre as direções norte-nordeste e ventos de sul-sudoeste com menor frequência e intensidade.

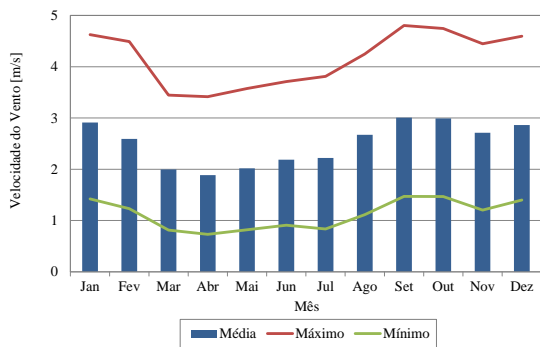
A estação Enseada do Suá foi a única que apresentou direções predominantes variando entre as direções nordeste-leste com velocidades mais intensas e ventos de sudoeste menos intensos. É importante destacar que este comportamento diferente das demais estações pode estar relacionado ao posicionamento da estação da Enseada do Suá, por estar próxima a ponte Darcy Castello de Mendonça e a grandes vias de tráfego, que por sua vez podem estar influenciando nesta alteração da direção predominante dos ventos de norte característico da região.



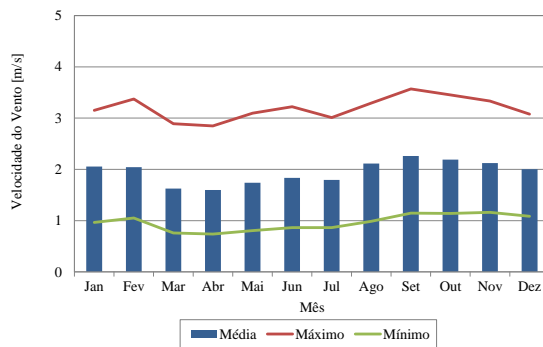
(a)



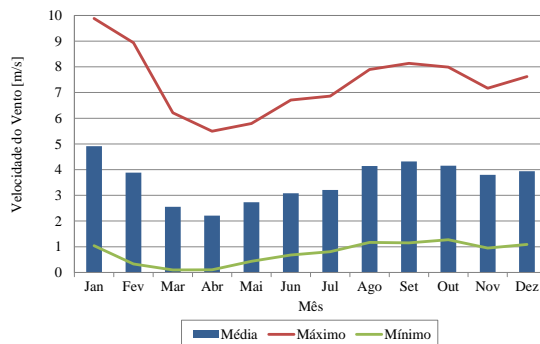
(b)



(c)



(d)



(e)

Figura 6.9. Evolução mensal da velocidade média, máxima e mínima nas estações: (a) Carapina, (b) Enseada do Suá, (c) Ibes, (d) Cariacica e (e) Aeroporto.

Apesar do comportamento semelhante com relação a direção do vento, a estação Aeroporto apresentou velocidades superiores a 11,1 m/s e a estação Ibes apresentou velocidades entre 8,8 e 11 m/s, ambas na direção nordeste (NE). É importante destacar nessa análise, que a estação Aeroporto, conforme discutido anteriormente, apresenta velocidades maiores, devido à atuação da brisa marítima (ventos de nordeste-leste) e ausência de barreiras de vento, e porcentagem de ventos mais calmos predominante de noroeste (NW) que ocorre durante o período noturno, originados pela atuação da brisa terrestre. Velocidades maiores provenientes da direção sul e sudeste podem ser ocasionadas pela passagem de sistemas sinóticos como as frentes frias e a ZCAS.

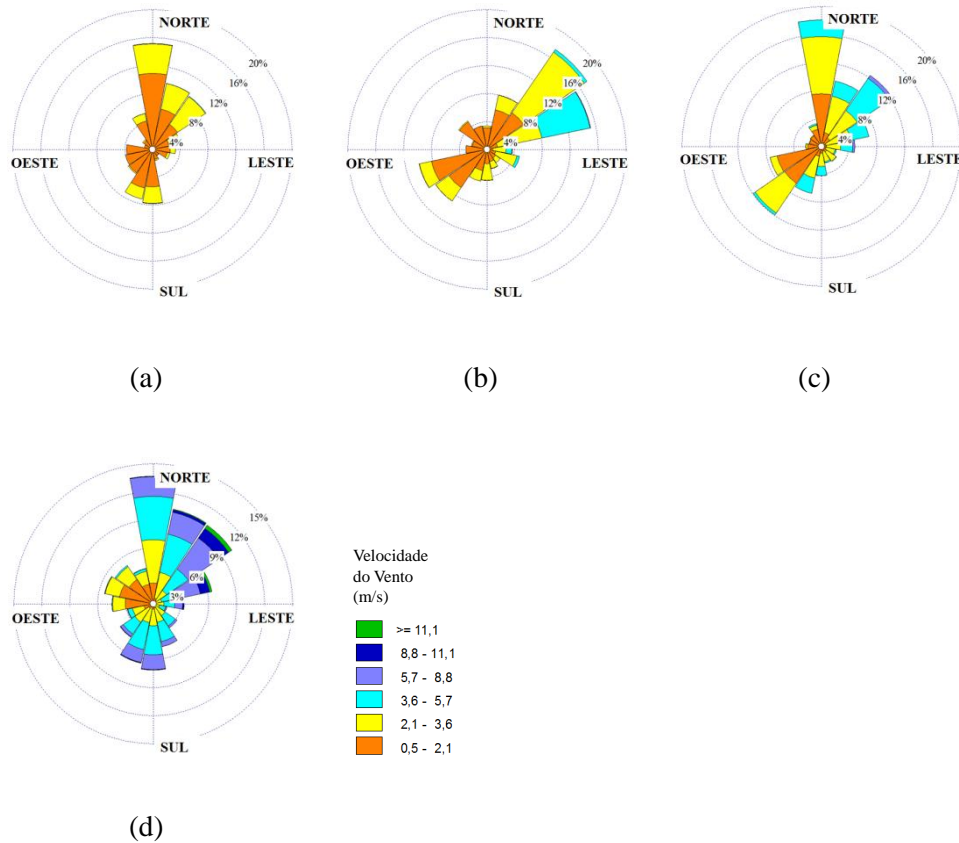


Figura 6.10. Rosa dos ventos anual nas estações: (a) Carapina; (b) Enseada do Suá; (c) Ibes; e (d) Aeroporto.

É possível observar na Figura 6.11, a frequência de ocorrência de velocidade do vento em 2011 na RMGV. Optou-se por utilizar apenas a estação do aeroporto que representa uma melhor condição de vento para análises de circulações locais (mesoescala) e sem interferências da área urbana. Observa-se que em 2011 houve a predominância de ventos em quatro faixas de velocidade: 20% se encontram entre as velocidades 0,5 e 2,1 m/s, 26 % entre 2,1 e 3,6 m/s, 27% entre 3,6 e 5,7 m/s e em menor proporção, aproximadamente 16% das velocidades se encontram entre 5,7 e 8,8 m/s. Cerca dos 17 % restantes estão distribuídos entre calma e velocidades acima de 8,8 m/s.

De acordo com a classificação de intensidade dos ventos de Beaufort, a velocidade média do vento de 3,6 m/s na estação Aeroporto apresenta grau 3, classificada como brisa suave.

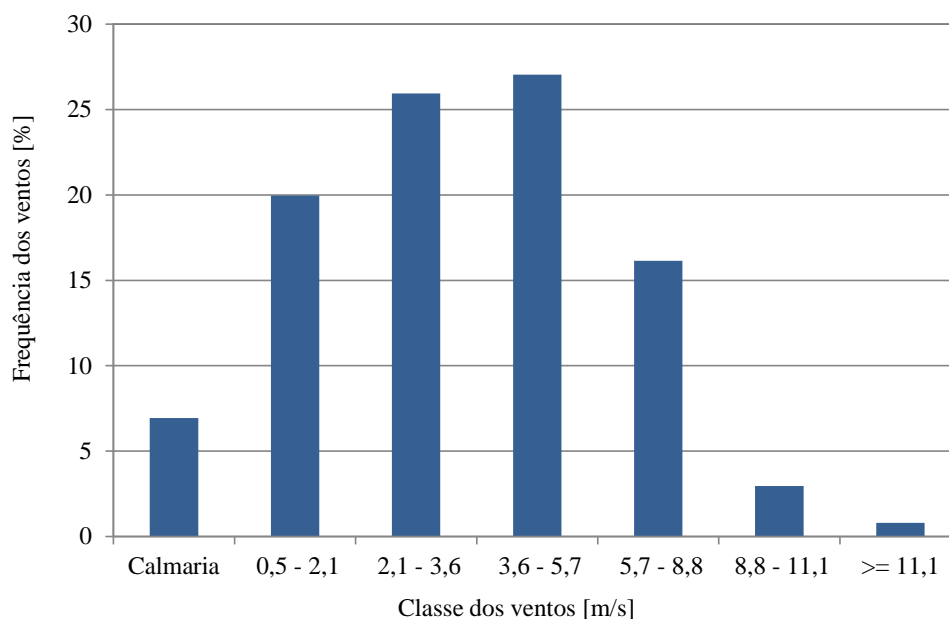


Figura 6.11. Distribuição de frequência de ocorrência das classes de vento na Estação Aeroporto.

As Figuras 6.12 a 6.23 apresentam as rosas dos ventos para os meses de janeiro a dezembro de 2011. Pode-se notar a predominância dos ventos norte-nordeste entre janeiro e fevereiro nas estações de Carapina, Ibes e Aeroporto, já a estação da Enseada do Suá as direções predominantes foram nas direções nordeste-leste. A partir de março os ventos começaram a mudar de direção, apresentando ventos oriundos também da direção sul-sudoeste-oeste. A climatologia local apresenta ventos de nordeste entre janeiro e março, ventos de sudoeste entre abril e julho e ventos de nordeste de agosto a dezembro. Com o enfraquecimento dos ventos de norte-nordeste (N-NE) em maio, a estação da Enseada do Suá apresentou comportamento semelhante às demais estações, com ventos predominantes do terceiro quadrante. Os demais meses do período seco apresentou altas frequências de várias direções, norte e sul nos meses de junho e julho (Figura 6.17).

A partir do mês de agosto, a direção predominante do vento torna-se novamente norte e nordeste, mantendo-se até dezembro (padrão climatológico da região). Essa variação no regime de vento local acontece devido às alterações das características climatológicas da ASAS. As maiores velocidades do vento registradas na estação do Aeroporto foram superiores a 11 m/s e ocorreu no mês de Setembro provenientes da direção nordeste.

Segundo Cavalcanti *et al.* (2009), a alta subtropical oscila meridionalmente em função da época do ano, seguindo a marcha anual da radiação solar. No verão, esse sistema encontra-se mais ao sul e deslocado zonalmente para leste, menos intenso, e com valor médio de 1009 mbar,

favorecendo a predominância das direções N-NE. No inverno, a situação é oposta, a ASAS encontra-se mais intensa, com valores médios máximos de 1023 mbar e o centro deslocado mais para o norte e oeste, atingindo assim a costa do Brasil. Esse comportamento climatológico da variação da direção predominante do vento pode ser observado em todas as estações avaliadas neste relatório. Porém, é necessário alguns cuidados ao considerar o uso das estações da RAMQAr para avaliar as condições meteorológicas médias da RMGV, devido o crescimento urbano dos últimos anos, muitas estações estão situadas em locais que causam interferência no monitoramento das variáveis meteorológicas, como a presença física de edificações e barreiras naturais que alteram a dinâmica local dos ventos.

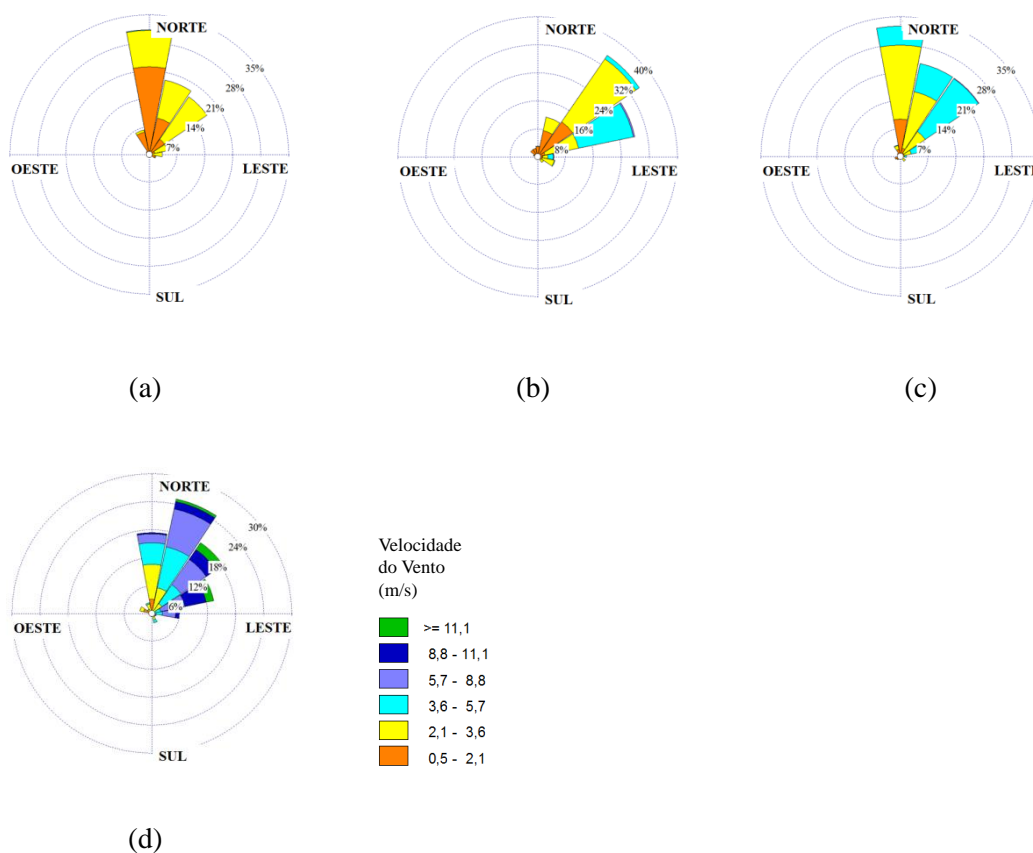


Figura 6.12. Rosa dos ventos para o mês de janeiro nas estações: (a) Carapina; (b) Enseada do Suá; (c) Ibes; e (d) Aeroporto.

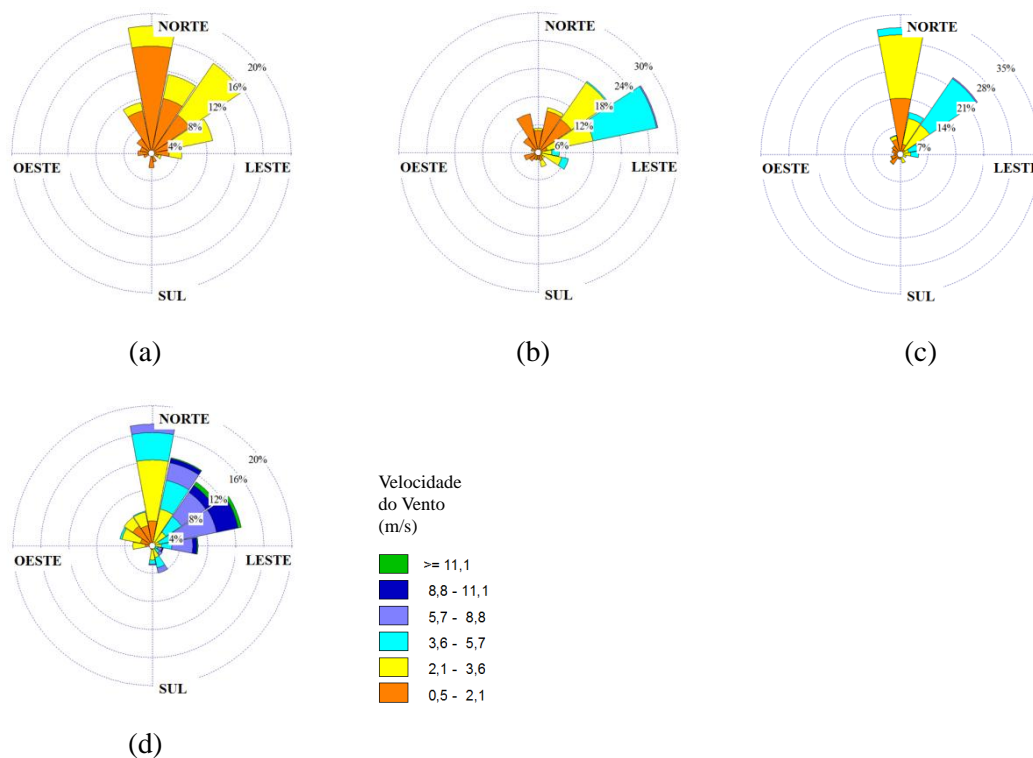


Figura 6.13. Rosa dos ventos para o mês de fevereiro nas estações: (a) Carapina; (b) Enseada do Suá; (c) Ibes; e (d) Aeroporto.

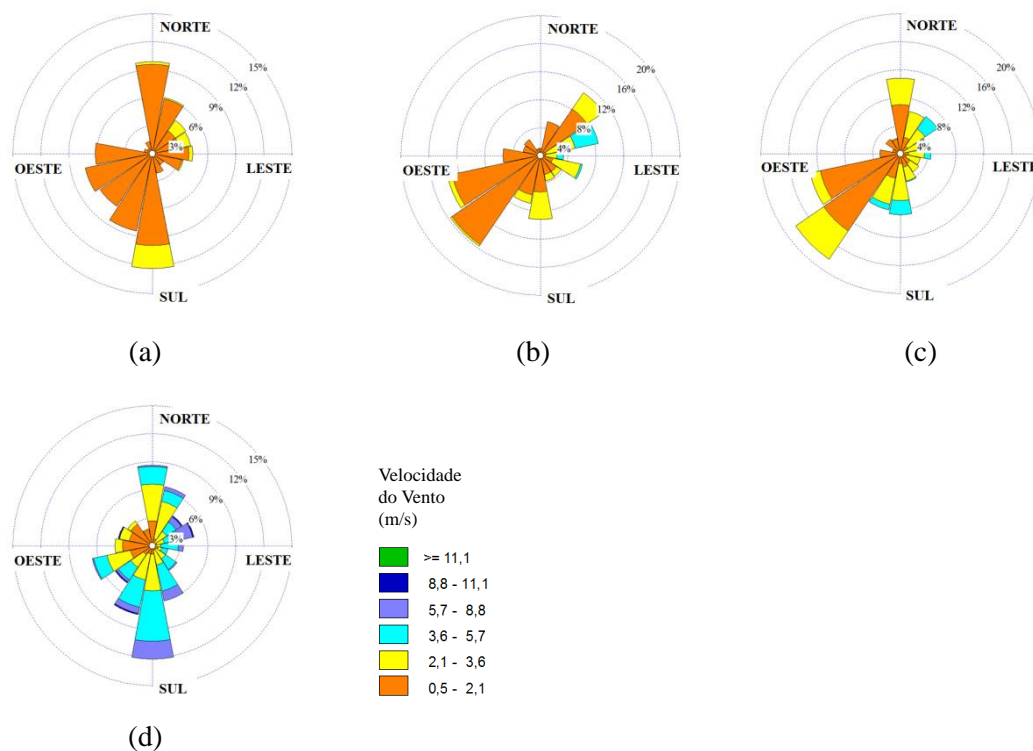


Figura 6.14. Rosa dos ventos para o mês de março nas estações: (a) Carapina; (b) Enseada do Suá; (c) Ibes; e (d) Aeroporto.

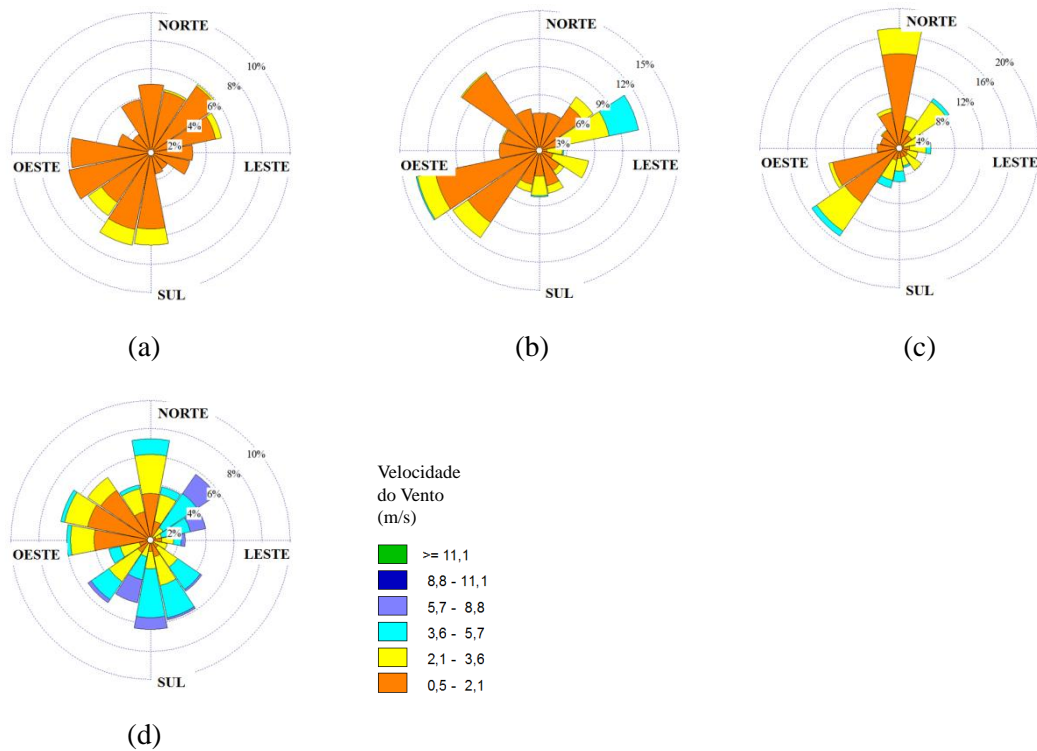


Figura 6.15. Rosa dos ventos para o mês de abril nas estações: (a) Carapina; (b) Enseada do Suá; (c) Ibes; e (d) Aeroporto.

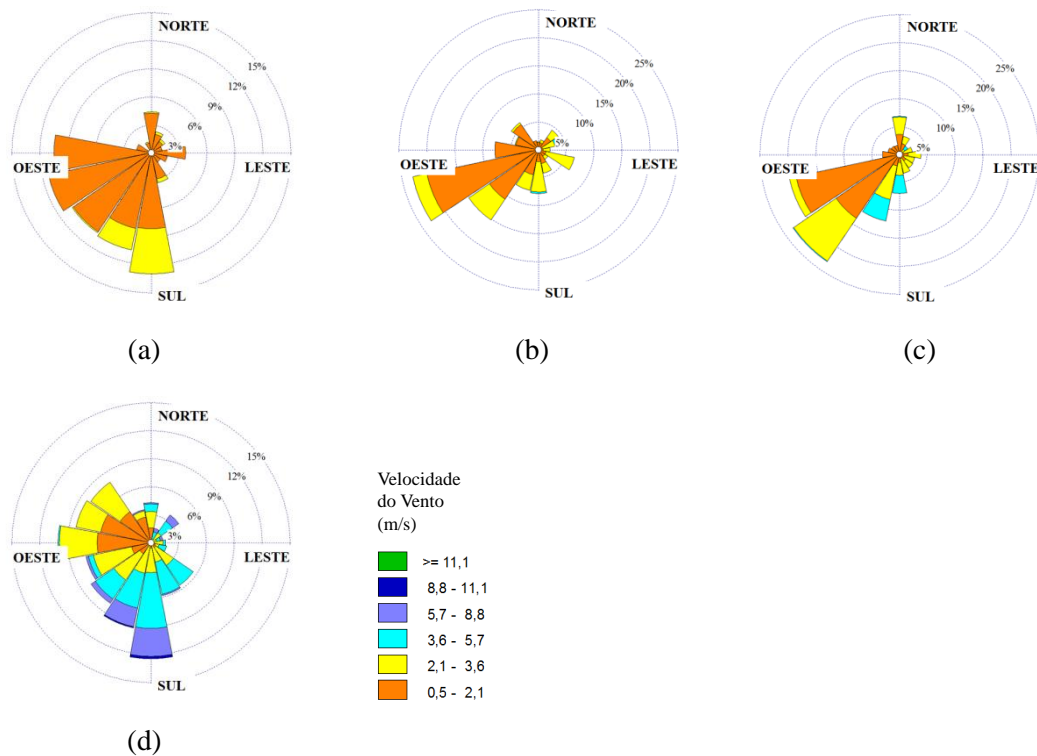


Figura 6.16. Rosa dos ventos para o mês de maio nas estações: (a) Carapina; (b) Enseada do Suá; (c) Ibes; e (d) Aeroporto.

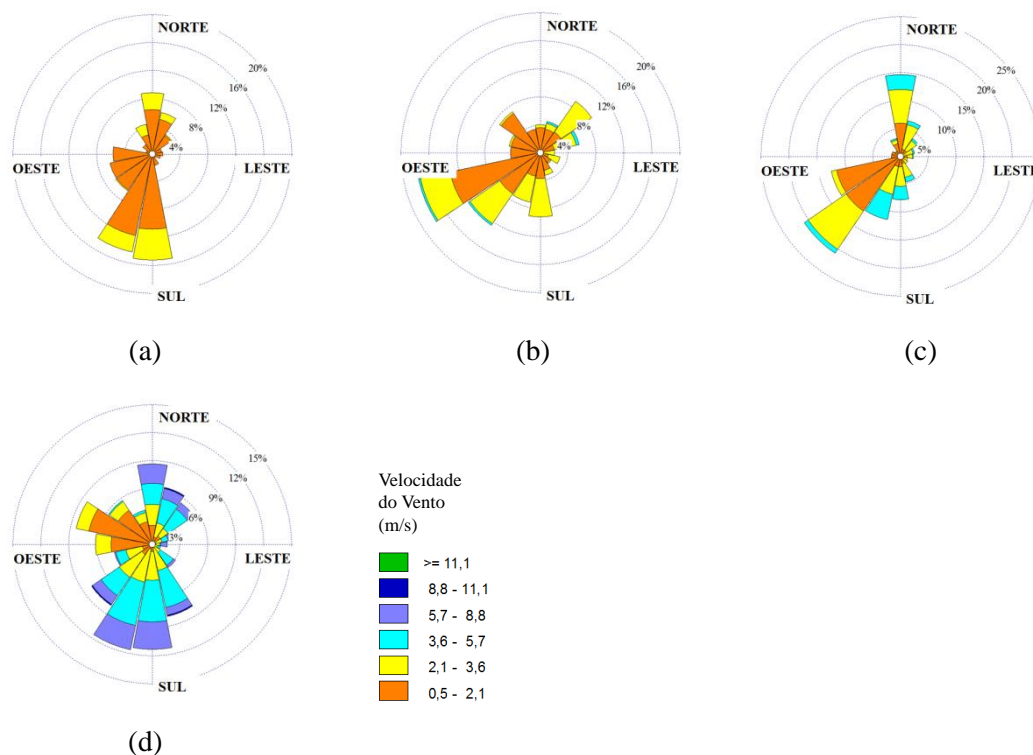


Figura 6.17. Rosa dos ventos para o mês de junho nas estações: (a) Carapina; (b) Enseada do Suá; (c) Ibes; e (d) Aeroporto.

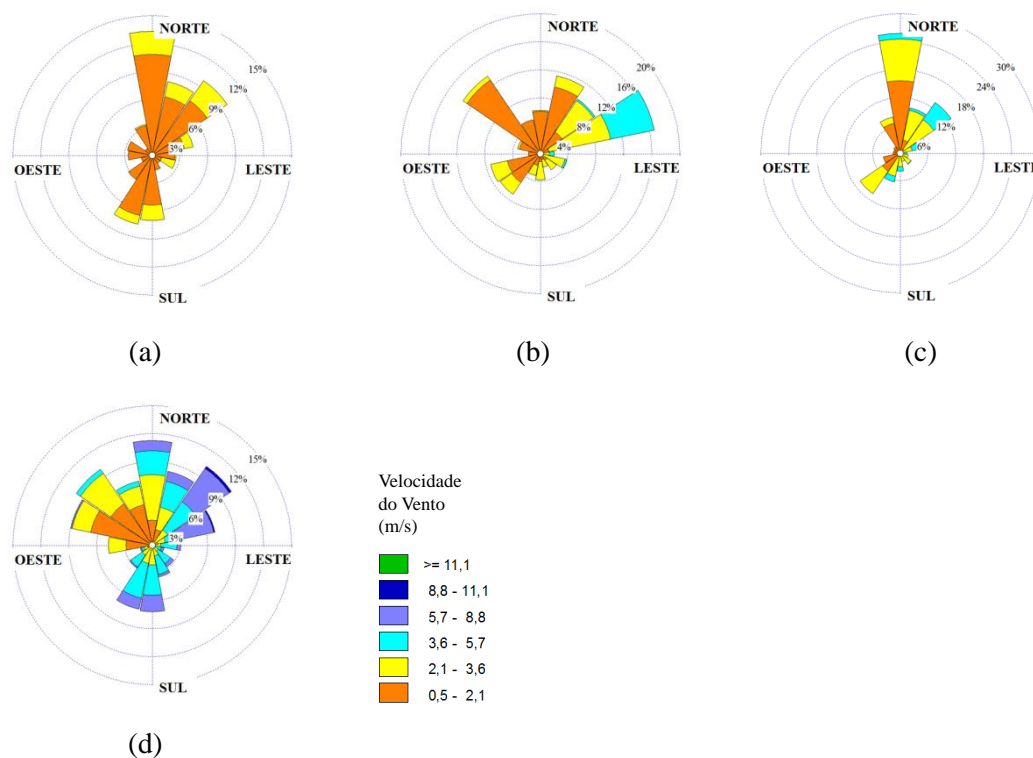


Figura 6.18. Rosa dos ventos para o mês de julho nas estações: (a) Carapina; (b) Enseada do Suá; (c) Ibes; e (d) Aeroporto.

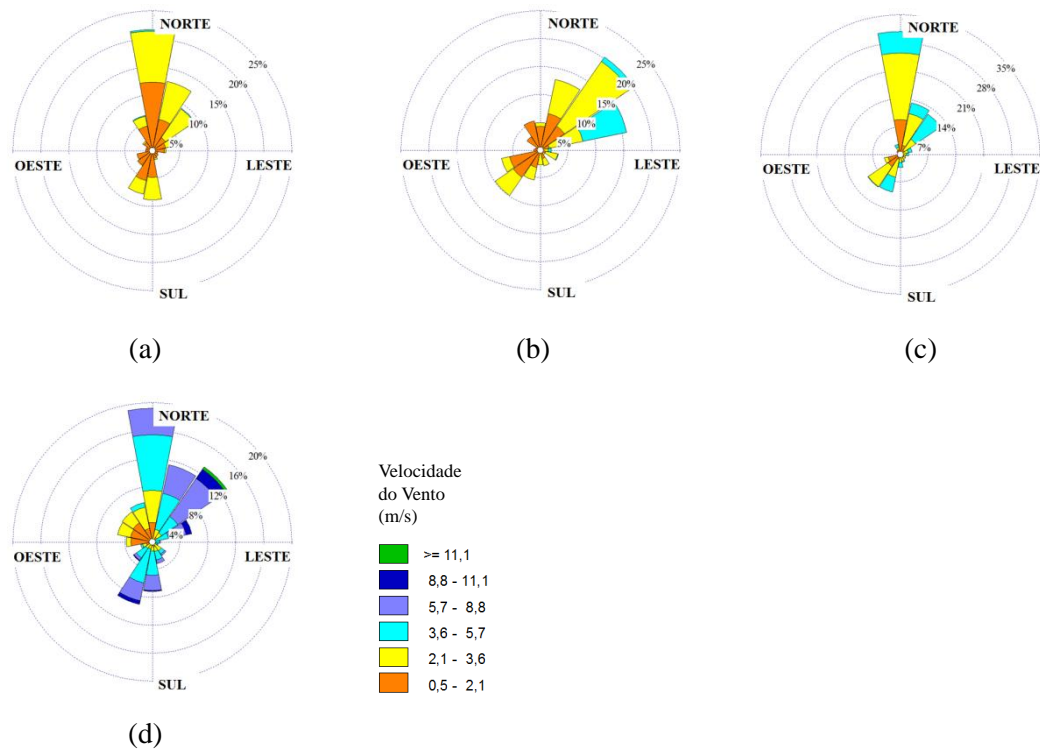


Figura 6.19. Rosa dos ventos para o mês de agosto nas estações: (a) Carapina; (b) Enseada do Suá; (c) Ibes; e (d) Aeroporto.

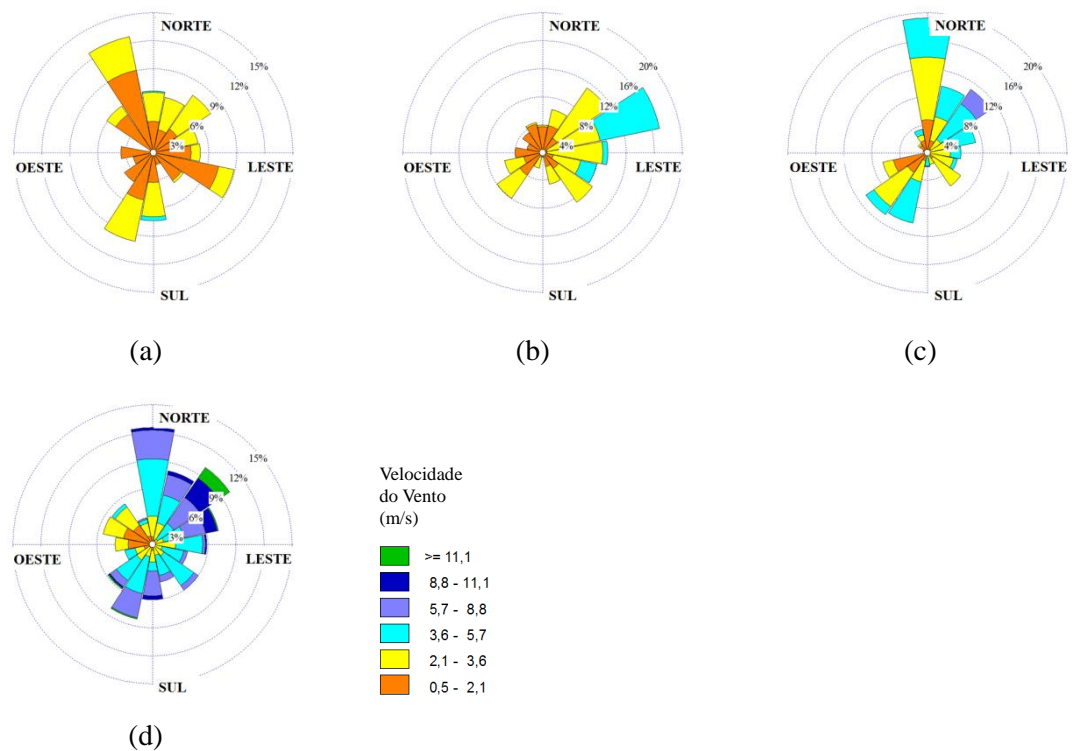


Figura 6.20. Rosa dos ventos para o mês de setembro nas Estações: (a) Carapina; (b) Enseada do Suá; (c) Ibes; e (d) Aeroporto.

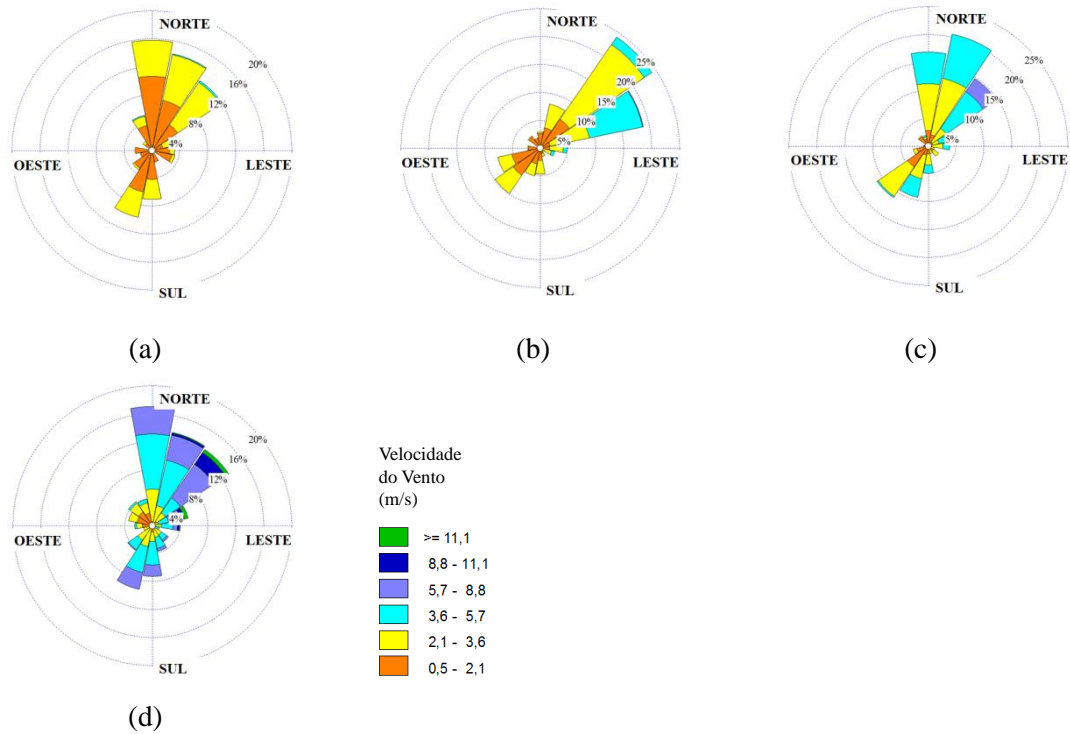


Figura 6.21. Rosa dos ventos para o mês de outubro nas estações: (a) Carapina; (b) Enseada do Suá; (c) Ibes; e (d) Aeroporto.

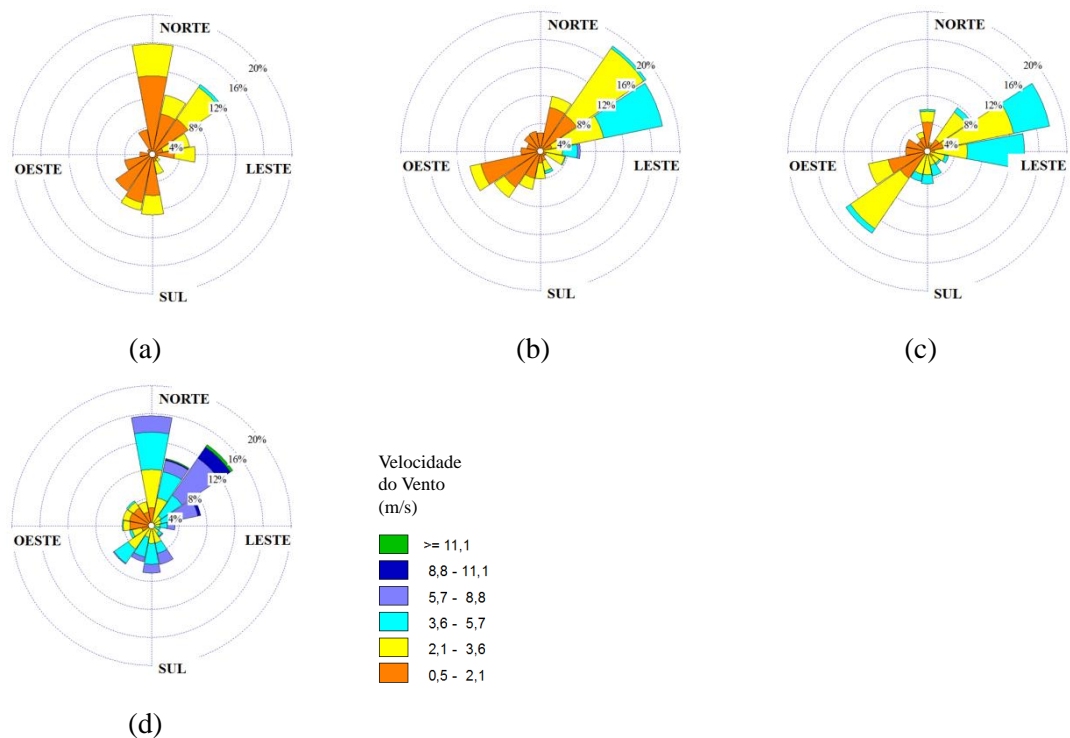


Figura 6.22. Rosa dos ventos para o mês de novembro nas estações: (a) Carapina; (b) Enseada do Suá; (c) Ibes; e (d) Aeroporto.

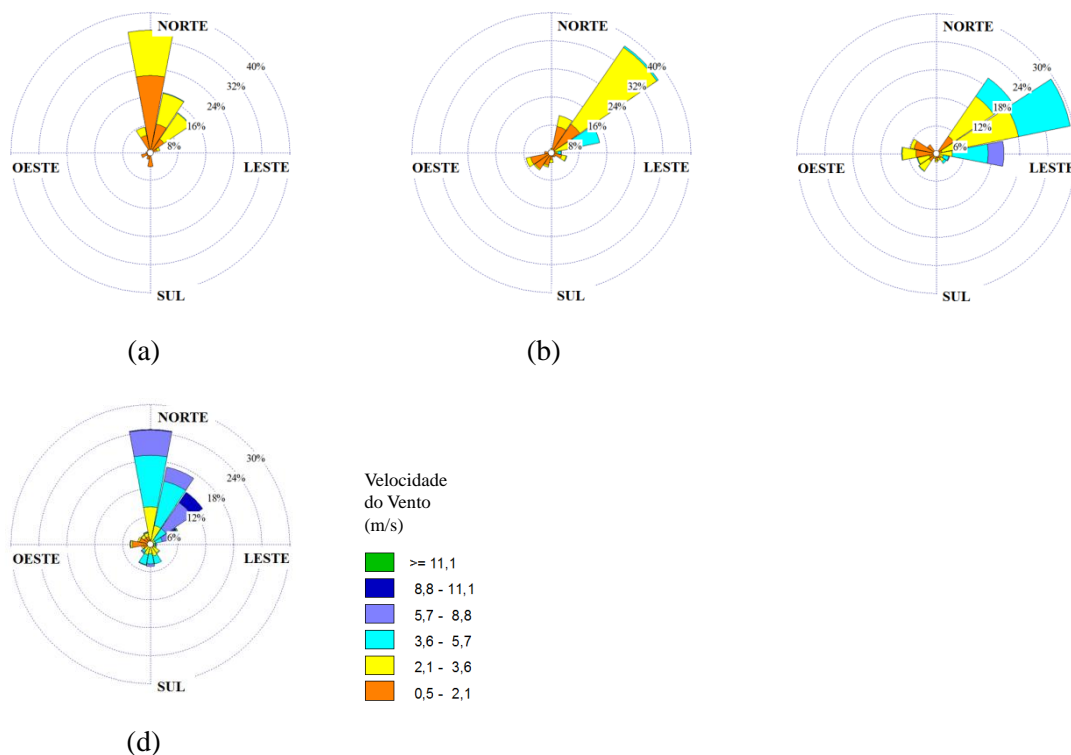


Figura 6.23. Rosa dos ventos para o mês de dezembro nas estações: (a) Carapina; (b) Enseada do Suá; (c) Ibes; e (d) Aeroporto.

Com o objetivo de identificar as condições de dispersão atmosférica na RMGV em 2011, foi elaborada uma metodologia baseada nos critérios utilizados pela CETESB (2011) para a classificação de dias desfavoráveis, a qual considera apenas as condições meteorológicas para dispersão de poluentes. Os critérios para identificar dias desfavoráveis à dispersão adotados neste relatório são: (i) porcentagem de calmaria (velocidade do vento inferior a 0,5 m/s) durante o dia maior ou igual 25%; (ii) ausência de precipitação; e (iii) ambos os critérios devem ser atendidos simultaneamente.

Considerando os critérios acima descritos, foram identificados 20 dias desfavoráveis à dispersão de poluentes na RMGV durante o ano de 2011, sendo registrados dois dias no mês de fevereiro (dias 24 e 26), cinco dias no mês de março (dias 2, 18, 19, 25, 30), sete dias em abril (dias 1, 8, 10, 11, 15, 22, 23), três dias em maio (dias 1, 3 e 5), dois dias em julho (dias 1 e 12) e o dia 14 de agosto (Figura 6.24).

Em 2011, o período de fevereiro a julho apresentou maior número de horas desfavoráveis à dispersão de poluentes, coincidindo com os meses em que a velocidade média do vento foi menos intensa. Vale ressaltar que 2011 foi um ano que choveu dentro da normal climatológica, mas com a existência de 157,3 mm de déficit hídrico no período de outono-inverno. Os meses que apresentaram o maior número de horas desfavoráveis foram março, abril e maio. Com

exceção do mês de maio, os outros meses são considerados secos, apresentando menor quantidade de água no solo e, conseqüentemente, menor taxa de evaporação, que por sua vez irá influenciar na formação de nuvens convectivas, reduzindo, portanto, os movimentos turbulentos e a altura da camada limite, e contribuindo para a deterioração da qualidade do ar.

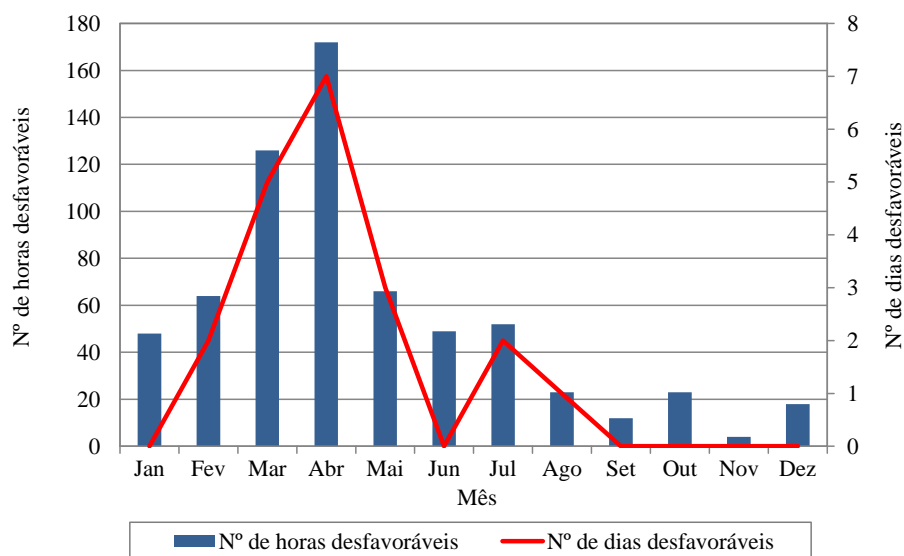


Figura 6.24. Número de horas e dias desfavoráveis à dispersão de poluentes na estação Aeroporto.

7. Qualidade do Ar na RMGV

Este capítulo apresenta e discute os dados de qualidade do ar na RMGV em 2011, estando dividido em 6 seções principais. A Seção 7.1 apresenta os resultados e discussões para material particulado, incluindo os resultados para MP₁₀, PTS e PS. A Seção 7.2 apresenta os resultados e discussões para SO₂. A Seção 7.3 apresenta os resultados e discussões para NO₂. A Seção 7.4 apresenta os resultados e discussões para O₃. A Seção 7.5 apresenta os resultados e discussões para CO. Finalmente, a Seção 7.6 apresenta os resultados e discussões para HC.

7.1. Material particulado

7.1.1. Partículas inaláveis (MP₁₀)

Os valores máximos das médias de 24 h (curta exposição) de concentração de MP₁₀ foram mais elevados na estação Cariacica (124,0 µg/m³) e Laranjeiras (105,7 µg/m³), seguidas das estações VIX-Centro (86,1 µg/m³), Ibes (84,3 µg/m³), Carapina (76,1 µg/m³) e Enseada do Suá (73,8 µg/m³) e mais baixos em Jardim Camburi (60,5 µg/m³) (Tabela 7.1 e Figura 7.1). É importante notar que a diretriz da OMS para curta exposição a MP₁₀ é 50 µg/m³.

Os valores de média anual (longa exposição) também foram mais elevados na estação Cariacica (46,6 µg/m³) seguida da estação Laranjeiras (34,1 µg/m³) e mais baixos em Jardim Camburi (20,7 µg/m³) e Carapina (21,4 µg/m³) (Tabela 7.1 e Figura 7.2). É importante notar que a diretriz da OMS para longa exposição a MP₁₀ é 20 µg/m³ com o qual se verificam menor efeito à saúde.

Tabela 7.1. Valores das máximas médias de 24h e da média anual de concentração de MP_{10} em $\mu\text{g}/\text{m}^3$ (ano base 2011).

	Laranjeiras	Carapina	Jardim Camburi	Enseada do Suá	VIX-Centro	Ibes	VV - Centro	Cariacica
1ª Max.	105,7	76,1	60,5	73,8	86,1	84,3	-	124,0
2ª Max.	104,7	73,5	45,1	73,7	85,6	83,9	-	122,2
Média aritmética anual	34,1	21,4	20,7	29,5	29,5	31,2	-	46,6

(*) valores não representativos.

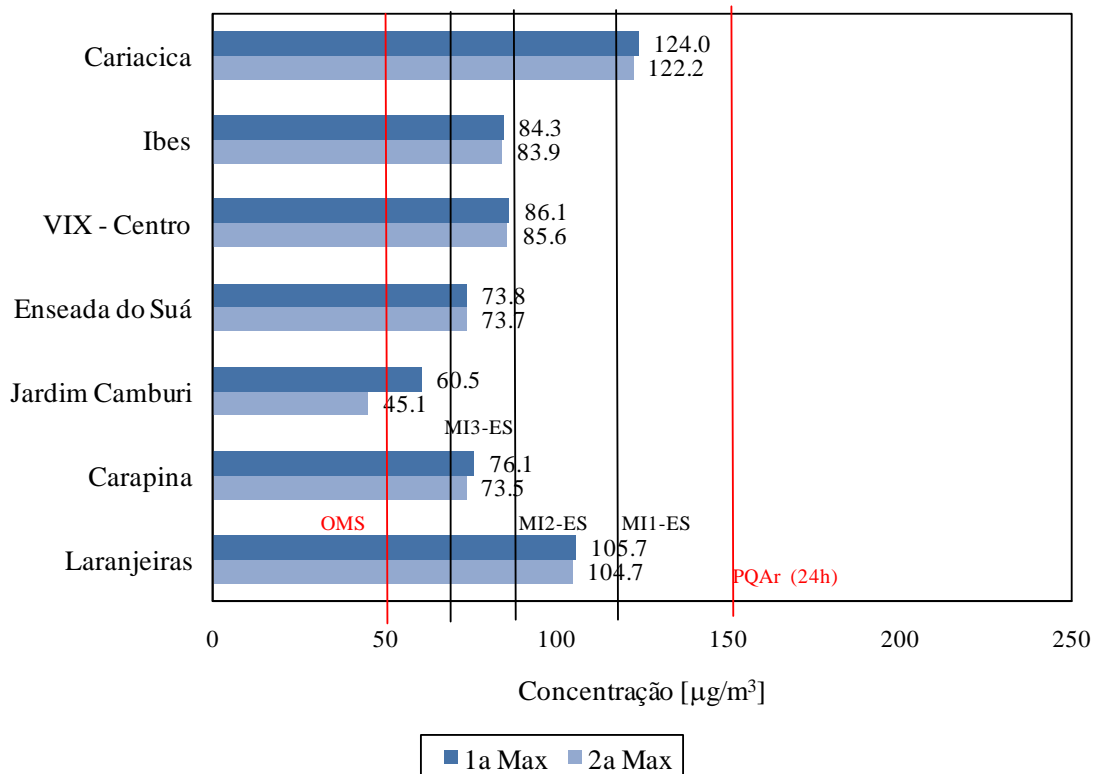


Figura 7.1. Concentração máxima média de 24h de MP_{10} nas estações da RAMQAr (ano base 2011). PQAr indica o padrão nacional de qualidade do ar. MI1-ES, MI2-ES e MI3-ES são as metas intermediárias. OMS representa a diretriz da Organização Mundial de Saúde para o referido poluente, que equivale ao padrão final preconizado na legislação estadual (PF-ES).

Não ocorreu ultrapassagem do Padrão Nacional de Qualidade do Ar para curta e longa exposição ao poluente MP_{10} (Tabela 7.2). É importante salientar que as concentrações médias de 24 horas são calculadas como médias móveis de 24 horas. Dessa forma, dias com ultrapassagens de padrão são definidos como os dias nos quais pelo menos uma das médias móveis de 24 horas excedeu o padrão de qualidade. A estação VV-Centro não monitorou MP_{10} em 2011. Ocorreram ultrapassagens do valor indicado como diretriz para curta exposição à MP_{10} pela OMS em todas as estações: Cariacica (183 dias com ultrapassagens), Laranjeiras (69

dias), Ibes (49 dias), Enseada do Suá (27 dias), VIX-Centro (29 dias), Carapina (5 dias) e Jardim Camburi (1 dia). Ocorreu, ainda, ultrapassagem das diretrizes da OMS para longa exposição ao MP_{10} em todas as estações.

A recente legislação estadual sobre metas e padrões de qualidade do ar para o poluente MP_{10} indica três metas intermediárias (MI1, MI2 e MI3) anteriores ao estabelecimento do padrão final para o poluente. Para metas associadas aos efeitos de curta exposição (média 24 horas) ao MP_{10} , não houve ultrapassagem dos valores indicados como MI1 ($120 \mu\text{g}/\text{m}^3$) em todas as estações da RAMQAr, exceto em Cariacica (3 dias de ultrapassagem). É importante notar que o valor de concentração de MP_{10} apresentado como MI1 é o padrão de qualidade do ar atual conforme indicado na referida legislação. Houve ultrapassagem de MI2 ($80 \mu\text{g}/\text{m}^3$) nas estações Cariacica (42 dias), Laranjeiras (6 dias), VIX-Centro (2 dias) e Ibes (1 dia). Houve ultrapassagem do MI3 ($60 \mu\text{g}/\text{m}^3$) em todas as estações. Para metas intermediárias associadas aos efeitos de longa exposição (média aritmética anual) houve ultrapassagem do valor indicado como MI1 ($45 \mu\text{g}/\text{m}^3$) somente na estação Cariacica. Para o valor indicado como MI2 ($33 \mu\text{g}/\text{m}^3$), houve ultrapassagem em Laranjeiras, além de Cariacica. Houve ultrapassagem da MI3 nas estações Enseada do Suá, Ibes e VV-Centro, além das estações Cariacica e Laranjeiras. As ultrapassagens em relação ao PF são idênticas àqueles para a diretriz da OMS (para curta e longa exposição) visto que os valores de PF e da diretriz da OMS são idênticos.

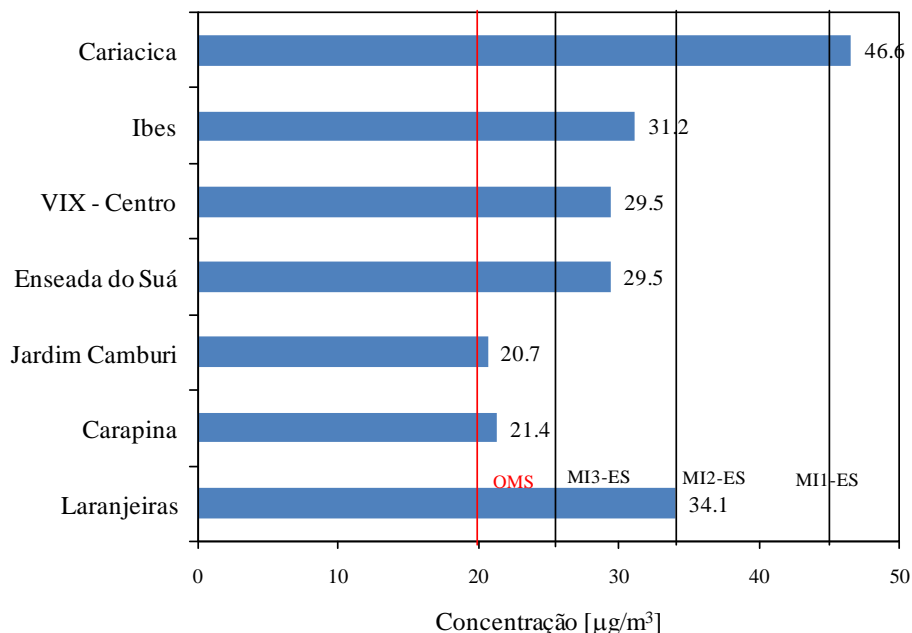


Figura 7.2. Concentração média anual de MP_{10} nas estações da RAMQAr (ano base 2011). PQAr indica o padrão nacional de qualidade do ar. MI1-ES, MI2-ES e MI3-ES são as metas intermediárias. OMS representa a diretriz da Organização Mundial de Saúde para o referido poluente.

Dessa forma, o índice de qualidade do ar (IQA) em 2011 (Figura 7.3) indica que a qualidade do ar pode ser classificada como boa e regular durante todo o período, tendo como referência o poluente MP_{10} , exceto na estação Cariacica, onde a qualidade do ar foi considerada inadequada em menos de 1% do período. É importante notar que o IQA foi calculado com base na MII, conforme estabelecido na legislação estadual.

A Figura 7.4 apresenta o perfil de concentração média de MP_{10} com relação à direção do vento por meio do gráfico radar. As concentrações médias indicadas no gráfico radar para cada direção representam a concentração média durante o período em que o vento encontra-se na direção indicada.

Tabela 7.2. Número de ultrapassagem dos valores limites de concentração de MP_{10} considerando o padrão nacional (PQAr) e estadual de qualidade do ar e as diretrizes da OMS (ano base 2011).

	Laranjeiras	Carapina	Jardim Camburi	Enseada do Suá	VIX - Centro	Ibes	VV - Centro	Cariacica
Ultrapassagens (curta e longa exposições)								
PQAr primário e secundário (24h)	0	0	0	0	0	0	-	0
PQAr (MAA)	Não	Não	Não	Não	Não	Não	-	Não
MI1-ES (24h)	0	0	0	0	0	0	-	10
MI2-ES (24h)	52	0	0	0	21	15	-	565
MI3-ES (24h)	270	10	1	44	76	254	-	1669
PF-ES (24h) OMS (24h)	870	59	1	272	290	638	-	2905
MI1-ES (MAA)	Não	Não	Não	Não	Não	Não	-	Sim
MI2-ES (MAA)	Sim	Não	Não	Não	Não	Não	-	Sim
MI3-ES (MAA)	Sim	Não	Não	Sim	Sim	Sim	-	Sim
PF-ES (MAA) OMS (anual)	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	-	Sim
Número de dias de ultrapassagem (curta exposição)								
MI1-ES (24h)	0	0	0	0	0	0	-	3
MI2-ES (24h)	6	0	0	0	2	1	-	42
MI3-ES (24h)	23	1	1	3	9	20	-	120
PF-ES (24h) OMS (24h)	69	5	1	27	29	49	-	183

Pode-se observar a influência da direção do vento nos valores médios de concentração de MP_{10} monitorados: (i) a estação Laranjeiras apresentou as maiores concentrações de MP_{10} quando os

ventos eram provenientes da direção NE, indicando a influência das indústrias do CIVIT próximo à estação. (ii) na estação Jardim Camburi, foi verificada uma pequena tendência de maiores concentrações de MP_{10} associadas às direções do vento NE. Isto indica a influência das indústrias localizadas a nordeste da estação. (iii) na estação Enseada do Suá, observou-se que as maiores concentrações de MP_{10} foram identificadas quando o vento foi proveniente da direção NE-L e O-NO. Esse resultado indica a influência das fontes localizadas na Ponta de Tubarão e das vias de tráfego intenso nos arredores da estação (Ponte Deputado Darcy Castello de Mendonça). (iv) a estação VIX-Centro apresentou as maiores concentrações de MP_{10} associadas à direção do vento L-SE. Essa associação indica que a região sofre influência marcante das atividades portuárias. (v) a estação Ibes apresentou as maiores concentrações de partículas MP_{10} associadas à direção do vento NE e L. Logo, verifica-se a influência das fontes industriais localizadas na Ponta de Tubarão e CIVIT e das obras no entorno. (vi) na estação Cariacica, pode se notar a forte influência das obras que ocorrem no seu entorno, com os ventos nas direções SE-S e NO-O sendo associados às maiores concentrações, além da influência difusa do tráfego. Finalmente, (vi) na estação Carapina, pode se observar uma leve tendência das maiores concentrações estarem associadas à direção de vento SE, indicando a influência das indústrias na Ponta de Tubarão.

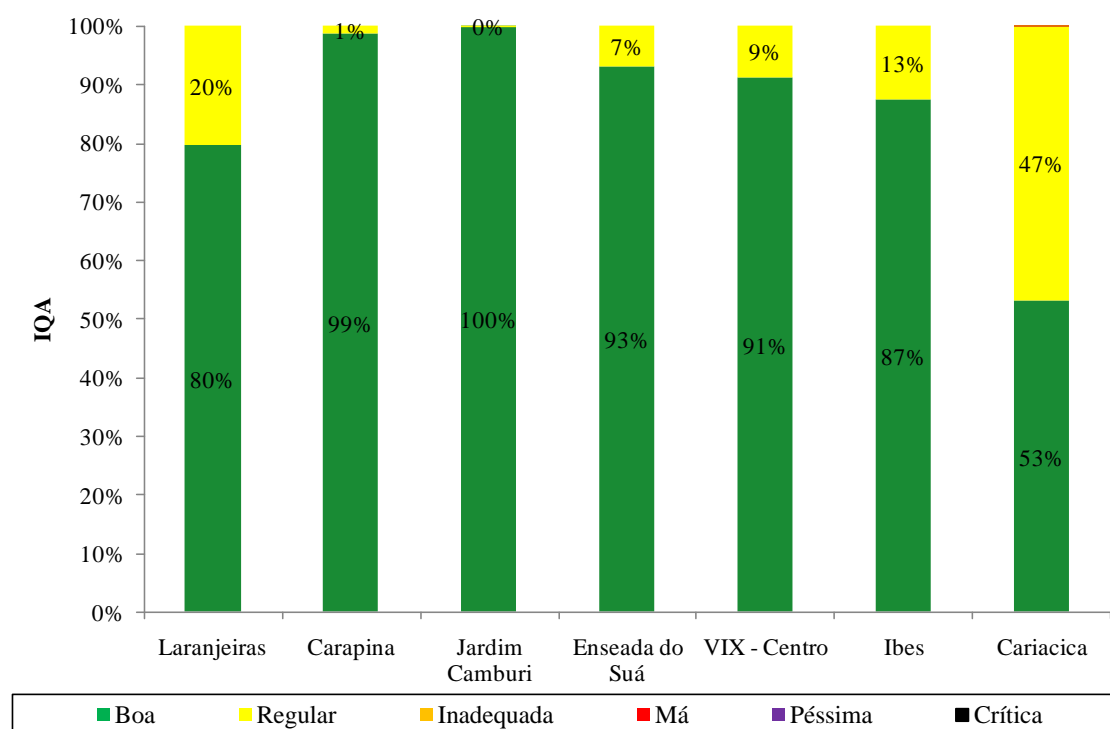


Figura 7.3. Índice de qualidade do ar com referência ao poluente MP_{10} nas estações da RAMQAr (ano base 2011).

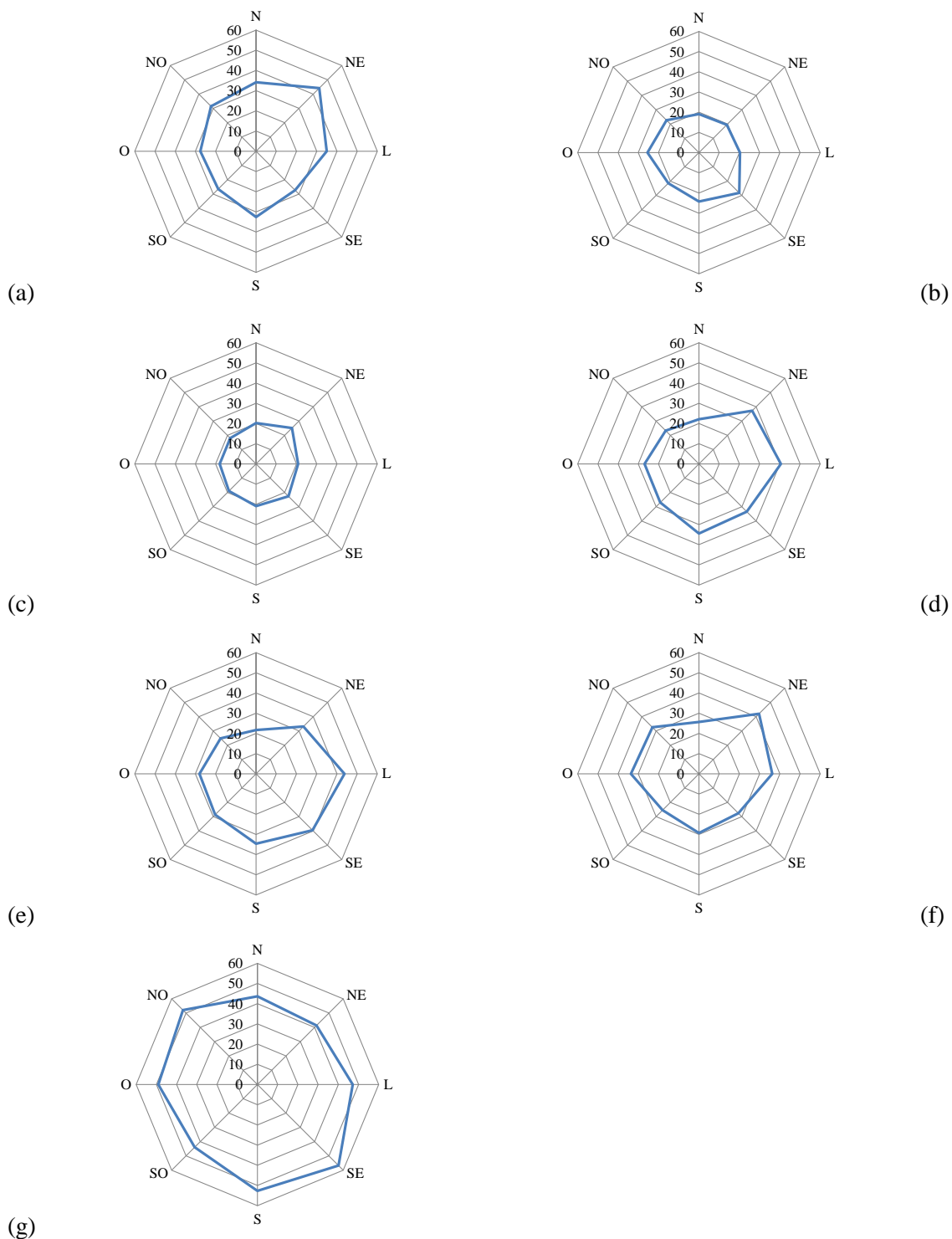


Figura 7.4. Perfil de concentração média de MP_{10} nas estações da RAMQAr com relação à direção do vento** (gráfico de radar): (a) Laranjeiras; (b) Carapina; (c) Jardim Camburi; (d) Enseada do Suá; (e) VIX-Centro; (f) Ibes; e (g) Cariacica.

** Utilizado os dados de direção do vento da estação SBVT 83649 – Aeroporto de Vitória.

7.1.2. Partículas totais em suspensão (PTS)

Os valores máximos das médias de 24h (curta exposição) de concentração de PTS foram mais elevados nas estações Laranjeiras (267,8 $\mu\text{g}/\text{m}^3$) e Cariacica (236,7 $\mu\text{g}/\text{m}^3$), seguidas por Ibes (133,3 $\mu\text{g}/\text{m}^3$) e Jardim Camburi (112,8 $\mu\text{g}/\text{m}^3$) e mais baixos na Enseada do Suá (97,9 $\mu\text{g}/\text{m}^3$) (Tabela 7.3 e Figura 7.5). As estações Carapina e VIX- Centro não apresentaram valores representativos dos máximos das médias móveis de concentração de PTS de 24 h.

Tabela 7.3. Valores das máximas médias de 24h e da média anual de concentração de PTS em $\mu\text{g}/\text{m}^3$ (ano base 2011).

	Laranjeiras	Carapina	Jardim Camburi	Enseada do Suá	VIX - Centro	Ibes	Cariacica
1ª Max	267,8	58,7(*)	112,8	97,9	159,3(*)	133,3	236,7
2ª Max	264,1	58,6(*)	111,5	97,0	158,1(*)	133,3	236,1
Media geométrica anual	43,8	22,5(*)	35,7	35,1(*)	38,6(*)	36,4	63,4

(*) valores não representativos.

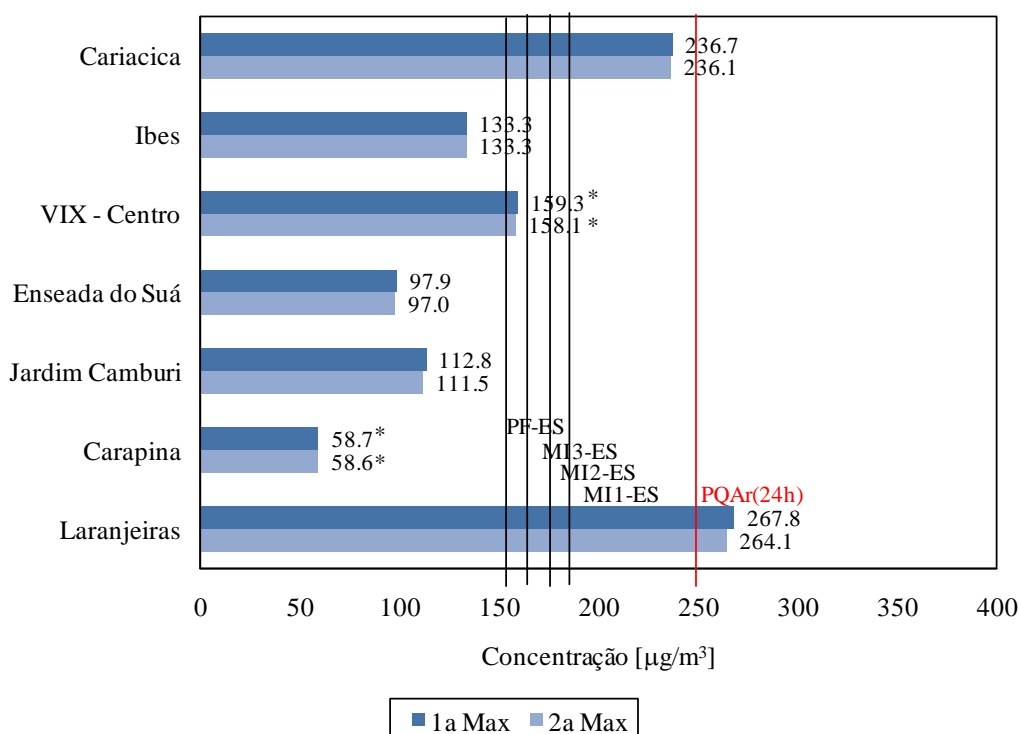


Figura 7.5. Concentração máxima média de 24h de PTS nas estações da RAMQAr (ano base 2011). PQAr indica o padrão nacional de qualidade do ar. MI1-ES, MI2-ES e MI3-ES são as metas intermediárias e PF-ES é o padrão final preconizado na legislação estadual. Valores destacados com * são considerados não-representativos.

Os valores de média anual (longa exposição) também foram mais elevados na estação Cariacica (63,4 $\mu\text{g}/\text{m}^3$), seguida por Laranjeiras (43,8 $\mu\text{g}/\text{m}^3$), Ibes (36,4 $\mu\text{g}/\text{m}^3$) e Jardim Camburi (35,7 $\mu\text{g}/\text{m}^3$) (Tabela 7.3 e Figura 7.6). Nas estações Carapina, Enseada do Suá e VIX-Centro, as médias anuais não foram representativas devido ao baixo número de dados válidos para o cálculo desses valores.

Durante o ano de 2011, na estação Laranjeiras, ocorreram ultrapassagens dos padrões nacionais primários (1 dia com ultrapassagem) e secundários (7 dias com ultrapassagem) para o poluente PTS para curta exposição. Houve, também, ultrapassagem do padrão nacional secundário para curta exposição no ano de 2011 nas estações Cariacica (50 dias) e VIX-Centro (1 dia) (Tabela 7.4). Houve, também, ultrapassagem do padrão nacional secundário para longa exposição no ano de 2011 na estação Cariacica (Tabela 7.4).

As metas intermediárias previstas na legislação estadual de 2013 associadas aos efeitos de curta exposição (média móvel 24 horas) ao PTS foram ultrapassadas nas estações Cariacica e Laranjeiras. As metas MI1 (180 $\mu\text{g}/\text{m}^3$), MI2 (170 $\mu\text{g}/\text{m}^3$), MI3 (160 $\mu\text{g}/\text{m}^3$) e o padrão final (150 $\mu\text{g}/\text{m}^3$) para curta exposição ao PTS foram ultrapassadas em 19, 28, 41 e 50 dias na estação Cariacica durante 2011, respectivamente. Enquanto na estação Laranjeiras, foram ultrapassadas apenas em 5, 5, 6 e 7 dias durante 2011, respectivamente. Houve um dia de ultrapassagem do PF na estação VIX-Centro. As metas intermediárias para longa exposição ao PTS foram ultrapassadas na estação Cariacica no ano de 2011.

Dessa forma, o índice de qualidade do ar (IQA) em 2011 (Figura 7.7) indica que a qualidade do ar pode ser classificada como boa e regular (adequada), tendo como referência o poluente PTS, durante quase todo o período, exceto nas estações Laranjeiras e Cariacica. Nas estações Cariacica e Laranjeiras, a qualidade do ar foi inadequada durante 3% e 1% do período, respectivamente.

A Figura 7.8 apresenta o perfil de concentração média de PTS com relação à direção do vento por meio do gráfico radar. Pode-se observar a influência da direção do vento nos valores médios de concentração de PTS: (i) a estação de Laranjeiras apresentou as maiores concentrações horárias de PTS quando com ventos provenientes da direção NE, indicando a influência das indústrias do CIVIT localizadas próximo à estação. (ii) na estação de Jardim Camburi foram identificadas as maiores concentrações de PTS associadas às direções do vento SE-S, indicando que há também influência das indústrias localizadas na Ponta de Tubarão. (iii) na estação Enseada do Suá observou-se que as maiores concentrações de PTS ocorreram com vento proveniente das direções NE-L-SE-S. Esse resultado indica a influência das fontes localizadas na Ponta de Tubarão e das vias de tráfego intenso nos arredores da estação (Ponte Deputado

Darcy Castello de Mendonça). (iv) a estação VIX-Centro apresentou as maiores concentrações de PTS associadas à direção do vento L. Essa associação indica que a região sofre influência das atividades portuárias. (v) a estação Ibes apresentou as maiores concentrações de PTS associadas à direção do vento NE-L. Logo, verifica-se a influência das fontes industriais localizadas na Ponta de Tubarão associadas com as fontes veiculares locais. (vi) no entorno da estação Cariacica, estão ocorrendo obras civis de grande porte que podem estar relacionadas aos maiores valores de concentração associados às direções de vento SE-S e NO-O. Finalmente, (vii) na estação Carapina não houve tendência bem marcada com leve dominância dos ventos SE associados às maiores concentrações de PTS.

Tabela 7.4. Número de ultrapassagem dos valores limites de concentração de PTS considerando o padrão nacional (PQAr) e estadual de qualidade do ar (ano base 2011).

	Laranjeiras	Carapina	Jardim Camburi	Enseada do Suá	VIX - Centro	Ibes	Cariacica
Número de ultrapassagens (curta e longa exposições)							
PQAr primário (24h)	7	0	0	0	0	0	0
PQAr secundário (24h)	110	0	0	0	3	0	618
PQAr primário (anual)	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não
PQAr secundário (anual)	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Sim
MI1-ES (24h)	57	0	0	0	0	0	218
MI2-ES (24h)	66	0	0	0	0	0	333
MI3-ES (24h)	74	0	0	0	0	0	465
PF-ES (24h)	110	0	0	0	3	0	618
MI1-ES (MGA)	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Sim
MI2-ES (MGA)	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Sim
MI3-ES (MGA)	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Sim
PF-ES (MGA)	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Sim
Número de dias de ultrapassagens (curta exposição)							
PQAr primário (24h)	1	0	0	0	0	0	0
PQAr secundário (24h)	7	0	0	0	1	0	50
MI1-ES (24h)	5	0	0	0	0	0	19
MI2-ES (24h)	5	0	0	0	0	0	28
MI3-ES (24h)	6	0	0	0	0	0	41
PF-ES (24h)	7	0	0	0	1	0	50

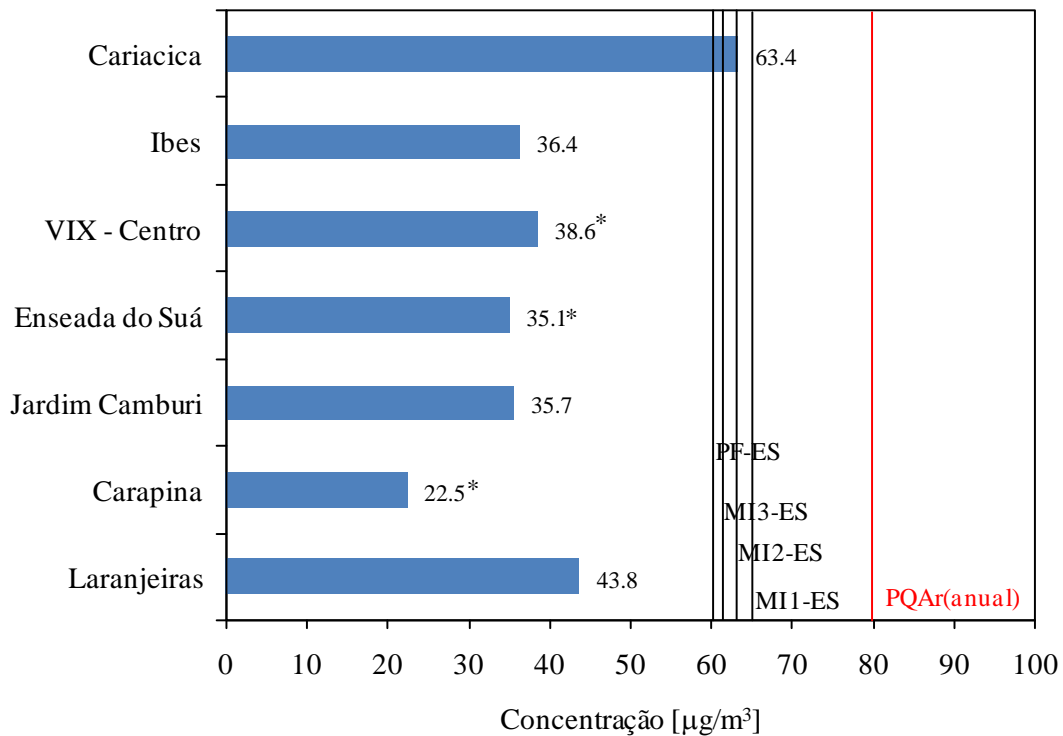


Figura 7.6. Concentração média anual de PTS nas estações da RAMQAr (ano base 2011). PQAr indica o padrão nacional de qualidade do ar. MI1-ES, MI2-ES e MI3-ES são as metas intermediárias e PF-ES é o padrão final preconizado na legislação estadual. Valores destacados com * são considerados não-representativos.

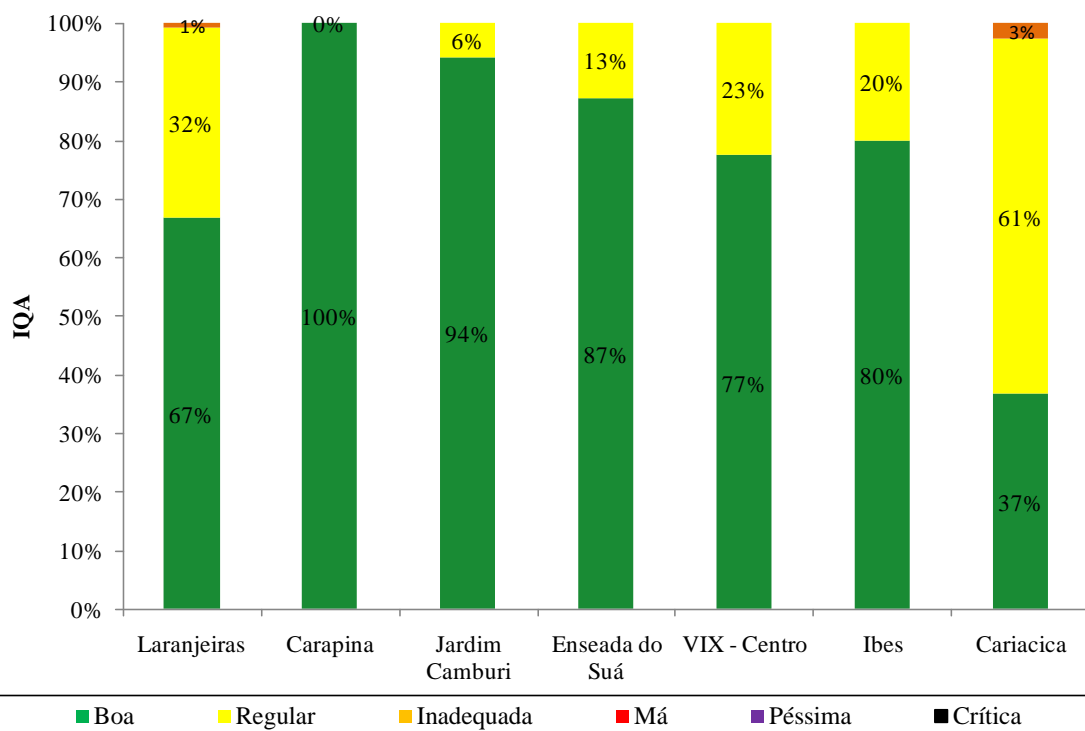
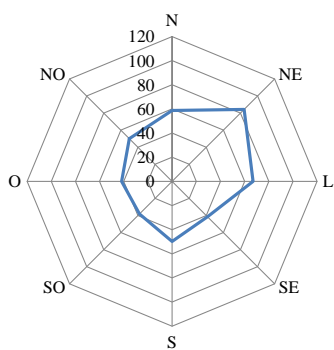
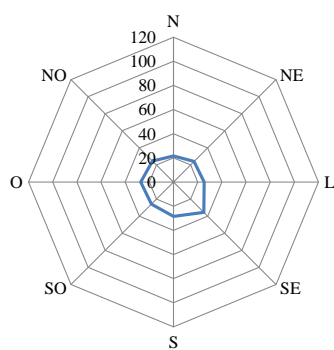


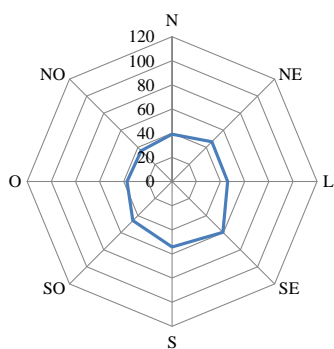
Figura 7.7. Índice de qualidade do ar com base no poluente PTS nas estações da RAMQAr (ano base 2011).



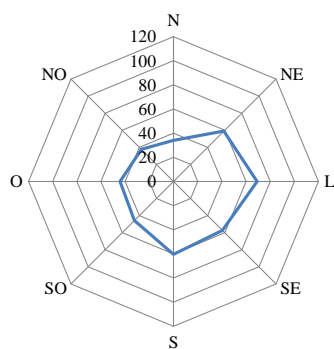
(a)



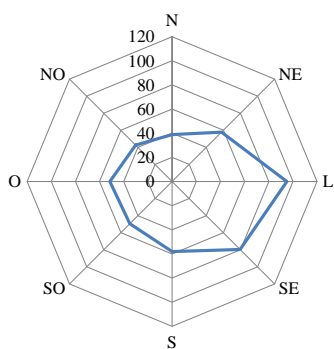
(b)



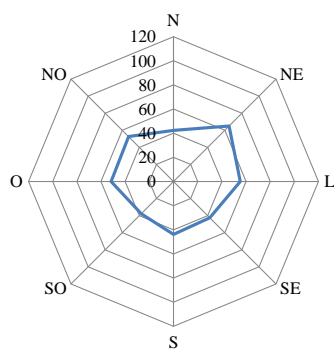
(c)



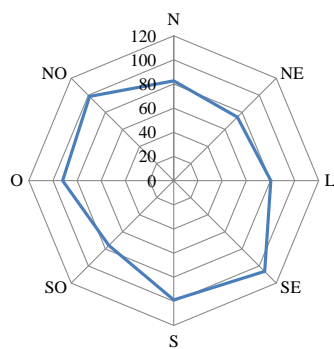
(d)



(e)



(f)



(g)

Figura 7.8. Perfil de concentração média horária de PTS nas estações da RAMQAr com relação à direção do vento** (gráfico de radar): (a) Laranjeiras; (b) Carapina; (c) Jardim Camburi; (d) Enseada do Suá; (e) VIX-Centro; (f) Ibes e (g) Cariacica.

** Utilizado os dados de direção do vento da estação SBVT 83649 – Aeroporto de Vitória.

7.1.3. Partículas sedimentadas (PS)

A medição das partículas sedimentadas é realizada mensalmente como taxa de deposição por unidade de área durante o período de 30 dias. Pode se observar na Figura 7.9 que os maiores valores da taxa de deposição foram encontrados: (i) na estação Laranjeiras em maio e setembro, (ii) na estação Cariacica em março e setembro, (iii) na estação Enseada do Suá em novembro e (iv) na estação Banca Central em março quando foi ultrapassado o valor de $14 \text{ g/m}^2/30$ dias. Os valores de taxa de deposição de PS foram superiores a $10 \text{ g/m}^2/30$ dias durante os meses de (i) todos os meses de 2011, exceto julho, na estação Enseada do Suá (11 meses); (ii) de março a dezembro, exceto julho, na estação Cariacica (9 meses); (iii) em fevereiro e de junho a dezembro, na estação Banca Central (8 meses); (iv) maio a dezembro, exceto julho, na estação Laranjeiras (7 meses); (v) de agosto a dezembro, exceto novembro, na estação Ibes (4 meses); (vi) em fevereiro, março e maio, na estação VIX-Centro e (vii) em janeiro e fevereiro, na estação SENAC. A meta intermediária MII estabelecida pela legislação estadual indica valor limite igual a $14 \text{ g/m}^2/30$ dias. Assim, foi ultrapassado o valor limite estabelecido na legislação estadual de 2013 nas estações Laranjeiras, Cariacica, Enseada do Suá e Banca Central em 2011.

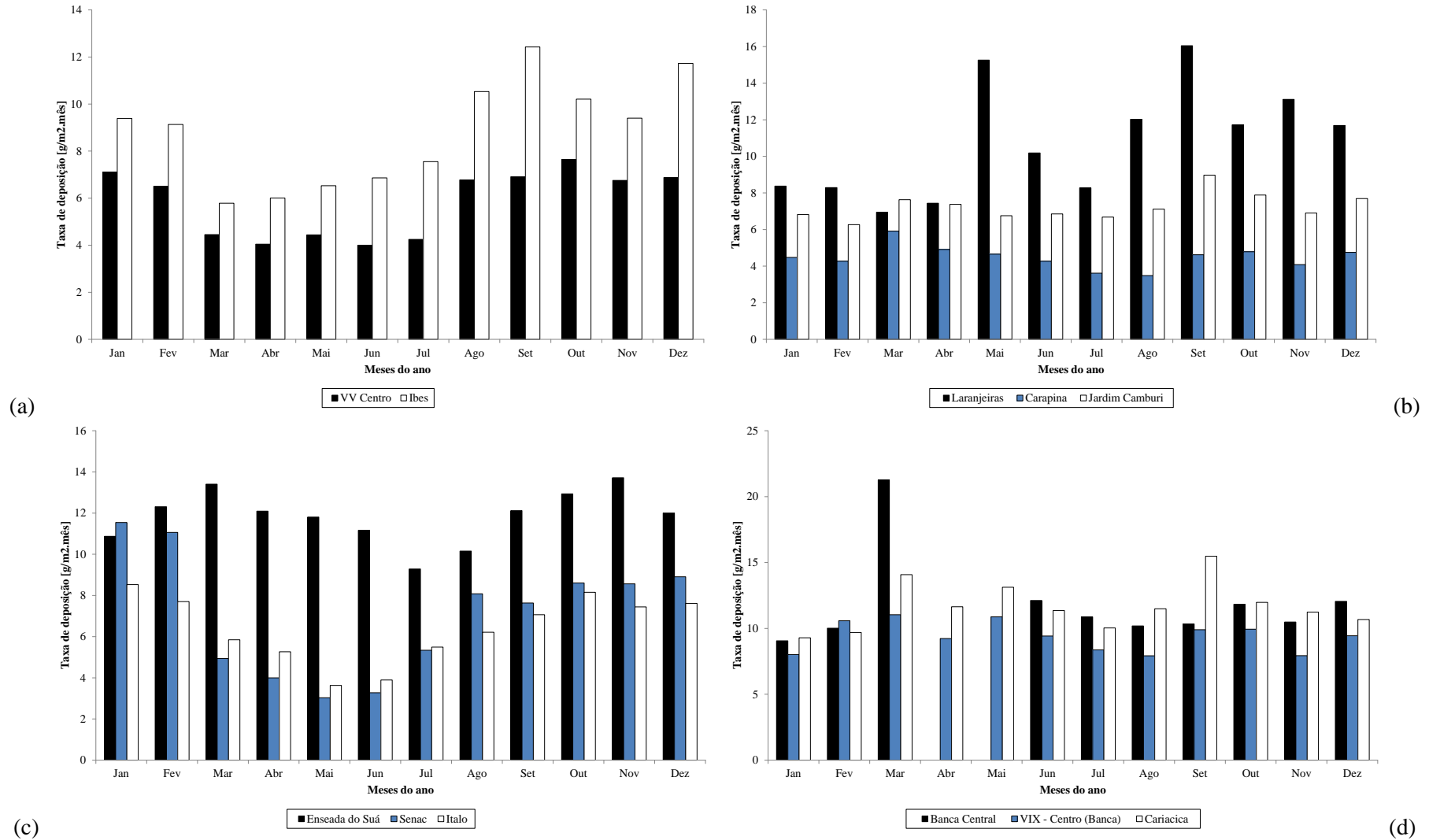


Figura 7.9. Taxa de deposição de partículas ($g/m^2/30$ dias) nas estações de monitoramento de PS (ano base 2011).

7.2. Dióxido de enxofre (SO₂)

Os valores máximos das médias de 24 horas (curta exposição) de concentração de SO₂ foram mais elevados nas estações Jardim Camburi (79,4 µg/m³), Vix-Centro (46,4 µg/m³) e Enseada do Suá (45,9 µg/m³) e mais baixos em Ibes (39,3 µg/m³), Laranjeiras (34,0 µg/m³) e Cariacica (29,1 µg/m³), considerando que a estação VV-Centro não monitorou o poluente em 2011 (Tabela 7.5 e Figura 7.10). É importante notar que a diretriz da OMS para curta exposição a SO₂ é 20 µg/m³. Entretanto, a OMS indica também que valores de concentração de SO₂ inferiores a 50 µg/m³ levam a significativa melhora nas condições de saúde da população em geral. Ainda de acordo com a OMS, não é necessário estabelecer uma diretriz para valores de concentração de SO₂ relacionados aos efeitos causados por longa exposição, pois valores suficientemente baixos de concentração média diária garantiriam baixo valor da média anual.

Tabela 7.5. Valores das máximas diárias e da média anual de concentração de SO₂ em µg/m³ (ano base 2011).

	Laranjeiras	Jardim Camburi	Enseada do Suá	VIX - Centro	Ibes	VV - Centro	Cariacica
1ª Max	34,0	79,4	45,9	46,4	39,3	-	29,1
2ª Max	33,8	79,4	45,7	46,2	39,2	-	29,1
Media aritmética anual	14,2	33,8	25,2	24,9	19,1	-	13,0

(*) valores não representativos.

Durante o ano de 2011, não ocorreram ultrapassagens do Padrão Nacional de Qualidade do Ar para o poluente SO₂ para curta e longa exposições (Tabela 7.6). Entretanto, ocorreram ultrapassagens do valor indicado como diretriz para curta exposição à SO₂ pela OMS em todas as estações, com número de dias de ultrapassagem superior a 300 dias nas estações Enseada do Suá e Jardim Camburi.

A meta intermediária associada aos efeitos de curta exposição (média móvel 24 horas) ao SO₂ prevista na legislação estadual e indicada como MI1 (60 µg/m³) foi ultrapassada na estação Jardim Camburi (15 dias de ultrapassagem) em 2011. A meta intermediária MI2 (40 µg/m³) foi ultrapassada nas estações Jardim Camburi, Enseada do Suá e VIX-Centro. A meta intermediária MI3 foi ultrapassada em todas as estações, exceto Cariacica. É importante ressaltar que o valor de concentração de SO₂ apresentado como MI1 é o valor atualmente válido como padrão na referida legislação. Para metas associadas aos efeitos de longa exposição (média aritmética anual) também não houve ultrapassagem dos valores indicados como MI1 (40 µg/m³). Houve ultrapassagem da MI2 (30 µg/m³) na estação Jardim Camburi e da MI3 (20 µg/m³) nas estações Jardim Camburi, Enseada do Suá e VIX-Centro, como pode ser visto na Figura 7.11.

Tabela 7.6. Número de ultrapassagem dos valores limites de concentração de SO₂ considerando o padrão nacional (PQAr) e estadual de qualidade do ar e as diretrizes da OMS (ano base 2011).

	Laranjeiras	Jardim Camburi	Enseada do Suá	VIX - Centro	Ibes	VV - Centro	Cariacica
Ultrapassagens (curta e longa exposições)							
PQAr primário (24h)	0	0	0	0	0	-	0
PQAr secundário (24h)	0	0	0	0	0	-	0
PQAr primário (anual)	Não	Não	Não	Não	Não	-	Não
PQAr secundário (anual)	Não	Não	Não	Não	Não	-	Não
MI1-ES (24h)	0	180	0	0	0	-	0
MI2-ES (24h)	0	2396	153	180	0	-	0
MI3-ES (24h)	18	4998	1848	1661	416	-	0
PF-ES (24h) OMS (24h)	610	7418	7222	5785	3056	-	734
MI1-ES (MAA)	Não	Não	Não	Não	Não	-	Não
MI2-ES (MAA)	Não	Sim	Não	Não	Não	-	Não
MI3-ES (MAA)	Não	Sim	Sim	Sim	Não	-	Não
Número de dias com ultrapassagem (curta exposição)							
	Laranjeiras	Jardim Camburi	Enseada do Suá	VIX - Centro	Ibes	VV - Centro	Cariacica
MI1-ES (24h)	0	15	0	0	0	-	0
MI2-ES (24h)	0	127	14	19	0	-	0
MI3-ES (24h)	5	237	107	122	38	-	0
PF-ES (24h) OMS (24h)	43	333	314	262	174	-	40

Dessa forma, o índice de qualidade do ar (IQA) em 2011 (Figura 7.12) indica que a qualidade do ar pode ser classificada como boa e regular durante quase todo o período (>98%), tendo como referência o poluente SO₂. A qualidade do ar foi considerada inadequada em 2% do período na estação Jardim Camburi.

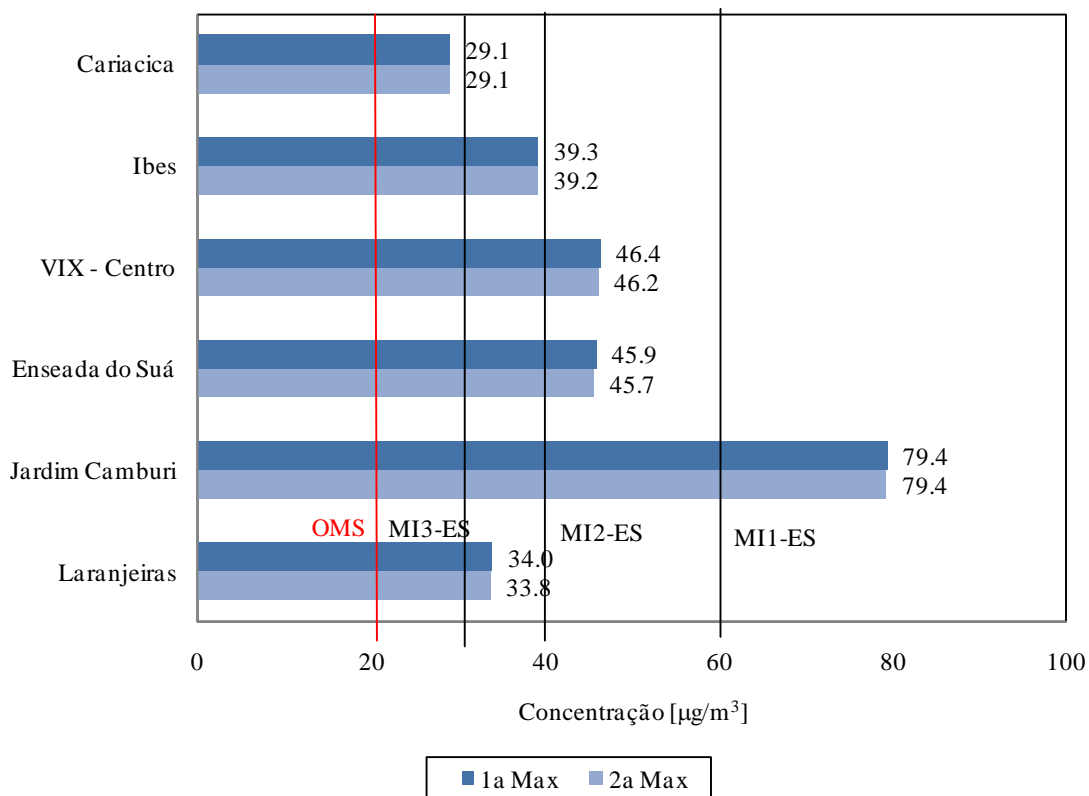


Figura 7.10. Concentração diária máxima de SO_2 nas estações da RAMQAr (ano base 2011). PQAr indica o padrão nacional de qualidade do ar. MI1-ES, MI2-ES e MI3-ES são as metas intermediárias. OMS representa a diretriz da Organização Mundial de Saúde para o referido poluente, que equivale ao padrão final preconizado na legislação estadual (PF-ES). Valores destacados com * são considerados não-representativos.

A Figura 7.13 apresenta o perfil de concentração média de SO_2 com relação à direção do vento por meio do gráfico radar. Pode-se observar a influência da direção do vento nos valores de concentração de SO_2 : (i) nas estações Enseada do Suá e Ibes observou-se que as maiores concentrações de SO_2 ocorreram associadas à direção do vento NE-L, indicando a influência das fontes localizadas na Ponta de Tubarão e das outras indústrias localizadas mais ao norte. (ii) em Laranjeiras, as maiores concentrações estão associadas a direção SE-S indicando a influência das indústrias da Ponta de Tubarão. (iii) em VIX-Centro, foi observado que com ventos oriundos de L e NE ocorrem altas concentrações de SO_2 , indicando a influência das atividades portuárias e das indústrias localizadas mais ao norte na região. (iv) a estação Jardim Camburi indicou maiores concentrações L-SE, novamente indicando a forte influência das fontes localizadas na Ponta de Tubarão sobre as concentrações desse poluente. Finalmente, (v) na estação Cariacica, houve exceto uma leve tendência das maiores concentrações com ventos L, provavelmente devido à indústria siderúrgica no município de Cariacica.

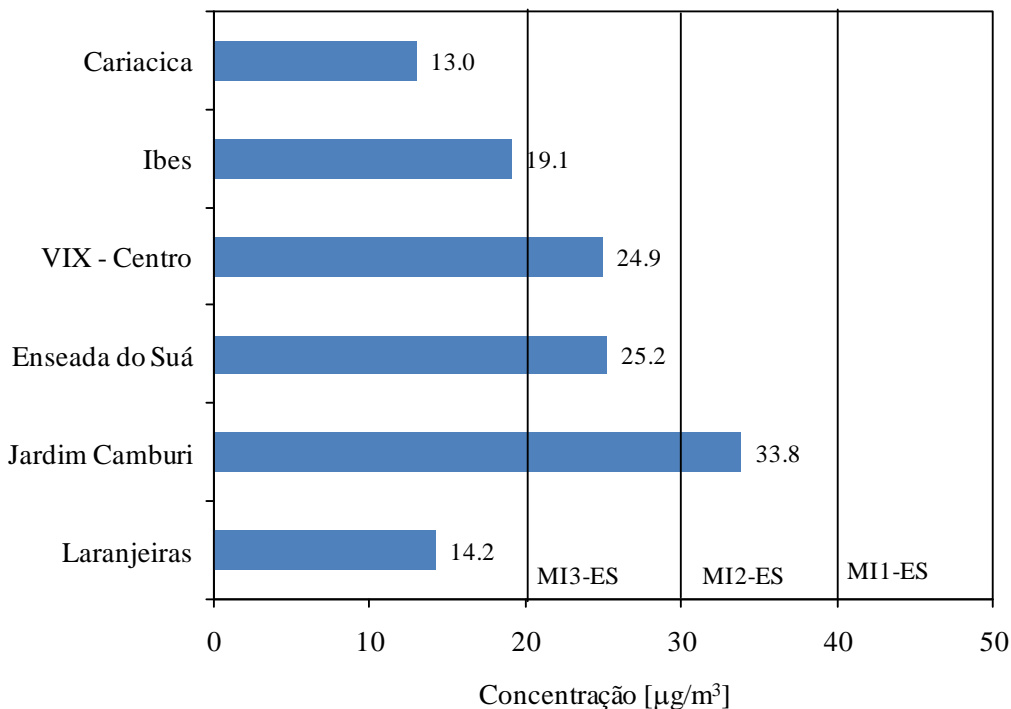


Figura 7.11. Concentração média anual de SO₂ nas estações da RAMQAr (ano base 2011). PQAr indica o padrão nacional de qualidade do ar. MI1-ES, MI2-ES e MI3-ES são as metas intermediárias. Valores destacados com * são considerados não representativos.

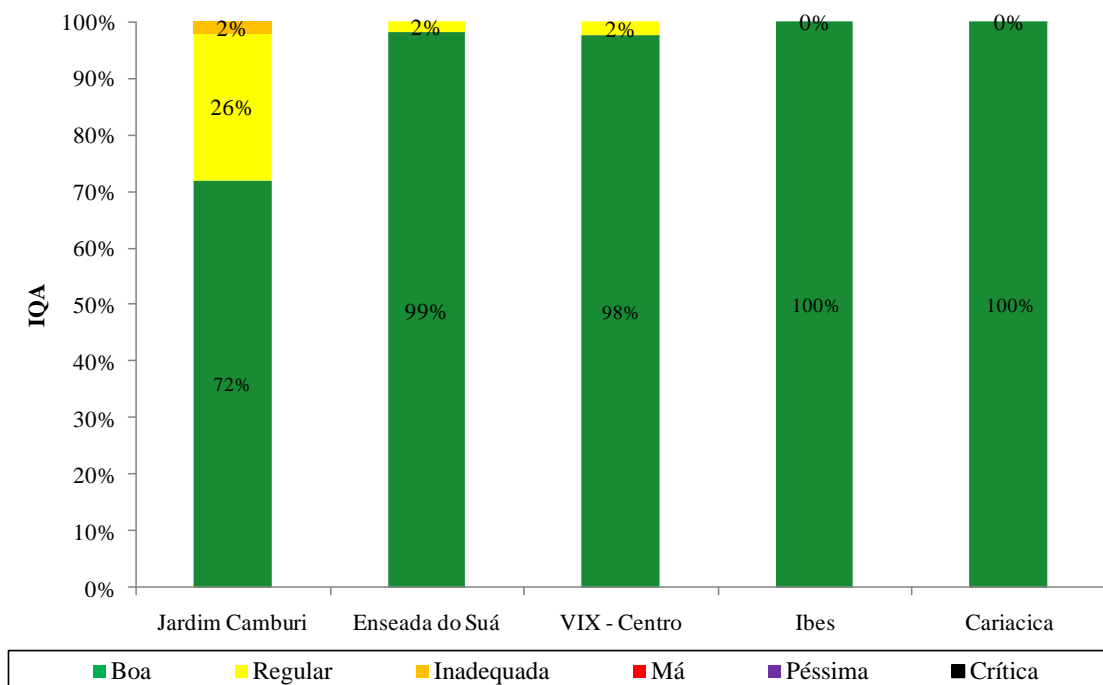


Figura 7.12. Índice de qualidade do ar com referência ao poluente SO₂ nas estações da RAMQAr (ano base 2011).

7.3. Dióxido de nitrogênio (NO₂)

Os valores máximos das médias horárias (curta exposição) de concentração de NO₂ foram mais elevados nas estações Jardim Camburi (126,6 µg/m³), VIX-Centro (119,5 µg/m³), Laranjeiras (114,8 µg/m³), Cariacica (111,8 µg/m³) e mais baixo na estação Enseada do Suá (69,9 µg/m³) (Tabela 7.7 e Figura 7.14). É importante notar que a diretriz da OMS para curta exposição a NO₂ é 200 µg/m³. Assim, os valores de concentração média horária de NO₂ não ultrapassaram a diretriz da OMS para curta exposição ao NO₂. A estação Ibes não apresentou médias horárias válidas e média anual representativa.

Tabela 7.7. Valores das máximas horárias e da média anual de concentração de NO e NO₂ em µg/m³ (ano base 2011).

	Laranjeiras	Jardim Camburi	Enseada do Suá	VIX - Centro	Ibes	Cariacica
1ª Max NO ₂	114,8	126,6	69,9	119,5	66,7(*)	111,8
2ª Max NO ₂	104,2	123,7	68,0	103,8	65,1(*)	108,6
1ª Max NO	256,1	202,6	294,1	333,8	196,2(*)	505,6
2ª Max NO	247,7	194,8	251,6	332,6	184,1(*)	449,3
Média aritmética anual NO ₂	24,8	26,6	20,9(*)	30,1(*)	18,8(*)	25,9
Média aritmética anual NO	19,0	30,8	28,4(*)	43,9(*)	12,9(*)	36,6

(*) Valores não-representativos.

Os valores de média anual (longa exposição) também foram similares nas estações Jardim Camburi, Laranjeiras e Cariacica, pouco acima de 20 µg/m³. Nas demais estações a média anual não foi representativa (Tabela 7.7 e Figura 7.15). É importante notar que a diretriz da OMS para longa exposição a NO₂ é 40 µg/m³. Assim, os valores de concentração média anual de NO₂ não ultrapassaram a diretriz da OMS para longa exposição ao NO₂.

Durante o ano de 2011, não ocorreram ultrapassagens do PQAr das metas intermediárias previstas na legislação estadual de 2013 para o poluente NO₂ para curta e longa exposição (Tabela 7.8). Dessa forma, o índice de qualidade do ar (IQA) em 2011 (Figura 7.16) indica que a qualidade do ar pode ser classificada como boa durante quase todo o período (>87%), sendo considerada adequada (boa ou regular) durante todo o período (100%) para o poluente NO₂.

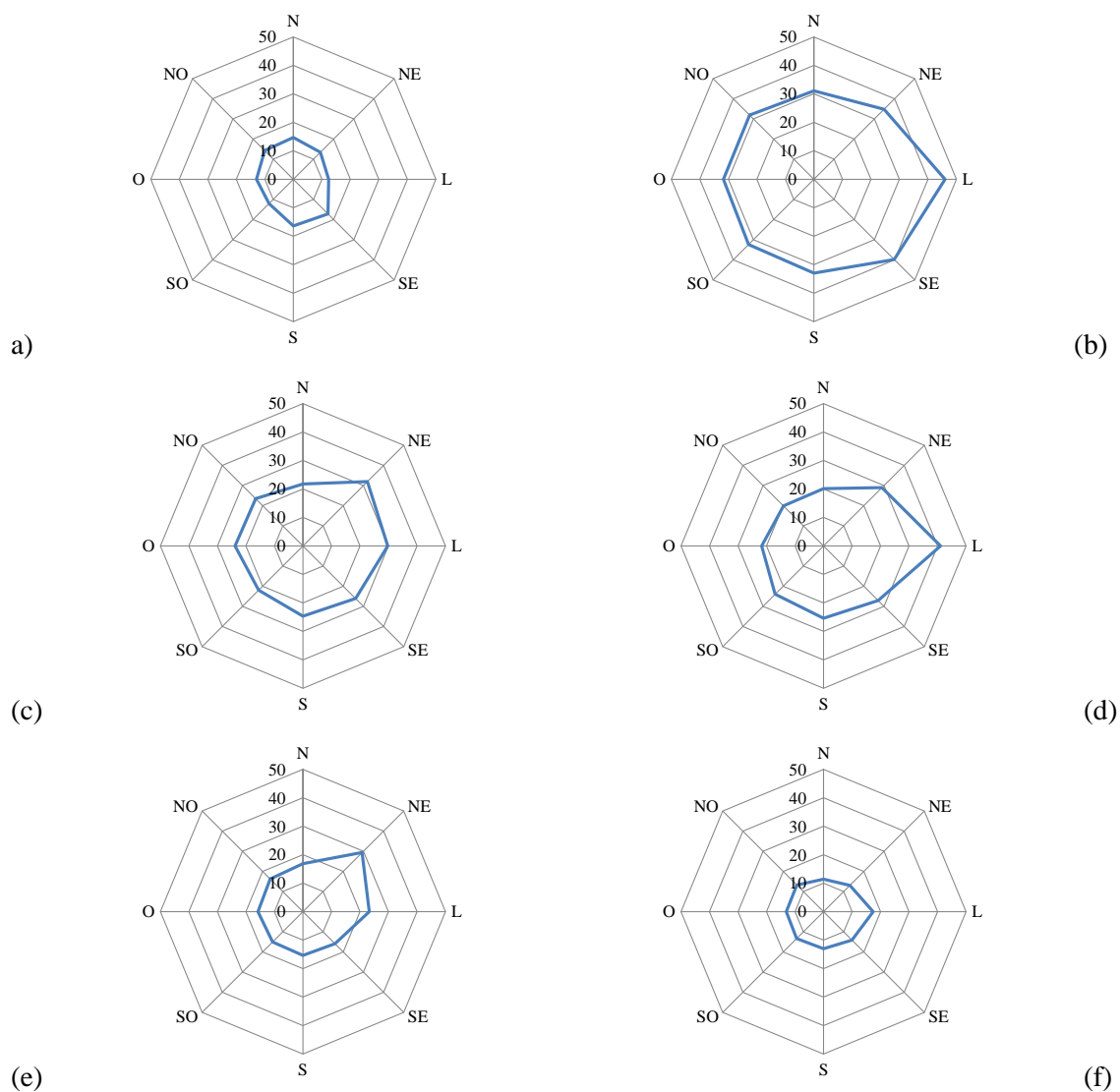


Figura 7.13. Perfil de concentração média horária de SO_2 nas estações da RAMQAr com relação à direção do vento** (gráfico de radar): (a) Laranjeiras; (b) Jardim Camburi; (c) Enseada do Suá; (d) VIX-Centro; (e) Ibes; e (f) Cariacica.

** Utilizado os dados de direção do vento da estação SBVT 83649 – Aeroporto de Vitória.

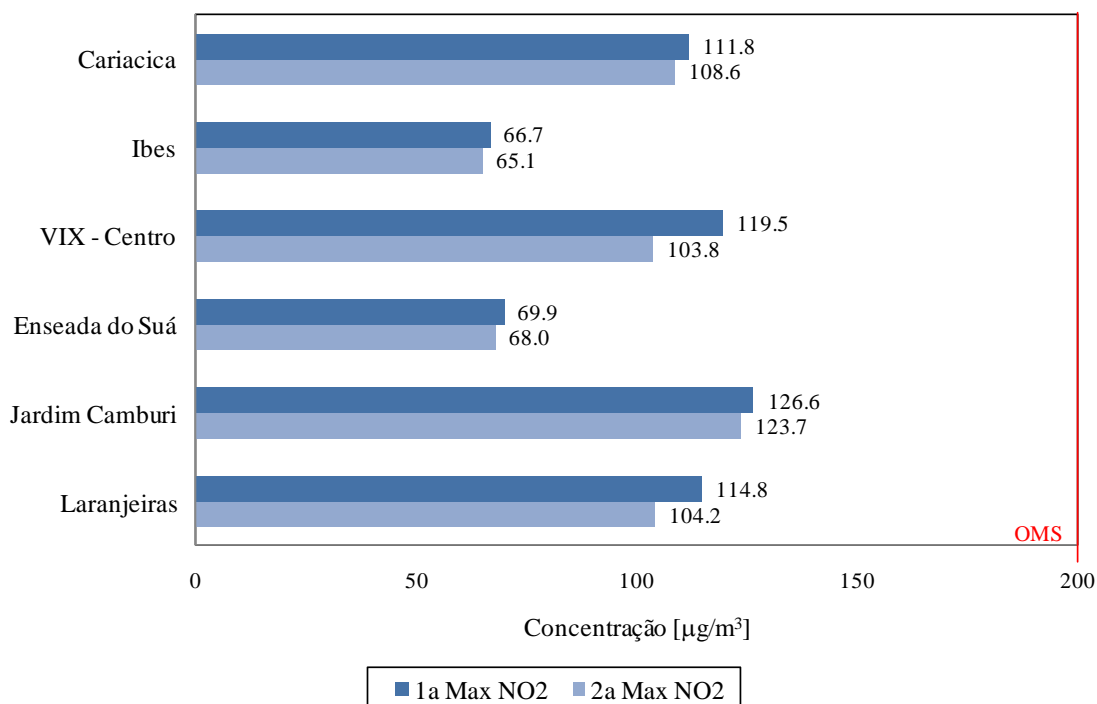


Figura 7.14. Concentrações horárias máximas de NO₂ nas estações da RAMQAr (ano base 2011). OMS representa a diretriz da Organização Mundial de Saúde para o referido poluente, que equivale ao padrão final preconizado na legislação estadual (PF-ES). Valores destacados com * são considerados não-representativos.

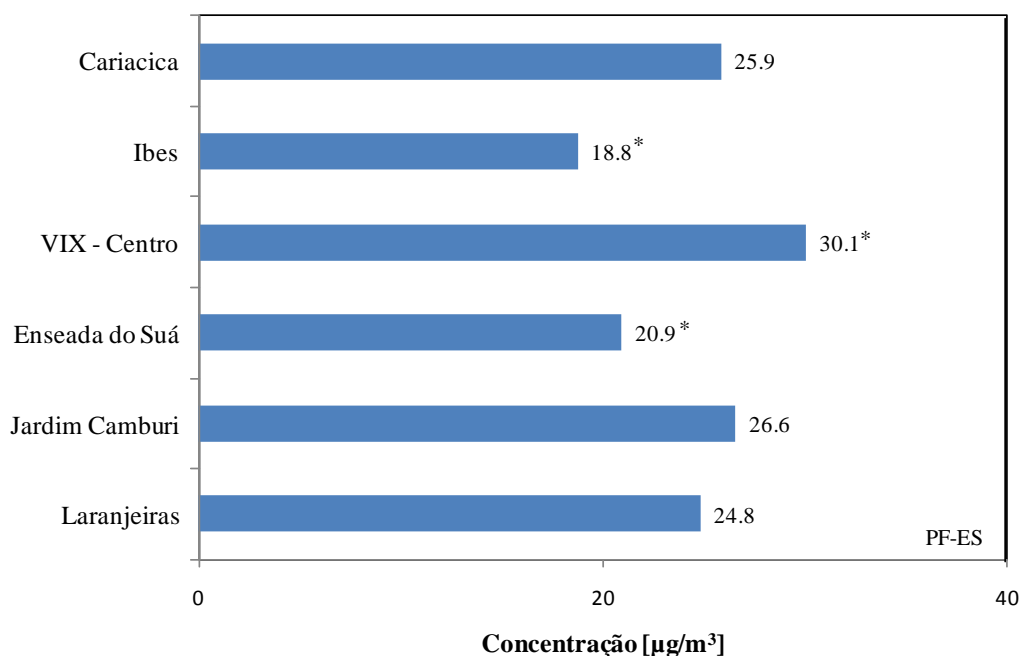


Figura 7.15. Concentrações médias anuais de NO₂ nas estações da RAMQAr (ano base 2011). PF-ES é o padrão final preconizado na legislação estadual. Valores destacados com * são considerados não-representativos.

A Figura 7.17 apresenta o perfil de concentração média de NO_2 com relação à direção do vento. Pode-se observar que a influência da direção do vento nos valores horários médios de concentração de NO_2 : (i) a estação VIX-Centro apresentou as maiores concentrações do poluente NO_2 associadas à direção do vento L e SE. Essa associação indica a influência das atividades portuárias no centro de Vitória. (ii) a estação Enseada do Suá apresentou as maiores concentrações de NO_2 com ventos na direção SE-S. Esse resultado indica a influência das vias de tráfego intenso nos arredores da estação (Ponte Deputado Darcy Castello de Mendonça). (iii) a estação Jardim Camburi apresenta maiores concentrações com direções de vento SE-S-SO-O que indica a influência das indústrias na Ponta de Tubarão e do setor de logística (aeroporto de Vitória). (v) na Estação Ibes, há uma ligeira associação dos ventos NE com os maiores valores de concentração. (vi) em Cariacica parece haver maiores valores de concentração associados à direções de vento de SE a O, provavelmente devido a presença de indústria siderúrgica naquela região e dos maquinários da construção civil das obras do entorno. (vii) na estação Laranjeiras, há associação das maiores concentrações às direções de vento S-SO-O, provavelmente devido às fontes industriais ao sul e as vias de tráfego a oeste.

Tabela 7.8. Número de ultrapassagens dos valores limites de concentração de NO_2 considerando o padrão nacional (PQAr) e estadual de qualidade do ar e as diretrizes da OMS (ano base 2011).

	Laranjeiras	Jardim Camburi	Enseada do Suá	VIX - Centro	Ibes	Cariacica
PQAr primário (1h)	0	0	0	0	0	0
PQAr secundário (1h)	0	0	0	0	0	0
PQAr primário (anual)	Não	Não	Não	Não	Não	Não
PQAr secundário (anual)	Não	Não	Não	Não	Não	Não
MI1-ES(1h)	0	0	0	0	0	0
MI2-ES(1h)	0	0	0	0	0	0
MI3-ES(1h)	0	0	0	0	0	0
PF-ES(1h)	0	0	0	0	0	0
OMS (1h)	0	0	0	0	0	0
MI1-ES(MAA)	Não	Não	Não	Não	Não	Não
MI2-ES(MAA)	Não	Não	Não	Não	Não	Não
MI3-ES(MAA)	Não	Não	Não	Não	Não	Não
PF-ES(MAA)	Não	Não	Não	Não	Não	Não
OMS (anual)	Não	Não	Não	Não	Não	Não

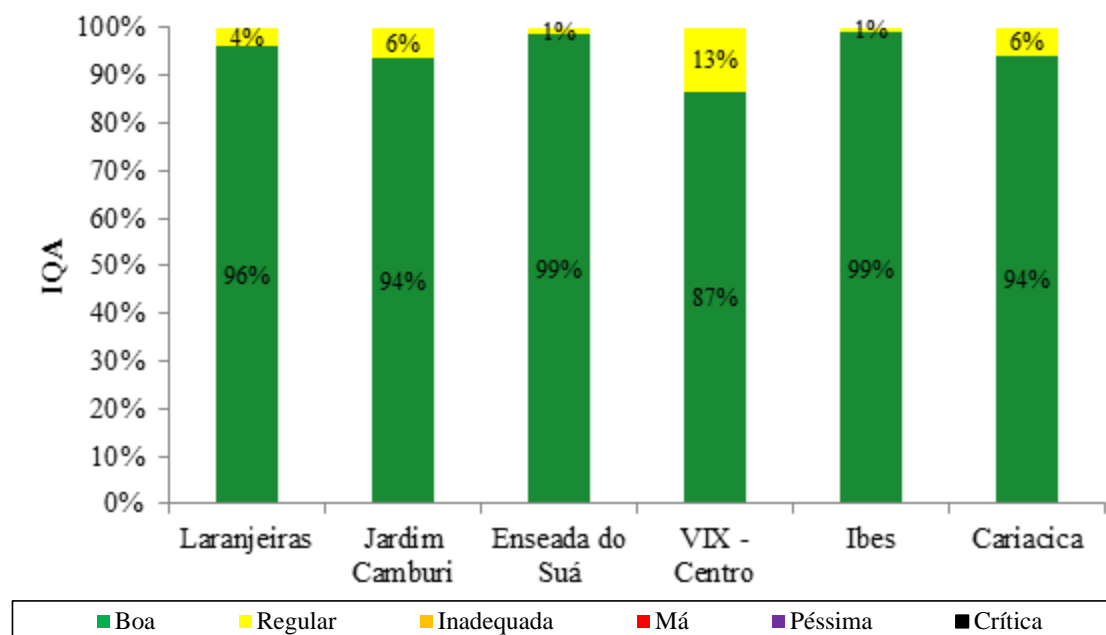


Figura 7.16. Índice de qualidade do ar referente ao poluente NO₂ nas estações da RAMQAr (ano base 2011).

7.4. Ozônio (O₃)

Os valores máximos das médias de 8h (curta exposição) de concentração de O₃ foram maiores na estação Ibes (117,3 µg/m³) seguidas por Cariacica (107,8 µg/m³), Laranjeiras (95,7 µg/m³) Enseada do Suá (87,8 µg/m³) (Tabela 7.9 e Figura 7.18). Os valores máximos das médias de 1h seguiram a mesma tendência com valores entre 99,6 µg/m³ e 141,3 µg/m³ (Tabela 7.9 e Figura 7.19). A diretriz da OMS para curta exposição (8h) de O₃ é 100 µg/m³. Assim, a diretriz foi ultrapassada nas estações Cariacica (107,8 µg/m³) e Ibes (117,3 µg/m³).

Tabela 7.9. Valores das máximas horárias de concentração de O₃ em µg/m³ (ano base 2011).

	Laranjeiras	Enseada do Suá	Ibes	Cariacica
1 ^a Max 1h	109,3	99,6	141,3	117,2
2 ^a Max 1h	106,3	97,9	140,7	115,1
1 ^a Max 8h	95,7	87,8	117,3	107,8
2 ^a Max 8h	94,8	86,4	114,8	107,5

(*) valores não representativos

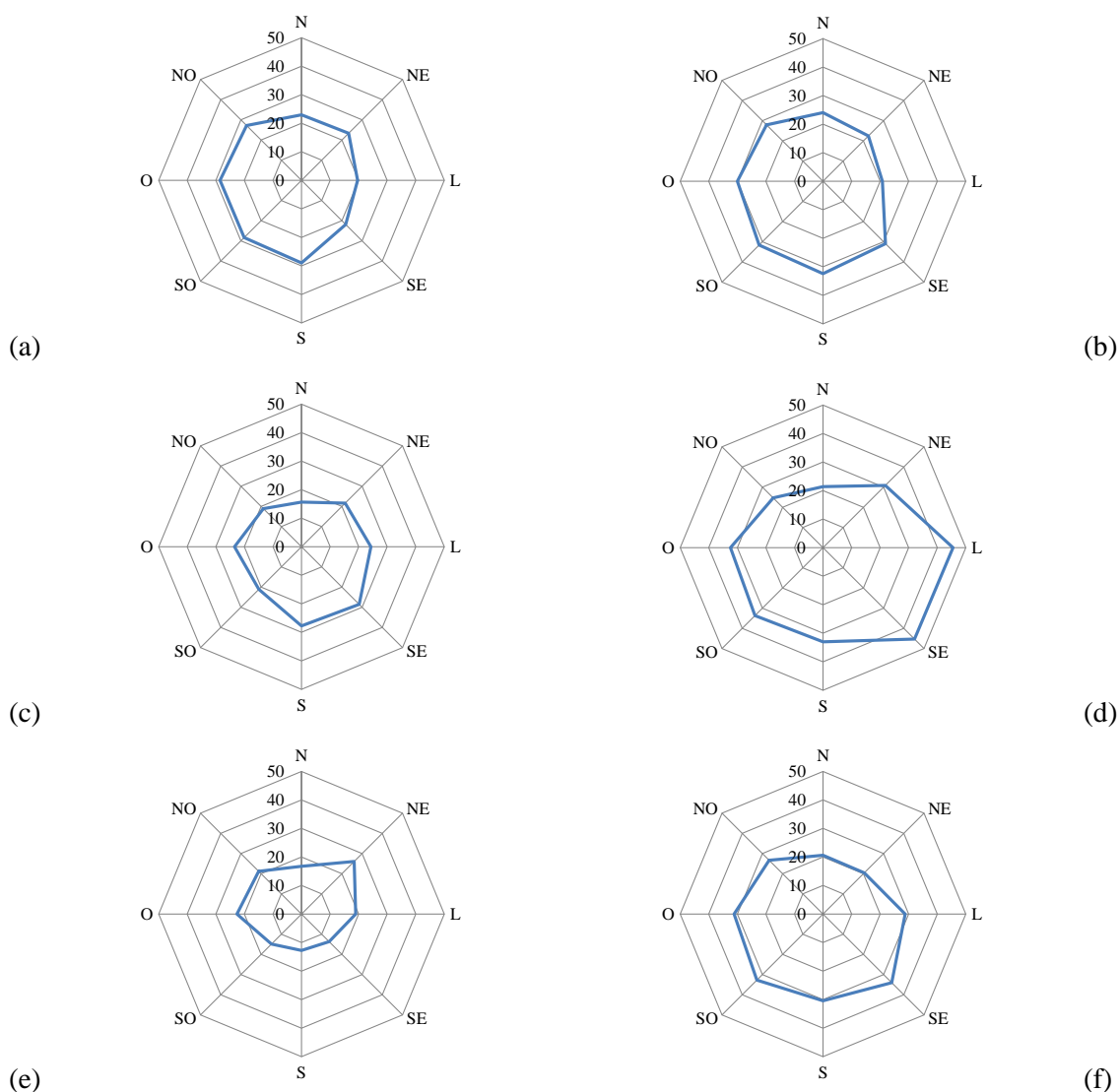


Figura 7.17. Perfil de concentração média horária de NO_2 nas estações da RAMQAr com relação à direção do vento (gráfico de radar): (a) Laranjeiras**;

(b) Jardim Camburi**;

(c) Enseada do Suá;

(d) VIX-Centro**;

(e) Ibes;

(f) Cariacica**.

** Utilizado os dados de direção do vento da estação SBVT 83649 – Aeroporto de Vitória.

Durante o ano de 2011, não ocorreram ultrapassagens do padrão nacional (média horária, $160 \mu\text{g}/\text{m}^3$), das metas intermediárias estaduais MII e MI2 de qualidade do ar para o poluente O_3 ,

(Tabela 7.10). A meta MI3 foi ultrapassada durante dois dias na estação Ibes e o padrão final estadual foi ultrapassado nas estações Ibes (6 dias) e Cariacica (1 dia). Dessa forma, o índice de qualidade do ar (IQA) em 2011 (Figura 7.20) indica que a qualidade do ar pode ser classificada como boa e regular durante todo o período, tendo como referência o poluente O_3 .

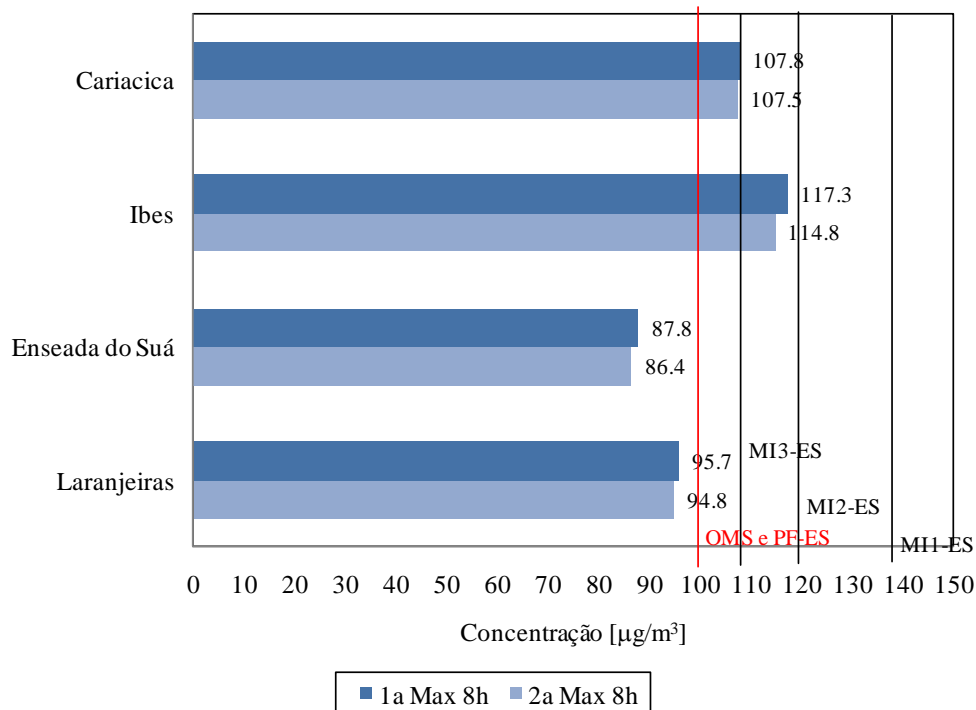


Figura 7.18. Concentração média 8h máxima de O₃ nas estações da RAMQAr (ano base 2011). PQAr indica o padrão nacional de qualidade do ar. MI1-ES, MI2-ES e MI3-ES são as metas intermediárias. OMS representa a diretriz da Organização Mundial de Saúde para o referido poluente, que equivale ao padrão final preconizado na legislação estadual (PF-ES). Valores destacados com * são considerados não-representativos.

Tabela 7.10. Número de ultrapassagem dos valores limites de concentração de O₃ considerando o padrão nacional (PQAr) e estadual de qualidade do ar e as diretrizes da OMS (ano base 2011).

	Laranjeiras	Enseada do Suá	Ibes	Cariacica
Ultrapassagens (curta exposição)				
PQAr primário e secundário (1h)	0	0	0	0
MI1-ES (8h)	0	0	0	0
MI2-ES (8h)	0	0	0	0
MI3-ES (8h)	0	0	6	0
PF-ES (8h)	0	0	27	4
OMS (8h)	0	0	27	4
Número de dias com ultrapassagem (curta exposição)				
MI3-ES (8h)	0	0	2	0
PF-ES (8h)	0	0	6	1
OMS (8h)	0	0	6	1

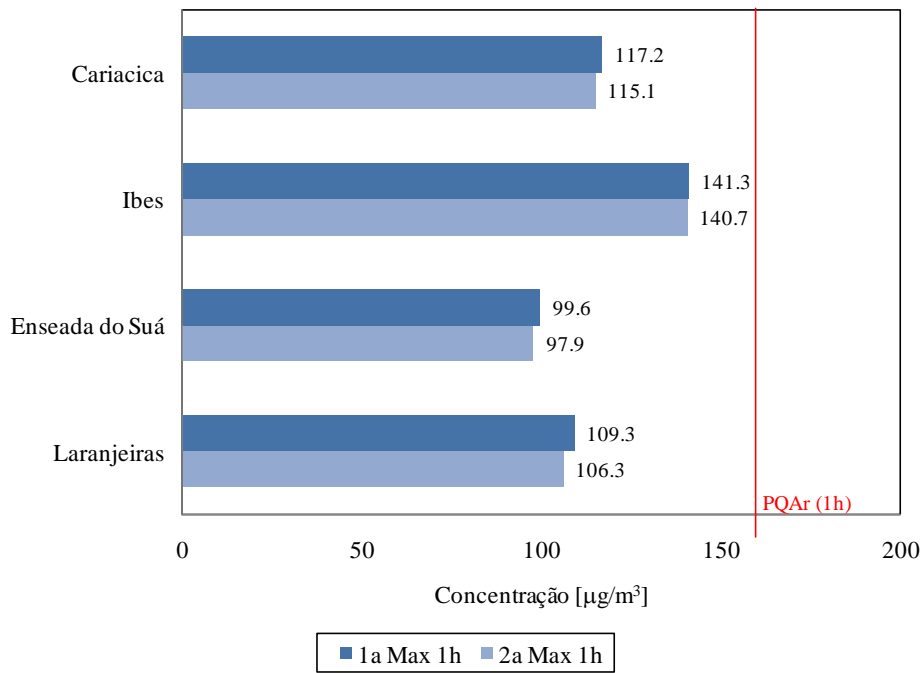


Figura 7.19. Concentração horária máxima de O₃ nas estações da RAMQAr (ano base 2011). PQAr indica o padrão nacional de qualidade do ar. Valores destacados com * são considerados não-representativos.

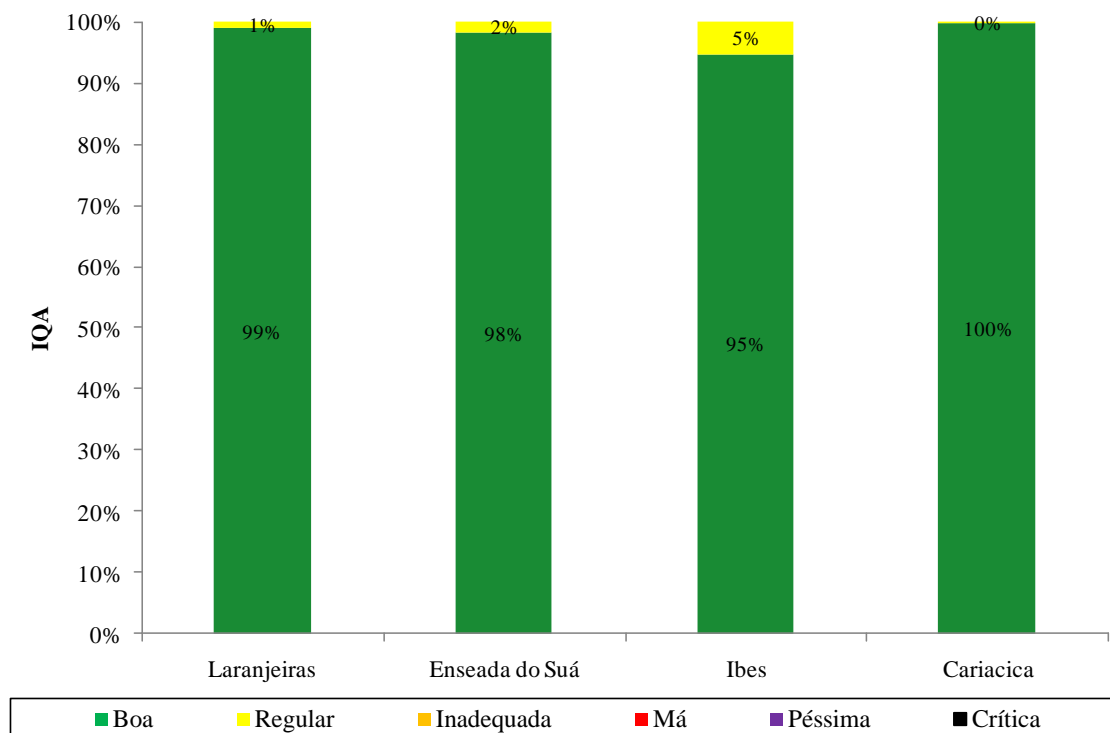


Figura 7.20. Índice de qualidade do ar com referência ao poluente O₃ nas estações da RAMQAr (ano base 2011).

A Figura 7.21 apresenta o perfil de concentração média de O_3 com relação à direção do vento por meio do gráfico radar. Uma vez que o O_3 é um poluente secundário, não sendo diretamente emitido por nenhuma fonte direta, mas formado na atmosfera a partir de reações químicas de outros poluentes, a interpretação do gráfico de radar torna-se bastante complexa. Pode-se observar que as maiores concentrações médias de O_3 são encontradas com ventos na direção SO-S-SE em todas as estações. As estações de Cariacica e Enseada do Suá indicam, também, elevadas concentrações de N-NE. Em Laranjeiras esse comportamento indica a possibilidade de transporte de ozônio já formado devido às emissões dos seus precursores na região da Ponta de Tubarão (a SE da estação de Laranjeiras). Na estação Enseada do Suá esse comportamento pode estar relacionado ao transporte de ozônio já formado devido às emissões dos seus precursores na região da Ponta de Tubarão (a NE da estação Enseada do Suá) e tráfego de veículos na Ponte Deputado Darcy Castello de Mendonça (a S da estação Enseada do Suá). Na estação Cariacica esse comportamento pode estar relacionado ao transporte de ozônio já formado devido às emissões dos seus precursores na região da Ponta de Tubarão e pelo tráfego de veículos em Vitória (a NE da estação Enseada do Suá) e tráfego de veículos em Campo Grande e adjacências (a S da estação Cariacica).

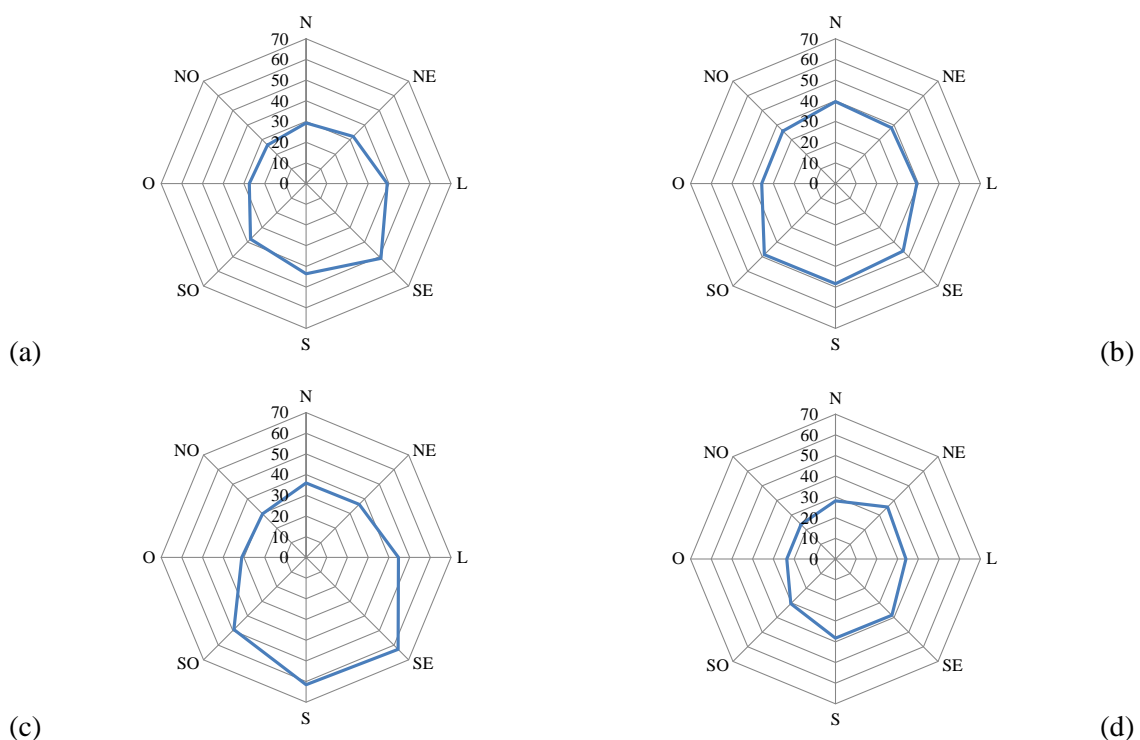


Figura 7.21. Perfil de concentração média horária de O_3 nas estações da RAMQAr com relação à direção do vento (gráfico de radar): (a) Laranjeiras**; (b) Enseada do Suá** e (c) Ibes; e (d) Cariacica**.

7.5. Monóxido de carbono (CO)

Os valores máximos das médias de 8h de concentração de CO foram mais elevados na estação VIX-Centro (3406,7 $\mu\text{g}/\text{m}^3$), seguida pelas estações Enseada do Suá (1741,7 $\mu\text{g}/\text{m}^3$), Laranjeiras (1694,1 $\mu\text{g}/\text{m}^3$) e Ibes (1653,6 $\mu\text{g}/\text{m}^3$) enquanto os valores mais baixos foram encontrados na estação Cariacica (1179,0 $\mu\text{g}/\text{m}^3$) (Tabela 7.11 e Figura 7.22). A diretriz da OMS para 8h de exposição a CO é 10000 $\mu\text{g}/\text{m}^3$. Assim, verifica-se que as concentrações médias de 8h de CO nas estações da RAMQAr não ultrapassaram a diretriz estabelecida pela OMS (Tabela 7.12).

Tabela 7.11. Valores das máximas horárias e de 8h de concentração de CO em $\mu\text{g}/\text{m}^3$ (ano base 2011).

	Laranjeiras	Enseada do Suá	VIX - Centro	Ibes	Cariacica
1ª Max (1h)	3340,9	3270,6	7287,2	2860,6	2874,6
2ª Max (1h)	3136,8	2890,2	5086,9	2860,4	2451,4
1ª Max (8h)	1694,1	1741,7	3406,7	1653,6	1179,0
2ª Max (8h)	1664,8	1696,3	3176,6	1648,1	1160,3

(*) valores não representativos.

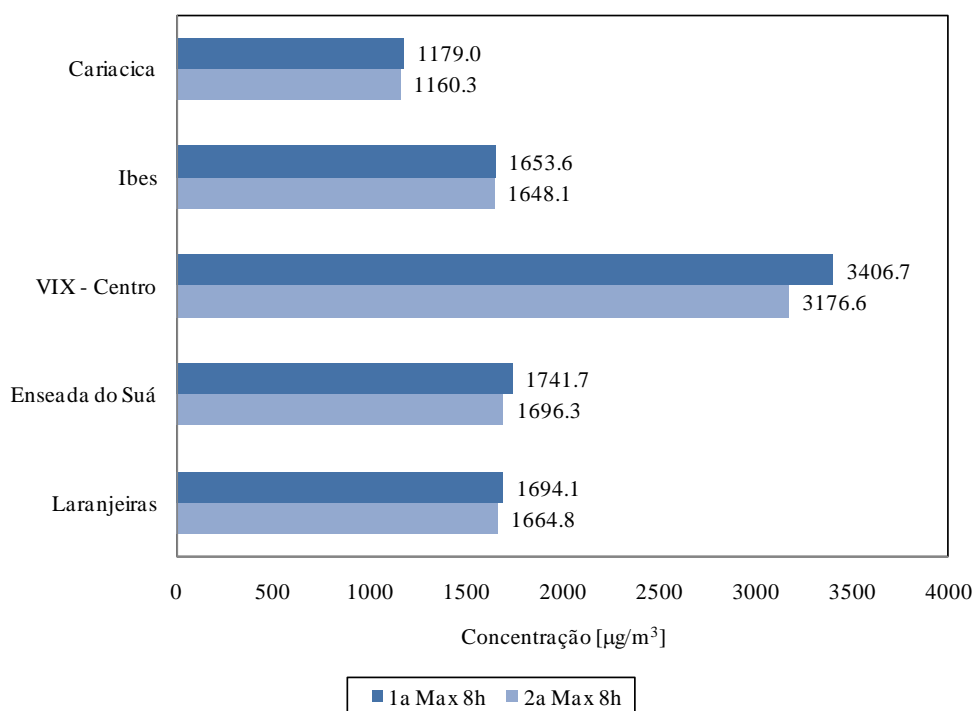


Figura 7.22. Concentração média de 8h máxima de CO nas estações da RAMQAr (ano base 2011). Valores destacados com * são considerados não-representativos.

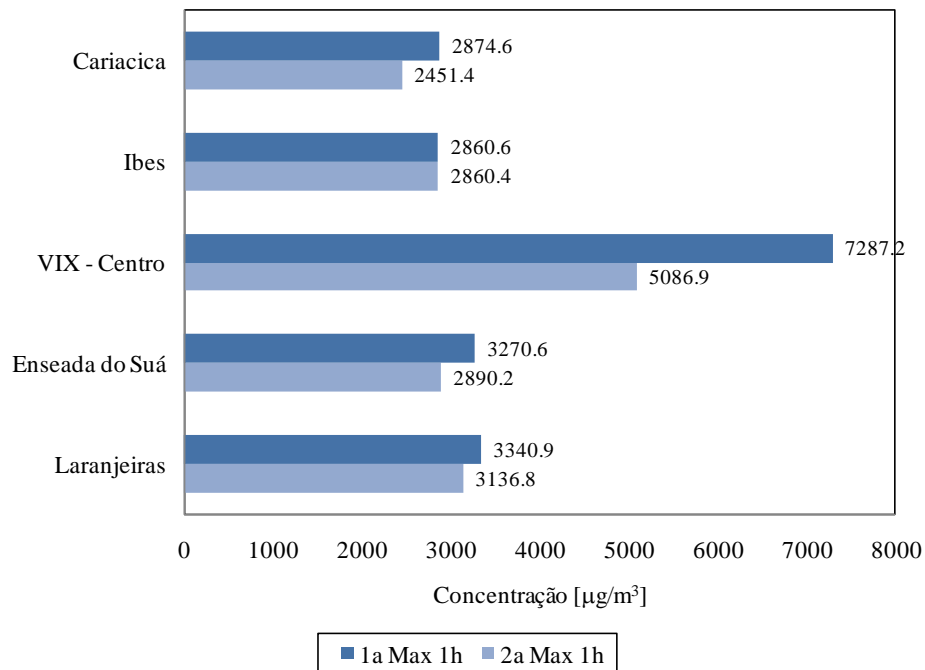


Figura 7.23. Concentração horária máxima de CO nas estações da RAMQAr (ano base 2011). Valores destacados com * são considerados não-representativos.

Os valores máximos das médias horárias de concentração de CO foram mais elevados nas estações VIX-Centro (7287,2 µg/m³), seguida pelas estações Laranjeiras (3340,9 µg/m³), Enseada do Suá (3270,6 µg/m³) e Cariacica (2874,6 µg/m³), enquanto o valor mais baixo foi encontrado na estação Ibes (2860,6 µg/m³) (Tabela 7.11 e Figura 7.23). A diretriz da OMS para 1h de exposição a CO é 30000 µg/m³. Assim, verifica-se que as concentrações médias horárias de CO nas estações da RAMQAr não ultrapassaram a diretriz estabelecida pela OMS (Tabela 7.12).

Tabela 7.12. Número de ultrapassagem dos valores limites de concentração de CO considerando o padrão nacional (PQAr) e estadual de qualidade do ar e as diretrizes da OMS (ano base 2011).

	Laranjeiras	Enseada do Suá	VIX - Centro	Ibes	Cariacica
PQAr (8h)	0	0	0	0	0
PQAr (1h)	0	0	0	0	0
PF-ES (8h) OMS (8h)	0	0	0	0	0
PF-ES (1h) OMS (1h)	0	0	0	0	0

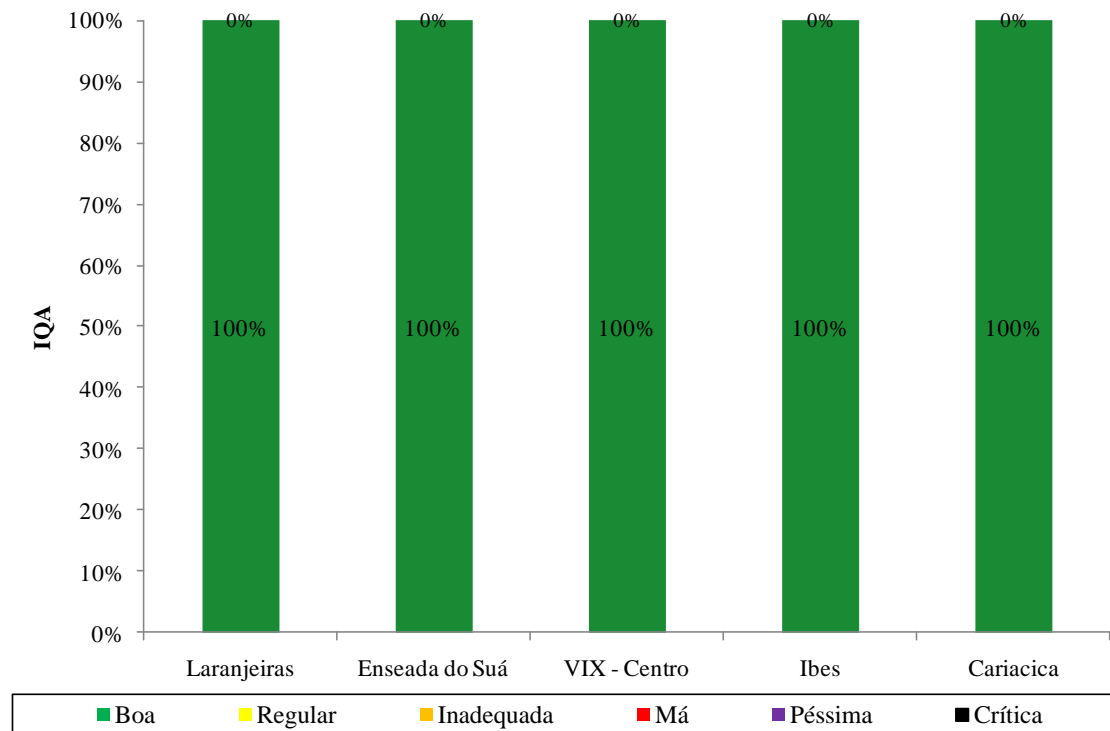


Figura 7.24. Índice de qualidade do ar com referência ao poluente CO nas estações da RAMQAr (ano base 2011).

Durante o ano de 2011, não ocorreram ultrapassagens do padrão nacional de qualidade do ar para o poluente CO para médias horárias e de oito horas. Também não houve ultrapassagem das metas e do padrão final estadual para CO (Tabela 7.12). Dessa forma, o índice de qualidade do ar (IQA) em 2011 indica que a qualidade do ar poderia ser classificada como boa durante todo o período (100%), tendo como referência o poluente CO (Figura 7.24).

A Figura 7.24 apresenta o perfil de concentração média horária de CO com relação à direção do vento por meio do gráfico radar. Somente a estação VIX-Centro apresentou direção claramente definida para as maiores concentrações, direção L. De fato, esse comportamento se repetiu para praticamente todos os poluentes (CO, MP₁₀, PTS, SO₂, NO₂), com concentrações mais elevadas associadas a direção do vento L que indica a influência das atividades portuárias.

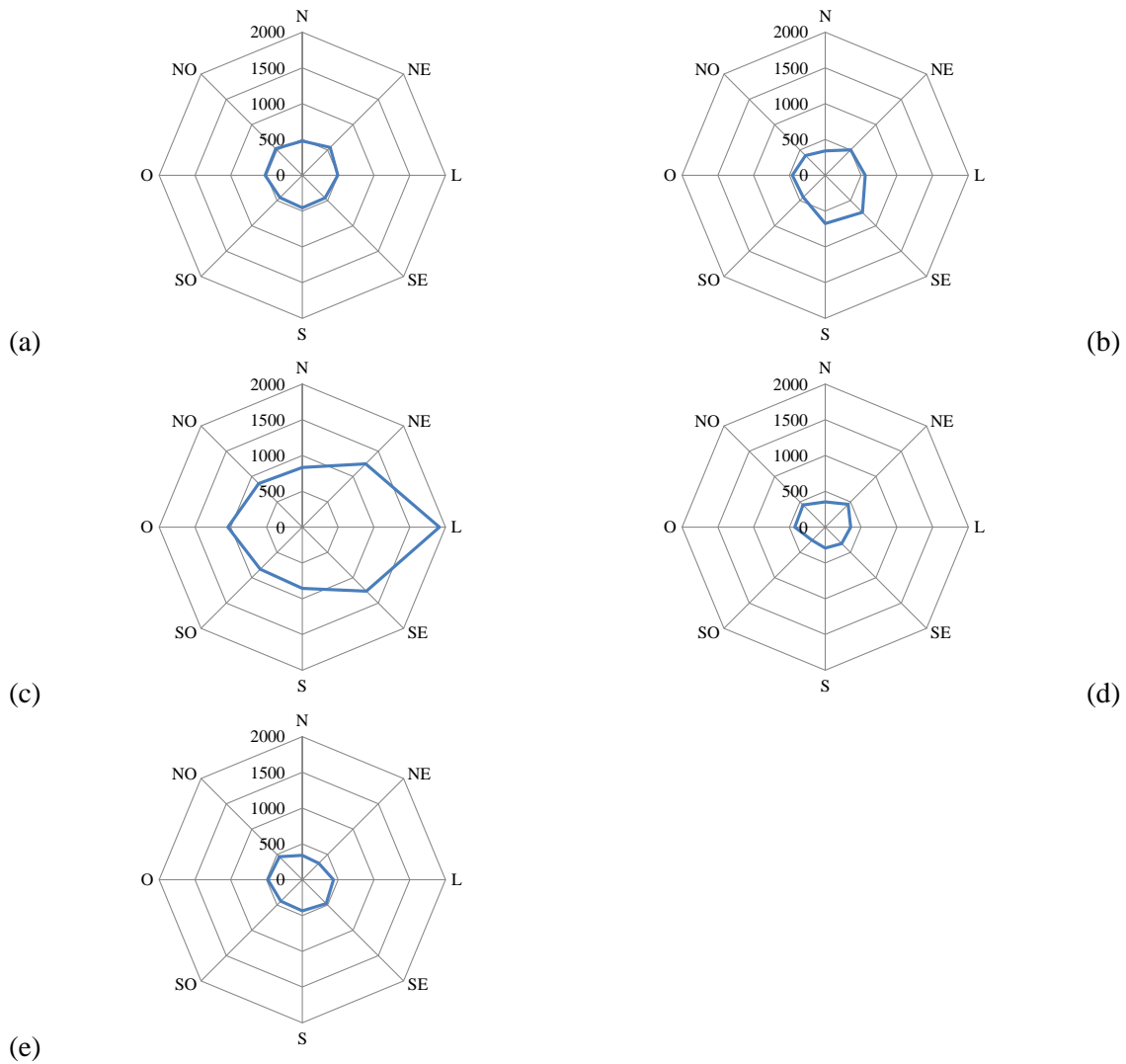


Figura 7.25. Perfil de concentração média horária de CO nas estações da RAMQAr com relação à direção do vento (gráfico de radar): (a) Laranjeiras**; (b) Enseada do Suá**; (c) VIX-Centro**; (d) Ibes** e (e) Cariacica**.

** Utilizado os dados de direção do vento da estação SBVT 83649 – Aeroporto de Vitória.

7.6. Hidrocarbonetos não metano (HCNM)

Não existem diretrizes ou padrões conhecidos de hidrocarbonetos totais, hidrocarbonetos não-metano (HCNM) ou metano usados como valores de referência para proteção à saúde. Os valores encontrados na literatura são estabelecidos para determinados HCNM ou grupos de HCNM para os quais são conhecidos os efeitos à saúde. O metano contribui principalmente para o efeito estufa. O monitoramento de HCNM deve-se, principalmente, ao seu papel como precursor da formação de ozônio, mesmo não havendo um padrão associado a esse poluente.

O valor máximo da média diária de concentração de HCNM na estação VIX-Centro foi 2,6 ppm, na estação Enseada do Suá, o valor encontrado foi em torno da metade do valor na estação VIX-Centro (Tabela 7.13, Figura 7.25). A média aritmética anual foi igual a 0,3 ppm na estação VIX-Centro e 0,2 ppm na estação Enseada do Suá (Tabela 7.13 e Figura 7.26). A estação Ibes não apresentou valores representativos das médias de concentração de HCNM.

Tabela 7.13. Valores das máximas diárias e da média anual de concentração de HCNM em ppm (ano base 2011).

	Enseada do Suá	VIX - Centro	Ibes
1ª Max	1,4	2,6	3,2(*)
2ª Max	1,2	2,5	2,6(*)
Media aritmética anual	0,2	0,3	0,3(*)

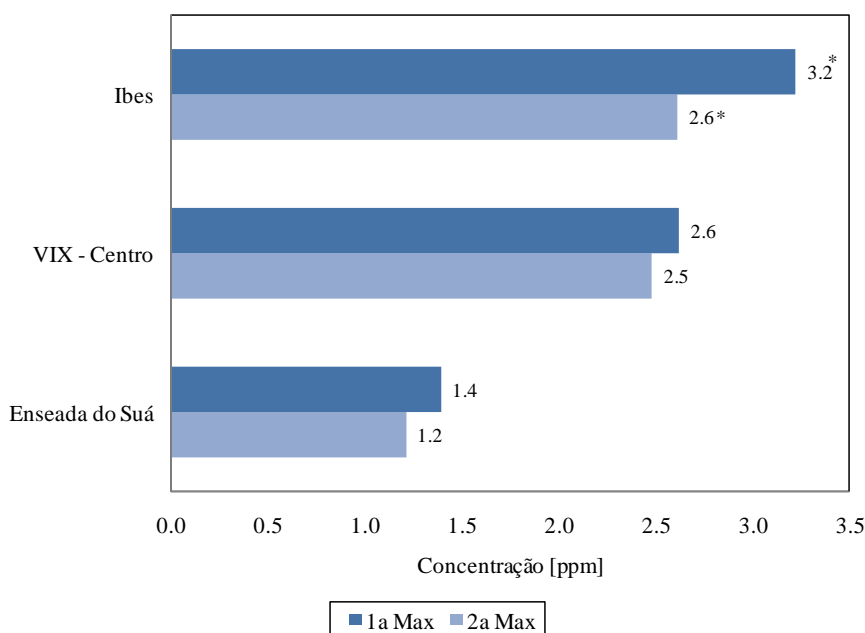


Figura 7.26. Concentração diária máxima de HCNM nas estações da RAMQAr (ano base 2011). Valores destacados com * são considerados não-representativos.

A Figura 7.27 apresenta o perfil de concentração média de HCNM com relação à direção do vento. A estação VIX-Centro apresentou as maiores concentrações de HCNM, bem como de MP_{10} , PTS, NO_2 e CO, associadas à direção do vento L. Essa associação, consistentemente, indica a influência do setor logístico nas concentrações desses poluentes.

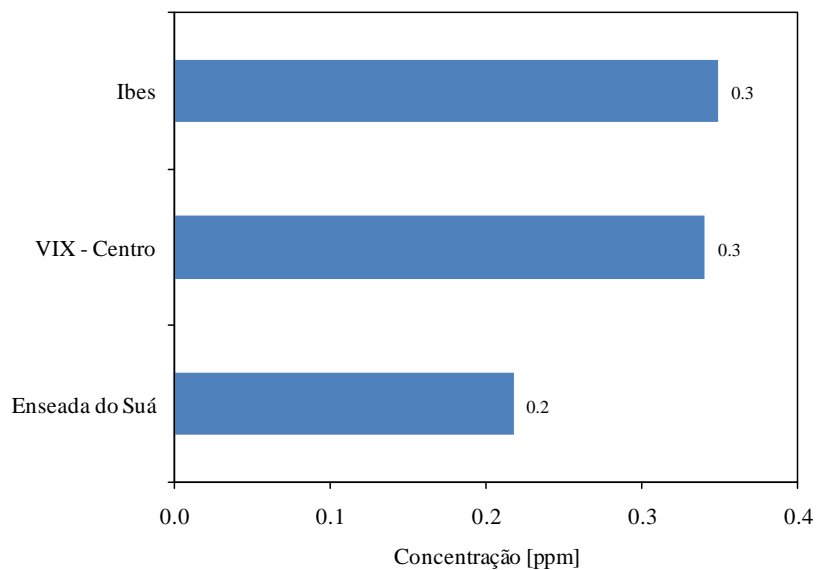


Figura 7.27. Concentração média anual de HCNM nas estações da RAMQAr (ano base 2011). Valores destacados com * são considerados não-representativos.

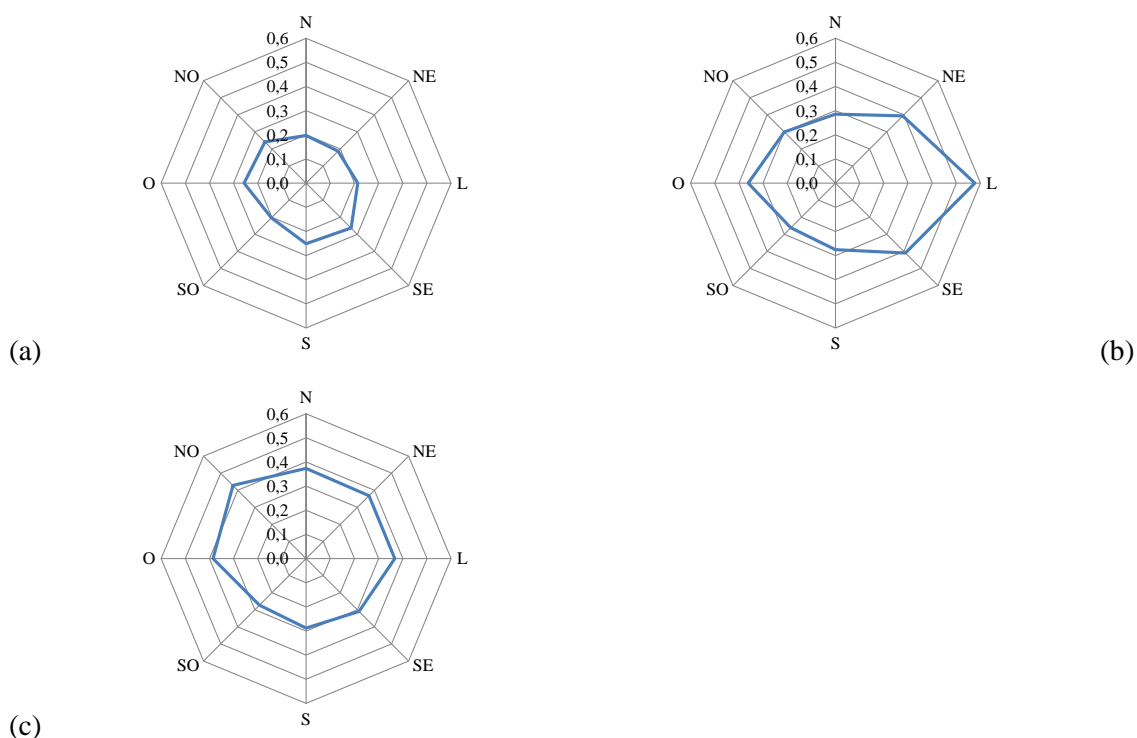


Figura 7.28. Perfil de concentração média horária de HCNM nas estações da RAMQAr com relação à direção do vento (gráfico de radar): (a) Enseada do Suá**; (b) VIX-Centro**; e (c) Ibes. ** Utilizado os dados de direção do vento da estação SBVT 83649 – Aeroporto de Vitória.

8. Considerações Finais

Este capítulo inclui os comentários e consideração finais sobre os resultados do monitoramento da qualidade do ar na RMGV em 2011, incluindo a operação da RAMQAr e a representatividade dos dados, ultrapassagem das metas, padrões e diretrizes e fontes de emissão de poluentes. A Figura 8.1 apresenta uma síntese dos resultados de monitoramento para cada uma das estações da RMGV, incluindo principais poluentes e fontes e ultrapassagens dos padrões de qualidade do ar.

Sobre a operação da RAMQAr e a representatividade dos dados

O número de dados válidos/disponíveis de qualidade do ar e meteorológicos é muito importante para garantir a representatividade das médias calculadas, principalmente, no que tange a comparação das concentrações médias calculadas com os padrões, metas e diretrizes da qualidade do ar. Assim, é necessário extrema prudência para assegurar a operação e manutenção preventiva dos equipamentos de monitoramento nas estações da RAMQAr e da Rede Manual de Monitoramento de Partículas Sedimentadas.

Sobre a ultrapassagem das metas, padrões e diretrizes

Não houve ultrapassagem do padrão CONAMA para curta exposição ao PTS em 2011, exceto em Laranjeiras onde foi ultrapassado o PQAr primário (apenas 1 dia) e em VIX-Centro, Laranjeiras e Cariacica onde foi ultrapassado o PQAr secundário (respectivamente, 1, 7 e 50 dias de ultrapassagem). Não houve ultrapassagem do padrão CONAMA para curta e longa exposição a nenhum outro poluente em nenhuma outra estação.

Em 2011, não houve ultrapassagem da meta intermédia MII para curta exposição (que somente representa valor legal de referência desde dezembro de 2013), exceto para o poluente MP_{10} em Cariacica (3 dias de ultrapassagem) e para o poluente PTS nas estações Cariacica (19 dias de ultrapassagem) e Laranjeiras (5 dias). Houve ultrapassagem da MII para longa exposição (média anual) ao MP_{10} na estação Cariacica. A meta intermediária MII para PS foi ultrapassada nas estações Laranjeiras (2 meses), Cariacica (2 meses), Enseada do Suá e Banca Central (1 mês) durante o ano de 2011. Houve ultrapassagem da meta intermediária MII para curta exposição ao poluente SO_2 na estação Jardim Camburi (15 dias de ultrapassagem) durante 2011.

Apesar do majoritário atendimento dos padrões CONAMA e MII na RMGV, é importante acompanhar o atendimento das diretrizes OMS, pois estas constituem-se nos padrões finais que são objetivados pela legislação estadual de 2013. Dessa forma, é importante conhecer o quanto distante do atendimento dessas diretrizes está a RMGV e quais são os principais poluentes e estações de atenção prioritária.

Houve ultrapassagem da diretriz OMS e PF para efeitos agudos à saúde devido a curta exposição ao MP_{10} em 07 estações: Cariacica (183 dias), Laranjeiras (69 dias), Ibes (49 dias), VIX-Centro (29 dias), Enseada do Suá (27 dias), Carapina (5 dias) e Jardim Camburi (1 dia). Houve, também, ultrapassagem da diretriz OMS e do padrão estadual PF para efeitos crônicos à saúde (média anual) em todas as estações. Também foram ultrapassados os valores do PF para curta e longa exposição de PTS em Cariacica e para curta exposição em Laranjeiras (7 dias), VIX-Centro (1 dia) e Cariacica (50 dias). Para o poluente SO_2 , houve ultrapassagem da diretriz OMS e do padrão estadual PF (curta exposição) em todas as estações: Jardim Camburi (333 dias), Enseada do Suá (314 dias), VIX-Centro (262 dias), Ibes (174 dias), Laranjeiras (43 dias) e Cariacica (40 dias).

Assim, há de se controlar, de forma urgente, as emissões a fim de reduzir as concentrações de MP_{10} , e PTS em Cariacica e SO_2 em Jardim Camburi. Deve-se, também, de forma planejada controlar as emissões de MP_{10} e SO_2 para redução das concentrações desses poluentes em toda a RMGV a fim de atender os valores referenciais atuais e, principalmente, como preparação para as metas e padrões posteriores que são mais restritivos e deverão ser atingidos.

Houve ultrapassagem do valor limite estabelecido na legislação estadual de 2013 (meta intermediária MII) para a taxa de deposição de partículas sedimentadas nas estações Laranjeiras, Cariacica e Banca Central durante o ano de 2011.

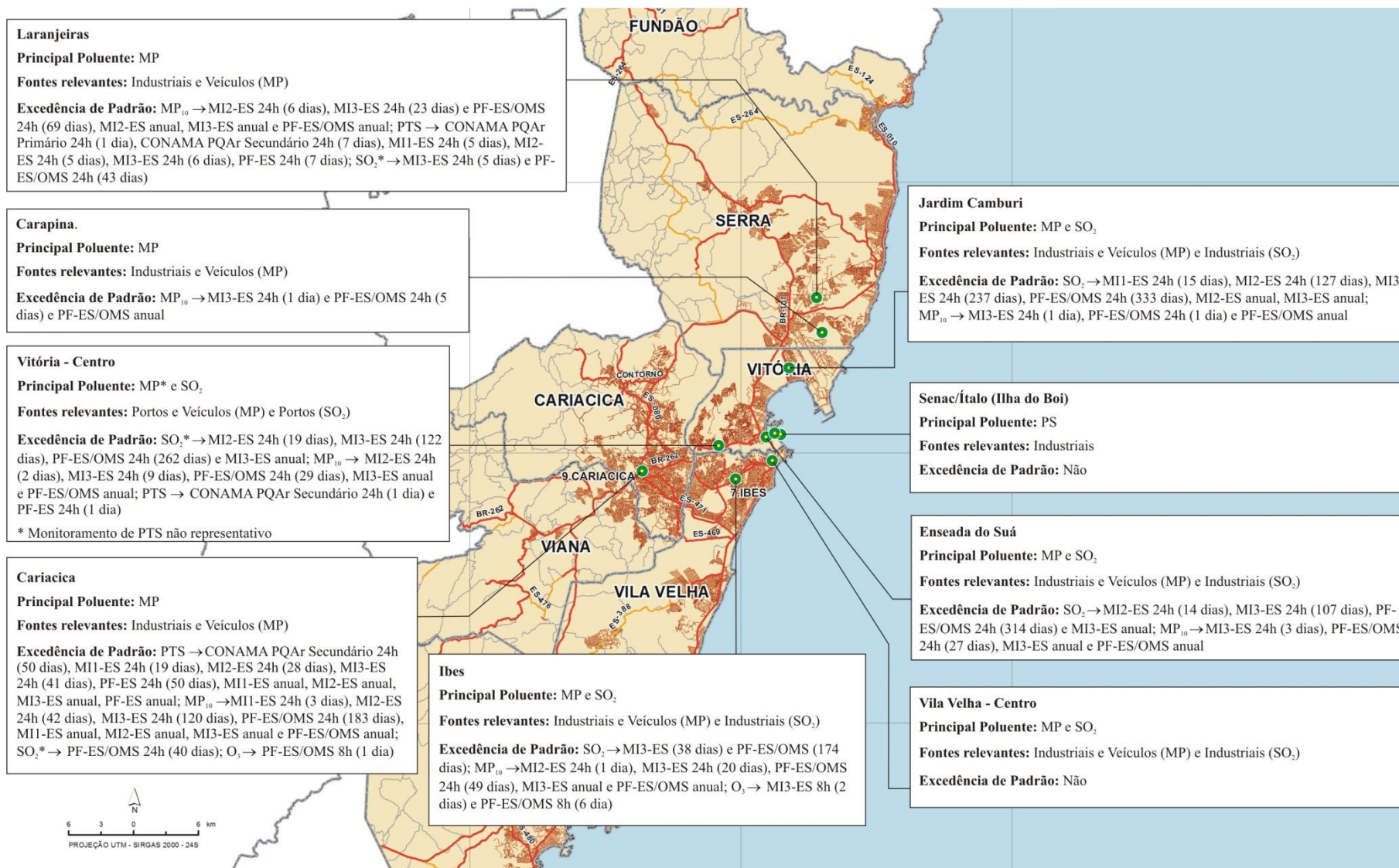


Figura 8.1. Sumário dos principais resultados de monitoramento para cada estação na RMGV.

Sobre as fontes

O inventário existente representa as emissões nos anos em que foram realizadas as estimativas e medições. Dessa forma, os dados apresentados neste documento requerem uma revisão para incorporar as variações nas emissões desde a elaboração do inventário, que podem estar relacionadas a alterações nas emissões de origem industrial ou veicular.

Na Região Metropolitana da Grande Vitória, as principais fontes de poluição do ar, segundo o inventário de fontes, são as indústrias minero-siderúrgicas, os veículos e o setor logístico (portos e aeroportos).

É importante notar que, segundo o inventário, mais de 60% das emissões de partículas estão ligados à ressuspensão de partículas já depositadas nas vias, um problema que pode ser minimizado com a diminuição da sujidade das vias. Conforme citado anteriormente, apesar da taxa de emissão ligada à ressuspensão de partículas já depositadas nas vias ser distribuída ao longo de uma grande área urbana, e não concentrada pontualmente como emissões industriais, por exemplo, as taxas de emissão são significativamente elevadas, mesmo quando comparado a outros centros urbanos, tais como São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Recife (ANDRADE *et al.*, 2012), Nova Delhi-Índia (GUTTIKUNDA e CALORI, 2013) e Barcelona-Espanha (AMATO *et al.*, 2009). Tal magnitude indica que esse é um tema que requer mais estudo para a região.

Além dos veículos, outro grupo de emissões bastante relevante para a RMGV são as indústrias minero-siderúrgicas, que aparecem como maior responsável pelas emissões de alguns poluentes (SO₂ e NO_x) e como segundo maior responsável dos restantes (material particulado e CO), segundo o inventário de emissões. Estas emissões estão concentradas principalmente na Ponta de Tubarão, o que constitui um problema relevante para algumas regiões da RMGV quando é considerada a direção predominante N-NE dos ventos.

Muito se discute sobre o material particulado na RMGV, entretanto, os resultados deste relatório mostram dados preocupantes também quanto SO₂, com concentração particularmente elevadas nas direções relacionadas às indústrias minero-siderúrgicas. Esse deve ser um fator de estudo e planejamento para o futuro próximo, principalmente com vistas a atender as metas intermediárias e padrões finais previstos na legislação estadual de 2013.

9. Referências

- Amato, F., Pandolfi, M., Escrig, A., Querol, X., Alastueya, A., Peya, J., Perez, N., Hopke, P. K., Quantifying road dust resuspension in urban environment by Multilinear Engine: A comparison with PMF2, *Atmospheric Environment* 43, 2770–2780, 2009.
- American Society For Testing Materials. ASTM D-1739: Standard Test Method for Collection and Measurement of Dustfall (Settleable Particulate Matter), 1998 (re-aprovada em 2004).
- Andrade, M. F., Miranda, R. M., Fornaro, A., Kerr, A., Oyama, B., Andre, P. A., Saldiva, P., Vehicle emissions and PM2.5 mass concentrations in six Brazilian cities, *Air Qual. Atmos. Health*, 5:79–88, 2012.
- Cavalcanti, I. F. A.; Ferreira, N. J. ; Dias, M. A. F.; Justi, M. G. A. *Tempo e Clima no Brasil*. São Paulo, Oficina de Textos, 2009.
- Climanálise. Boletim de monitoramento e análise climática. MTC/INPE, v.25, 2010.
- Companhia de Tecnologia de Saneamento Ambiental (CETESB). *Qualidade do ar no Estado de São Paulo*, São Paulo, 2013.
- Conselho Estadual de Proteção Ambiental. *Deliberação Normativa Nº 01 de 26 de maio de 1981*. Minas Gerais, Brasil, 1981.

- Conti, M.M., Menegussi, L.R., Reis, N.C., Santos, J.M., Silva, F.J., Scandian, C. Chemical and morphological characterization of dustfall (dry deposition) in Vitória-ES, Brazil. European Aerosol Conference, Karlsruhe, 2009.
- Departamento Nacional de Trânsito (DENATRAN), Frota de Veículos. Disponível em <<http://www.denatran.gov.br/frota.htm>>. Acesso em 15/02/2014.
- Department of Environmental Conservation of New York (DECNY). Disponível em: <<http://www.dec.ny.gov/regs/2492.html>>. New York, 2009.
- Department of Environmental Quality Montana (DEQM). Disponível em: <<http://www.deq.mt.gov/dir/legal/Chapters/Ch08-toc.mcp>>. Montana, USA, 2007.
- European Environment Agency (EEA). Air quality in Europe — 2013 report, Luxembourg, 2013.
- Farfel, M. R., Orlova, A.O., Lees, P.S.J., Rohde C., Ashley, P.J., Chilsom, J.J., A study of urban housing demolition as a source of lead in ambient dust on sidewalks, streets, and alleys. Environmental Research 99, 204-213, 2005.
- Governo do Estado do Espírito Santo. Decreto nº 3463-R, de 16 de dezembro de 2013. Estabelece novos padrões de qualidade do ar e dá providências correlatas, Estado do Espírito Santo, 2013.
- Guttikunda, S. K., Calori, G., A GIS based emissions inventory at 1 km 1 km spatial resolution for air pollution analysis in Delhi, India, Atmospheric Environment, 67, 101-111, 2013.
- Holgate, S. T., Koren, H. S., Samet, J. M., Maynard, R. L., Air Pollution and Health, Academic Press; 1st edition, 1999.
- Hu, T. et al. Morphology and elemental composition of dustfall particles inside emperor Qin's terra-cotta warriors and horses museum. China Partic. Vol. 4, N° 6, 346-351, 2006.
- Instituto Estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos (IEMA). Relatório da qualidade do ar na região da grande vitória, Vitória-ES, 2007.
- EcoSoft Consultoria e Softwares Ambientais (EcoSoft). Inventário de emissões atmosféricas da região da grande vitória. Acordo de Cooperação Técnica IEMA & EcoSoft nº 010/2009. RTC10131-R1, Vitória, 2011.

- Instituto Estadual do Ambiente (INEA). Relatório de qualidade do ar do Estado do Rio de Janeiro ano base 2010 e 2011. Rio de Janeiro, 2013.
- Instituto Jones dos Santos Neves (IJSN). Atlas de Desenvolvimento Humano, Região Metropolitana da Grande. Vitória, 2010.
- Instituto Jones dos Santos Neves (IJSN). ES em Mapas, disponível em <http://www.ijsn.es.gov.br/>, acesso em: 18/03/2014.
- Instituto Jones dos Santos Neves (IJSN). Perfil Regional, Região Metropolitana da Grande Vitória, Vitória, 2008.
- Instituto Jones dos Santos Neves (IJSN). Produto Interno Bruto (PIB) Espírito Santo 2011. Vitória, 2013.
- Instituto Nacional de Meteorologia (INMET). Dados Climatológicos. Disponível em: <http://www.inmet.gov.br/portal/index.php?r=clima/normaisClimatologicas>, acesso em: 15/03/2014.
- LEI Complementar Estadual nº 58, de 21 de fevereiro de 1995. Dispõe sobre a criação da Região Metropolitana da Grande Vitória, Vitória – ES, 1995.
- LEI nº 6.938, de 31 de agosto de 1981. Dispõe sobre a Política Nacional do Meio Ambiente. Brasília 1981.
- LEI nº 948/98 - PMM Dispõe sobre a Lei de Proteção, Controle, Conservação e Melhoria do Meio Ambiente do Município de Macapá, Macapá – AP, 1998.
- Mendonça, F., Danni-Oliveria, I. M. Climatologia: noções básicas e climas do Brasil. São Paulo. Editora Oficina de Texto. 206p. 2007.
- Minuzzi, R.B.; Sedyama, G. C.; Costa, J. M. N.; Vianello, R. L. Influência da La Niña na estação chuvosa da Região Sudeste, Revista Brasileira de Meteorologia, São José dos Campos, v.22, n. 3 p.345-353, 2007.
- Resolução CONAMA nº 08 de 06 de dezembro de 1990. Dispõe sobre limites máximos de emissão de poluentes do ar (padrões de emissão) para processos de combustão externa em fontes novas fixas de poluição com potências nominais totais até 70 MW (setenta megawatts) e superiores. Brasília, 1990.

- Resolução CONAMA nº 18, de 6 de maio de 1986. Dispõe sobre a criação do Programa de Controle de Poluição do Ar por veículos Automotores (PROCONVE). Brasília, 1986.
- Resolução CONAMA nº 3 de 28 de junho de 1990. Dispõe sobre os padrões de qualidade do ar. Brasília, 1990.
- Resolução CONAMA nº 382, de 26 de dezembro de 2006. Dispõe sobre os limites máximos de emissão de poluentes atmosféricos para fontes fixas. Brasília, 2006.
- Resolução CONAMA nº 5, de 15 de junho de 1989. Dispõe sobre o Programa Nacional de Controle da Poluição do Ar (PRONAR). Brasília, 1989.
- Sant'anna Neto, J. L. Decálogo da climatologia do Sudeste Brasileiro. Rev. Bras. Climat., v. 1, n. 1, p. 41-60, 2005.
- Santos, J. M.; Reis, N.C; Caracterização e quantificação de partículas sedimentadas na Região da Grande Vitória. Relatório Técnico. Fundação Espírito-Santense de Tecnologia, Vitória, 2011.
- Seinfeld J. H.; Pandis S. N.; Atmospheric Chemistry and Physics: From air pollution to climate change. 2ª Ed. John Willey and Sons Inc. 2006.
- Vallack H. W., Shillito, D. E. Suggested guidelines for deposited ambient dust. Atmospheric Environment, vol. 32(16), p. 2737-2744, 1998.
- Varejão-Silva, M. A. Meteorologia e climatologia. 2. ed. Recife, 449 p., 2006.
- Vianello, R. L., Alves, A. R. Meteorologia Básica e Aplicações. Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais, 1991.
- World Health Organization (WHO). Air quality guidelines global update 2005. Genebra, 2006.
- World Health Organization (WHO). Carbon monoxide (Environmental health criteria; 213) 2nd Edition, Geneva, 1999.
- World Meteorological Organization (WMO). Technical Regulations, Vol. I. WMO Publication N° 49. Geneva, Switzerland, 1984.